



♧ 43 Anos ♧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

Este livro foi composto e diagramado
nas fontes: Arial corpos 8 e 11, Times New Roman corpo 11.
Miolo em papel Pólen 75 g/m² - 1 Caderno em Couchê 115 g/m²
e capa em Cartão Triplex 300 g/m²
Impresso pela Navegar Gráfica e Editora em novembro de 2021.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 23 ANO XXIII 2021



NAVEGAR EDITORA®

Copyright © 2021 Academia Guarulhense de Letras
Revista nº 23 Ano XXIII 2021 - Edição dos 43 anos

Todos os direitos desta edição, reservados para:
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

ISBN: 978-65-990719-8-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

23ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL Guarulhos - SP: A Academia 2021 Vários autores - ISBN 978-65-990719-8-0 1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras 3. Poesias brasileiras - coletâneas <p style="text-align: right;">CDD - 869.9308 869.9108</p>
--

Ficha Técnica

Coordenação Editorial: *Valdir Carleto*
Revisão: *Clovis Domingues, Fábio Cardoso dos Santos, José Augusto Rodrigues Pinheiro, José Roberto Jerônimo e Valdir Carleto.*
Diagramação: *José Roberto Jerônimo*
Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*
Capa: *José Roberto Jerônimo*

Editora: Navegar Gráfica Distribuidora e Editora Ltda.
Endereço: R. Cel. Emídio Piedade, 659 - São Paulo - SP
CEP 03018-010 - Fone 11-3482-5055
Site: www.navegareditora.com.br
E-mail: navegar@navegareditora.com.br

Academia Guarulhense de Letras - AGL
Endereço para correspondência:
Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro
Guarulhos - SP - CEP 07115-020
Site: www.academiagarulhense.org.br



43 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

DIRETORIA 2021 / 2022

Presidente:

Valdir Carleto

Vice-presidente:

Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Secretário geral:

Mauro dos Santos Oliveira

1ª Secretário:

Teresinha Silva Maltez de Souza

2ª Secretário:

Clovis Domingues

Tesoureiro geral:

José Augusto Rodrigues Pinheiro

1ª Tesoureiro:

Fábio Cardoso dos Santos

2ª Tesoureiro:

José Roberto Jerônimo

Conselho Fiscal

Presidente: Antonia Conceição Vaz Duarte; Isabel Borazanian
Macedo de Oliveira e Jacques Miranda de Oliveira

Suplentes:

André Figueiredo Rodrigues; João Bosco da Silva
e Gil Campos de Farias

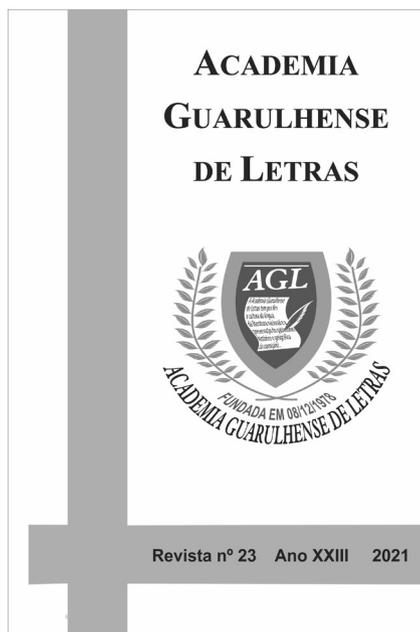
Orador oficial:

José Augusto Rodrigues Pinheiro

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999, e atualizado com o brasão da Academia Guarulhense de Letras.

Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta
On demande l'échange - Man bitter um austausch
Si praga l'intercambio*




43 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

João Bosco da Silva

PARTE I - Artigos

ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE	15
BISMAEL BATISTA DE MORAES	35
DEVANILDO DAMIÃO	39
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS	49
FERNANDO CANTO BERZAGHI	57
GIL CAMPOS DE FARIAS	67
ISABEL BORAZANIAN	73
IVO DE SOUZA	83
JANDILISA GRASSANO	99
JOÃO CARLOS BIAGINI	109
JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO	119

JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO	127
KARLA MARIA	135
MAURO SANTOS OLIVEIRA	143
SÍLVIO RIBEIRO	147
TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA	157
VALDIR CARLETO	163

PARTE II

NOTA FÚNEBRE - JOÃO CARLOS BIAGINI	175
--	-----

PARTE III

RECONHECIMENTO E GRATIDÃO	179
---------------------------------	-----

PARTE IV

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ...	183
--	-----

PARTE V

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI	195
--	-----

PARTE VI

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA	198
---------------------------------------	-----

PARTE VII

GALERIAS	202
----------------	-----

Os textos representam opiniões de cada acadêmico.
A Academia, por sua Diretoria constituída, não interfere no
conteúdo dos autores.



43 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

APRESENTAÇÃO

A ACADEMIA, AS LETRAS E O CONHECIMENTO

Sinto-me lisonjeado em receber a incumbência de escrever esta apresentação para a Revista/2021, da AGL - Academia Guarulhense de Letras. Isto porque esta Revista traz uma história que conta a própria evolução cultural de Guarulhos, escrita desde a fundação da Instituição, em 1978, quando intelectuais, guardando preocupações com a preservação de nossa Língua Portuguesa, reuniam-se em uma sala da Catedral Nossa Senhora da Conceição, para discutir caminhos para o desenvolvimento literário de nossa cidade. Assim nascia a AGL - Academia Guarulhense de Letras, uma instituição que desde aquela data congrega intelectuais que cuidam de nossa Língua Portuguesa e iluminam as mentes, com a luz do conhecimento e com a beleza da Literatura.

No início eram senhores e senhoras que organizavam saraus literários e doavam os primeiros livros, de acervo próprio, para a montagem de uma biblioteca. Essas reuniões seguiram com o tempo e chegaram a funcionar em salas da FIG - 'Faculdades Integradas de Guarulhos', na Vila Rosália.

As décadas transcorreram e os acadêmicos fundadores foram passando para a imortalidade, deixando a honrosa missão cultural para os que chegavam. E assim, seguiam as reuniões mensais até a instalação da nova sede, na Vila Galvão. Enquanto isso, a cidade ia compreendendo cada vez mais a importância da AGL para a Cultura da cidade, através da longa lista de serviços literários prestados pela Instituição Cultural.

Passaram-se as décadas. E a cada ano a qualidade intelectual dos membros deste Sodalício ia sendo registrada nas páginas da Revista da AGL, em todas suas edições. É um compêndio de poesias, contos, crônicas e tratados, que conta a própria história cultural da cidade, com tendências literárias diversas e sabores gerados pela própria dinâmica do crescimento da Academia, provando a cada edição o quão importante é a Cultura para uma sociedade e passando a certeza de que são a Educação e a Cultura juntas os motores (únicos) capazes de alçar nosso País à condição de Nação.

Por fim, com entusiasmo, convido a todos a ler a Revista AGL/2021 para que sintam, como eu, muito orgulho dos acadêmicos guarulhenses, que sempre contribuíram e contribuem literariamente com a Cultura de Guarulhos, de São Paulo e do Brasil.

João Bosco da Silva
Acadêmico Efetivo



❧ *43 Anos* ❧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE I - ARTIGOS



ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE

JEFFERSON, O LÉPIDO!

Lá vai ele, célere, em direção à Vila Rosália. Sempre alerta, em disparada, logo que percebia algum movimento da professora Marina, encerrando suas atividades.

Ofegante, chegava em frente ao grande portão da casa da avenida Francisco Conde e se aninhava na “gaiola” que protegia a entrada, serventia coberta de quem adentrava a pé, ao lar.

Acocorava-se tranquilamente, sem alarido, na certeza de logo avistar o carro vermelho da diretora Marina. Como de hábito, chegava antes da moradora. Não era exigente, apenas queria ficar sempre por perto da sua protetora.

O caçula de Marina incomodava-se com o intruso perturbador e ao avistá-lo, de pronto, gritava:

– Mãe, seu outro filho chegou! – berro irritadiço manifestava grande aborrecimento. Ciúmes?

A jovem senhora, mal descia do carro, oferecia ao menino alguma coisa para comer:

– Quer uma fruta, Jefferson? Alguma outra coisa?

– Não, obrigado... tô bem! Já tomei sopa com a turma da tarde, na escola – respondia. Às vezes, até aceitava alguma coisa, só para enrolar o tempo.

Fome do quê? Não era apenas comida que iria saciar suas carências... Ele era uma falência afetiva, porém, ainda com algumas minguadas reservas, como uma semente, no deserto à espera de um chuvisco ou bruma para despertar e florir. Memórias que se reencenam em cada momento, no qual os dois se ajudavam.

– Semana que vem já vamos preparar a escola para a festa junina; né, dona Marina?

Sempre rodeando... Rodopiando em torno da professora, sentia que o afeto era de ambos, transbordante, nada contido. Quem precisava mais de quem?

Jefferson, no alto dos seus nove anos, era ajuda certa para todas as tarefas do “Rosa Brota”. A escola, bem mais atrativa, era continuação do seu melancólico lar... Todos conheciam sua história com similaridades fartas comparadas aos demais alunos.

O menino pardo, mestiço como a maioria dos colegas, misturava-se bem à turma, mas emergia no quesito afeto. O desejo incontido era ser adotado pela segunda vez, mas desta feita, já tinha a mãe escolhida: a diretora da escola. “Na alma ninguém manda... Ela simplesmente fica onde se encanta.” (Fernando Pessoa)

Garoto comportado, não quebrava as regras da boa convivência, estava acostumado à rejeição e ao açoite parental. Era tímido, de uma timidez fabricada, bem aprendida. Até para rir, parecia pedir licença; para chorar, sabiamente engolia o choro.

As coisas não são tão simples assim. A jovem diretora mal dava conta de seus três filhos, marido, trabalho, pós-graduação e casa. Muitas vezes olhava para Jefferson querendo acolhê-lo em seus braços, abrigá-lo em sua espaçosa e agradável casa. Porém, eram muitas variáveis intervenientes a considerar.

Quem aparecia, vez por outra na escola, era o pai do menino. A mãe não o aceitava de forma alguma. Vizinhos alertavam que fechavam a porta para o pequeno e deixavam-no dormir ao relento como um animal abandonado.

Forçosamente, Jefferson tinha hábitos minimalistas, precisava de muito pouco para viver. Do que carecia mesmo era de afeto, geralmente escasso na miséria. Cabe, neste momento, evocar Madre Teresa de Calcutá: “A falta de amor é a maior de todas as pobrezaas”. Pior: o moleque era uma miséria desconcertante!

A história do menino ligeiro era feita em recortes, narrações orais de fatos da sua vida: uma informação aqui, outra ali e tínhamos uma narrativa mal contada, mal vivida, com futuro incerto, como incerto é o de todos nós. Jefferson sentia faltas e lacunas de toda ordem...

Época de festas juninas, a escola engalanada de bandeirinhas, cheiro de pipoca no ar... Nos ares, lindos balões sobem, mas também caem; desta vez, no telhado da biblioteca da escola. Quanto alvoroço!

– Quem está lá em cima, Jefferson?

– É o Joca, professora... acho que está noia!

Doze anos incompletos e já está metido com o vício. Era de fazer dó e medo. De chofre, o insano começa a atirar telhas no pátio, onde as crianças lanchariam dentro de instantes.

Em vão, a inspetora de alunos suplica para que Joca desça. Seguem-se várias tentativas frustradas de educadores que viam a cena. Rapidamente, a diretora apela para Jefferson:

– Alerta os professores das salas em direção ao estacionamento, que eu avisarei as salas próximas à biblioteca: o recreio está suspenso, depois explicaremos o motivo. O menino, ágil como um raio, logo retorna ofegante... E feliz! Adorava sentir-se útil!

Joca desceu protestando, escoltado pelo bombeiro, que nos socorreu evitando uma possível tragédia.

Desta forma, o aluno Jefferson participava direta ou indiretamente dos acontecimentos da escola; era onde sua dignidade se lustrava. Percebia-se no comportamento pueril, uma suavidade rara de se notar em crianças talhadas a maus tratos. Assim crescia, sem perder a ternura...

Pai duro, rude, sabia usar bem o chicote; mãe insossa, indiferente e emocionalmente ausente. A melancolia era perene e os momentos de satisfação eram escassos e fugazes, apenas um relance. Contudo, Jefferson sabia aproveitá-los como ninguém. Ter equilíbrio emocional seria busca de vida inteira.

Jefferson era assíduo e participativo. Gostava das festas escolares, mesmo as cerimônias de formatura, especialmente quando o Cláudio, ilustre ex-aluno, seria o palestrante. Era um ídolo para os alunos, ovacionado a cada discurso.

O filho do barbeiro do bairro era oficial da Aeronáutica, aviador em Brasília. Recebeu o espadim do então presidente da República João Figueiredo. Cadetes do primeiro ano recebem o espadim, o símbolo de incorporação à academia, que o acompanhará até o término do curso. Naquele ano, ele foi o primeiro colocado nos exames de ingresso à Academia da Força Aérea em Pirassununga: um orgulho para a família e para o “Rosa Brota”. Cláudio era um exemplo: a ascensão social é possível pelo estudo.

No final do ano passado, por ocasião da formatura da última turma da oitava série, hoje nono ano, um acontecimento escatológico foi notícia no bairro durante meses...

– Diretora... Professora Marina... A senhora nem imagina o que o guarda estava contando, chispava fogo, doidinho da vida! Ouvi tudo, fiquei de banda, mas deu para entender tudinho. Fizem xixi na garrafa dele... Éhhhhhhh... do guarda Damião! Bravo feito o capeta, disse que a coisa não vai ficar bem.

– Calma... Muita calma... Fale devagar! O que houve mesmo?

– Eu vou chamar o Damião!

Coreografia nova, usando passos curtos e lentos como não querendo chegar, aproximou-se o trio muito familiar: Laura, que estava meio ausente, Jefferson e o guarda Damião. Este, responsável pela segurança escolar, bufava descontrolado, perdendo, por tropeços emocionais, o domínio da narrativa:

– Há anos trabalho neste estabelecimento de ensino e nunca fui tão ofendido, desrespeitado, afrontado desse jeito! A senhora precisa tomar providências muito severas, dona Marina. É caso de polícia! Fui tomar o meu chá, no intervalo, à noite, como de costume. Peguei minha garrafa térmica, coloquei um pouco na xícara e tomei rápido para não esfriar... Hak... Hak... Vomitei! O cheiro era fétido, fedido de urina... Que punição eles merecem, senhora diretora?

Damião era um misto de tristeza, raiva, indignação e ódio. A diretora fitou de relance as testemunhas atônitas do reclamante, que aguardavam resposta à altura da transgressão. Os três “mosqueteiros” arredaram-se, colocando-se estrategicamente à porta da diretoria, esperando o veredito.

– Já se faz tarde, não podemos resolver esse problema, no clamor dos fatos; não resultará em sábia solução. Amanhã, com calma, vamos conversar com os envolvidos, particularmente, depois nos reuniremos para uma esmiuçada discussão. Vamos tentar encontrar o fio de Ariadne que nos conduzirá à luz... Tenhamos uma repousante noite de sono, reflitamos... O amanhecer é bom conselheiro.

Descontentes e vagarosos, Jefferson, Laura e Damião afastaram-se, resmungando cada um na sua língua. Nem anjos, nem demônios, cada qual tinha que se haver com suas demandas inconscientes.

Dona Marina passou a noite em novelos com seus personagens, parturiando ideias:

- Punir alunos que praticamente já estavam fora da escola, sem medidas.

- Chamar os pais dos malfeitores e explicar-lhes o sucedido, poderia complicar o problema... Trazer mais agruras.
- Deixar os fatos como tal, seria omissão, não é papel educativo.

No dia subsequente ao fatídico acontecimento, dona Marina estava mais centrada; nada como um período transcorrido para amenizar os dramas da alma. Teve tempo de conversar com algumas pessoas da comunidade escolar. O julgamento era tenebroso, severo; sanções impossíveis de serem aplicadas. O guarda não tinha boa inteligência inter-relacional, vivia às turras com os alunos mais velhos. Adolescentes não costumam facilitar as coisas. Cada tempo, sua fala, sua escuta, seu silêncio.

Exibindo uma tranquilidade racionalmente elaborada, assim apresentou-se a diretora do “Rosa Brota” para falar com Damião, a vítima do xixi.

– Venha cá, homem de paz... Chegue! Conversaremos calmamente sobre o ocorrido que nos aflige tanto.

Após uma introdução amigável de palavras escolhidas, dona Marina foi enumerando cada item anteriormente estudado.

– Saiba, Damião: estou muito triste com essa desprezível peripécia. É preciso muita compreensão diante do nefasto episódio, abdicar da vingança, dominar a raiva! É importante desenvolver a nossa inteligência emocional, apaziguar o coletivo, para não prejudicarmos a comunidade. Observe uma colmeia: por instinto, cada membro exerce uma função – tem a rainha, as guerreiras e as operárias. Todas trabalham para o bem do grupo.

A diretora discorria cada fato e o guarda enxertava um contraponto. Ela o deixou falar... Falar... Até gastar sua raiva represada. Durante todo o tempo, estava preocupada com o desfecho da conversa. Finalmente, o ofendido suspirou deveras inconformado:

– Confio na senhora, dona Marina, embora seja difícil aceitar qualquer solução! Não dormi nessa noite, vou para casa mais cedo com a sua permissão.

– Deus abençoe, Damião! Até amanhã...

Jefferson e Laura, por acaso, perderam esse capítulo da novela; estavam na aula de educação física. Chegaram correndo, suados, esbaforidos, com pressa e adentraram à diretoria, sem pedágio algum, nem com licença. Laura foi logo dizendo:

– Cadê o Damião, professora?

Ao que completou Jefferson:

– Não está mais aqui, não... O que aconteceu, dona Marina?

– Chega por hoje! Temporariamente a questão foi arrefecida. Conversamos, foi produtivo. Terminadas as aulas, convém irem para casa. Amanhã, haverá reunião de pais e mestres, lembram?

Os dois colegas saíram com a curiosidade não satisfeita; mas, sem alternativas, obedeceram.

A diretora tinha muito que organizar antes de ir para casa. Um turbilhão de acertos e providências a tomar, mesmo tendo auxiliares bastante competentes. Às vezes, sentia-se sozinha como num sonho. O poder, mesmo que pequeno, é solitário. Tinha medo de tomar decisões erradas e prejudicar pessoas. Os professores, os educandos, os funcionários e os pais exigiam muita energia libidínica de Dona Marina. Queria demais ajudar, mas havia limites, nem sempre transponíveis. Quando vinha o desânimo, lembrava-se da escritora Cora Coralina: “Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende”.

Momento importante a reunião de pais e mestres, quando as queixas, reclamações, sugestões e informações pedagógicas fa-

vorecem o trabalho escolar. Pouquíssimos pais presentes; o pai do Jefferson era uma exceção. Aproveitava a ocasião para reclamar do filho e contar um pouco da história malsucedida de adoção.

Olhando para o aluno, encolhido na carteira, como quem quisesse ficar invisível, o pai de Jefferson atirou:

– Sabe, dona Marina, a mãe dele não o pôde criar e resolvemos ficar com ele por precisão; minha mulher não queria de jeito nenhum, depois acabou se conformando com a presença dele. Ainda neném, muito miúdo, fraquinho, deu o que fazer, piorou ainda mais quando tivemos de lidar com a epilepsia, doença desconhecida por nós.

Por mais rude que o genitor se comportasse, tinha algum laço afetivo com o garoto rejeitado. Rejeitado contumaz por duas vezes. Somem-se a isso as manifestações homeopáticas de desamor constante por parte de toda a família: alfinetadas que deixavam sua alma infantil como peneira. Tempos depois, Jefferson perdeu o pai e sua mãe não impediu que ele fosse para um abrigo de menores. (Acolhimento Institucional)

De sala em sala, a diretora supervisionava o encontro quase festivo entre pais e professores. Alguns poucos alunos também se faziam presentes, por necessidade ou puro prazer.

Laura estremeceu quando sua mãe solicitou uma conversa particular com dona Marina. Foram céleres para a diretoria, devindo ao adiantado da hora. A jovem mãe, sacudindo a menina pelo braço e descontrolada, vociferou:

– Tá vendo essa menina aqui, dona Marina? Ela não presta não!... Dá para todos os meninos lá na comunidade. Vadia! Se a senhora quiser, pode levar pra sua casa, de papel passado.

Nesses dez anos, Laura já estava habituada a vexames, agressões e violência moral, porém, não o suficiente. Ficou parali-

sada com a humilhação pública. Sua mãe contava apenas 15 anos mais do que ela. Gravidez na adolescência, carecendo ajuda, criou a filha sozinha com sua ignorância, miséria e indiferença.

Laura e sua mãe eram puro desamparo. Pior para a menina, mais frágil, que fitava a diretora o tempo todo, esperando acolhimento. Cena de cortar o coração!

A aproximação entre Jefferson e Laura fazia-se pelo abandono e rejeição. Quanta miséria, a falta de amor! Por mais que a diretora tentasse sempre exaltar as qualidades dos excluídos, era pouco para tanto desdém.

Inspecionando tudo e todos, lá ía dona Marina de agenda em punho, anotando questões do alunado, do prédio, da merenda, do pedagógico e demais providências. Também registrava experiências pessoais que fariam parte de sua biografia. Escrever é uma necessidade interna. É um ato de amor! Embora contasse pouco mais de trinta anos, vivia tão intensamente, que vivências e relatos eram contemporâneos, assim faziam-se ao mesmo tempo.

Quanto mais a diretora aprendia, mais humilde se tornava; sentia-se afeita à filosofia de Espinosa: somos constituídos dos elementos da natureza: do vulcão, da formiguinha, do gelo, da flor, do vento...

No entanto, para enfrentar problemas socioeconômicos crônicos, a diretora tinha apenas soluções paliativas: fortalecer a APM, fazendo festas comunitárias para arrecadar fundos, usar adequadamente os recursos do Estado para atender às necessidades dos alunos, campanhas educativas de palestras com especialistas, feira de livros, e demais ações amenizadoras da persistente situação.

Dona Marina ficava muito indignada com as injustiças que presenciava como educadora e cidadã. Servia-se das artes, princi-

palmente da literatura, sempre que possível, como forma de sensibilização. Gostava muito deste poema de Bertolt Brecht:

É PRECISO AGIR

Primeiro levaram os negros [...]
Em seguida levaram alguns operários [...]
Depois prenderam os miseráveis [...]
Depois agarraram uns desempregados [...]
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Bertold Brecht

A vida é feita de mudanças... A mente é atemporal... Anos depois, toca a campainha da casa e o rapaz caçula da diretora, como se fosse ontem, gritou:

– Aquele seu outro filho está aí!

Da sacada da casa, dona Marina, emocionada, reconheceu o belo rapaz mulato. Usou o controle remoto e num aceno permitiu sua entrada. Como esquecer Jefferson, o menino lépido?... Ninguém escapava se a tocasse... Nela ficava inscrito, enquanto memória houvesse.

– Que alegria, Jefferson! Quanto tempo... Já é um homem feito! Vamos, conte como está. Tomaremos um café, como antes! Tenho-o sempre na lembrança, orando e pedindo a Deus que o proteja.

Nem a tartaruga ficou indiferente à presença de Jefferson; rastejou e alojou-se próximo de Marina. O caçula, ressabiado, também já homem feito, preferiu ausentar-se; não suportaria reviver emoções antigas, nem compartilhar a mãe...

– Só queria vir aqui, quando tivesse boas notícias. Estou bem, trabalhando, vendo assinaturas da revista Veja. Muita coisa aconteceu nesse período. Estudei num abrigo por quatro anos, mas sempre me lembrando dos seus conselhos e do pessoal da escola.

– Gosto muito dessa revista, vou fazer uma assinatura com você; dessa forma, guardarei mais uma doce lembrança do nosso feliz reencontro.

Depois de uma hora de conversa amistosa e animada, os dois amigos abraçaram-se ternamente e nunca mais se veriam. A história entre eles parece que se encerrava a contento.

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história...” Hannah Arendt

A VIDA É LÉPIDA

A vida é riso, oca, torta...

A vida é fecunda, profunda, pouca.

A vida não tem remédio.

Fuja do tédio, do insólito.

Em todo momento,

No espaço ou no tempo,

Com ou sem virtude,

A vida é movimento... Às vezes, quietude.

Sai... Vai... Corre atrás!

Não dá para ser adiada

A vida é bela demais para ser remediada.

A vida é isso: tudo e nada!

É uma gangorra! Vou viver, antes que eu morra...

UBIRACY E GUARACY

ENQUANTO HOVER UMA CRIANÇA, HAVERÁ SONHOS...

Lá vem Guaracy empurrando o irmão na cadeira de rodas, adentrando feliz o pátio da escola. Era início dos anos 70 e ainda não se fazia habitual e legalmente a inclusão escolar.

Os dois irmãos sofreram poliomielite na primeira infância, com consequências distintas: Guaracy, mais velho, não teve sequelas, enquanto Ubiracy ficou paralítico.

A jovem professora Ana Maria observava os meninos com muita ternura; comovia-se com a dedicação de Guaracy, desvelando-se em cuidados fraternais com o irmão amigo.

Dupla ativa e constante na escola, tudo os envolvia: assistiam aos campeonatos esportivos, às palestras educativas, visitas às atividades de leitura na biblioteca, reunião de pais e mestres de Guaracy, festas juninas, formaturas e todos os eventos dos quais a comunidade participasse.

Num final de aula, quando os alunos cantavam parabéns a um aluno aniversariante, a professora, sensível e atenta, chamou Ubiracy, que assomava à porta da sala de aula, conduzido pela mãe. Sempre que possível, a professora tinha um dedinho de prosa com a mãe dos meninos.

– Entrem, cantem conosco!

Ubiracy arregalou os olhos, raspou as mãos rapidamente no arco da cadeira de rodas, acelerando o quanto pôde, até se juntar aos cantantes. Teve um momento de êxtase... Cantou forte, estava integrado à turma.

A classe já avançava adiantada nas lições iniciais de alfabetização; mesmo assim, Ana Maria convidou o menino cadeirante

para vir, no dia seguinte, participar de uma atividade teatral. Convide aceite prontamente com entusiasmo. Terminada a celebração, os três se afastaram exultados com a boa nova.

Palco montado, cadeiras em semicírculo, burburinho, os dois irmãos colocaram-se à frente, cada qual no seu assento, mas a alegria era conjunta: “A festa das letrinhas”...

Eufóricos estavam todos os alunos com a nova atividade artística. Porém, ninguém mais do que o convidado Ubiracy, que até suou na cadeira de rodas, tal a agitação e alegria, que eram contagiantes.

Ana Maria perscrutava os segredos da alma humana como ninguém; queria ajudar a todos na desafiadora aventura da descoberta e seus próprios talentos e sussurrou aos ouvidos de Guaracy:

– Gostei muito da presença do seu irmão, quero-o sempre nas minhas aulas. Você poderá trazê-lo novamente amanhã?

– Nossa!... Amanhã? Ele vai adorar, vou correndo avisá-lo para se preparar, deitar mais cedo e ficar animado.

– Vai que ele gosta da escola! Quem sabe possa ser um novo aluno ouvinte...

Ana Maria, precursora nas suas ações: aceitação, amor, inclusão... O amor deveria ser um direito de todo ser vivo! Se você é amado, então precisa de muito pouco na vida.

Guaracy, frequente às aulas desde o início do ano letivo, tornou-se o aluno representante de sala e garboso colaborador da professora Ana Maria. Tinha honra e orgulho das suas funções estudantis. Vivía às turras, superando obstáculos, improvisando a vida.

Tempos de pandemia ! Há meses, a humanidade sofre uma dura vivência extraordinária, à espera de uma vacina contra a Covid-19 para sair do isolamento social que a confina e a livre de tantas vidas perdidas. No Brasil, até meados deste julho, de 2020, já ultrapassam 87 mil mortes e mais de 2,4 milhões de contaminados. Presume-se que em agosto o país supere 100 mil óbitos. A crise sanitária assemelha-se ao período da Gripe Espanhola de 1918, na dor, na desolação, no medo e na globalização. Quando passará essa pandemia? Temo acostumar-me ao trágico e não reinventar a vida. A pandemia é uma loucura!

A loucura me fascina, me assusta, me move, me toca, porque também é minha...

A alegria nunca vem sozinha, a tristeza também não. Tudo passa... Lutar dá-me uma energia enorme, mesmo que o tempo seja de ira e dor.

A mente é atemporal! A professora Ana Maria, agora aposentada, é tomada pelas reminiscências de seu labor pedagógico, histórias emocionais com seus alunos, professores e diretores que povoavam seu pensamento numa tentativa da mente salvá-la da depressão, da ansiedade e da loucura. O passado não muda; o que muda é a forma de nos relacionarmos com ele.

Volta a lembrar-se do menino PcD (Pessoa com Deficiência). Um dia após o outro e já era um respeitado colega da turma. A Diretora da Escola, ortodoxa, demorou em aceitar a ideia de que Ubiracy, sendo deficiente físico, pudesse frequentar as aulas matriculado legalmente. Esse foi um trabalho primoroso de convencimento e determinação da jovem professorinha.

O mais custoso foi treinar a independência do irmão. Apenas movia a cadeira rapidamente com as mãos, quando algo muito interessante o sacudia; aí, radiante, deslizava.

– Você é esperto, Ubiracy! Vá sozinho fazer o exercício na lousa para ajudar quem não sabe! Dirija-se ao quadro negro e dê um espetáculo, faça o que souber! Olha, você sabe muito...

O aluno diferente, como todos nós somos em alguma medida, olhou para o irmão, olhou o quadro negro, sentiu a expectativa da turma, olhou para o chão e lá se deixou ficar...

– Vamos logo, menino! Precisamos mudar de atividade... Coragem!

A insegurança o fez imóvel, pálido, ausente. Sua alma, por segundos, abandonou o corpo. A liberdade o aterrorizava, o dever o coagia.

Com o olhar penetrante, fitou Guaracy, que desviou sua atenção, percebendo as intenções de Ana Maria.

– De vez em quando dá uma vontade de ir para Pasárgada! – deixou escapar a educadora. Use tudo o que lhe sobrou com sabedoria e altivez! – pontuou firme Ana Maria.

Confuso, titubeou alguns instantes; súbito, Ubiracy movimentou, desacompanhado, sua cadeira e postou-se em frente da sua tarefa. Alguns segundos e o resultado revelava-se correto para todos os observadores.

– Maravilha! Parabéns! Sei que você pode, viu como é possível? – sorriu Ana Maria, compartilhando a vitória.

Nunca tire a esperança de ninguém; é possível que seja a única coisa que ela tenha... Suspirou aliviada.

Doravante o aluno PcD participaria com alegria e confiança de todas as atividades escolares solicitadas. Este fato marcou um divisor de águas na sua vida estudantil, facilitando inclusive a sua matrícula regular, igual a todos os alunos.

Solitário, o garoto Ubiracy preenchia o maior tempo de seus dias folheando a cartilha Caminho Suave, de Branca Alves de Lima, com a qual a grande maioria dos adultos de hoje foi alfabetizada.

A alma é indestrutível! É preciso lapidá-la para alcançarmos os píncaros do nosso ser, acreditava Ana Maria.

Enquanto as outras crianças corriam atrás da bola e participavam de diversos folguedos que exigiam mobilidade, o menino PcD corria os olhos sobre as letras, desenhava, copiava, lia e relia. Descobria, para sempre, a alegria do aprender e de viajar nas pequenas histórias com sua nova companheira de palavras e encantos. Quem aprendeu a ficar bem consigo mesmo jamais ficará só.

Logo seria o espontâneo auxiliar pedagógico da professora, ajudaria os colegas com dificuldade na leitura e exercícios escolares, sentindo-se, como nunca, útil e indispensável. O garoto, agora, era respeitado por todos, tinha seu lugar no mundo, por mérito próprio! Ele tirava proveito da sua quietude, do seu tempo e de seus desejos. A leitura ampliava o seu mundo, abria fronteiras antes intransponíveis, desenvolvia o seu pensamento, ampliava a imaginação e propiciava a criação.

Nas aulas de Educação Física, assistia aos jogos com muito entusiasmo – um fanático torcedor do time de sua classe, nos jogos interescolares. Porém, nos jogos de tabuleiro era invencível, explorava sua capacidade cognitiva em toda sua potencialidade... Arrasava! Todos queriam tê-lo como adversário, um desafio de prestígio.

Durante as festas juninas, era o padre ou o puxador da quadrilha, versátil até sentado. Vivia melhor do que muitos caminhan-tes a usufruir o que a natureza lhe reservou. Guaracy continuava guiando Ubiracy da casa para a escola e vice-versa, com toda cautela e atenção.

Três meses! Em apenas três meses, o aluno cadeirante esta-

va alfabetizado, lendo e interpretando pequenos textos! Tempo recorde atingido pela jovem alfabetizadora. Surpresa e alegria para a família e para todos da escola. Valeu a pena apostar no potencial de Ubiracy. Essa façanha propiciou mais independência do irmão, que poderia, dali em diante, dedicar-se mais à própria vida escolar e pessoal. Melhor do que contar história é fazer história. Melhor ainda é mudar a história de alguém. No caso de Ubiracy, foi uma sucessão de progressos...

O tempo em Guarulhos passa rápido como em qualquer lugar, quando se tem um trabalho envolvente e diferentes papéis a desempenhar: mãe, esposa, profissional, cursos, trabalhos voluntários e escrita amadora. Vez e outra, a jovem mergulhava tão profundamente em si, que sentia dificuldades de vir à superfície, onde a vida consciente acontece. Rezava uma oração para determinados momentos: “Deus, dê-me a capacidade de suportar ou suavizar as minhas dores e bem viver as alegrias de ser quem eu sou. Amém!”

As lembranças de Ana Maria vinham como flashes. Rememorava com suas poucas amigas os momentos que valiam para reforçar sua autoestima e história bem vivida.

– Sabe, Claudete, uma grande alegria que experimentei no magistério, foi quando visitei a escola do Jardim Palmira como supervisora e fui recebida pelo escriturário Ubiracy. Ele me reconheceu num primeiro olhar, de chofre!

Veio na minha direção, como se aquele encontro já fora ensaiado, sorrindo, firme, de muletas, caminhando sozinho. Foi uma emoção de tirar o fôlego. Abraçamo-nos fortemente e logo começou a justificar aquele sucesso de independência.

Uma pequena plateia improvisada assistia a tudo calada; palavras eram desnecessárias, as sensações explicavam tudo!

Claudete era só ouvidos e Ana Maria continuou a desfiar lembranças... Relatou com minúcias o último encontro.

– Tudo bem com sua família, e o seu irmão Guaracy? E sua amiga invisível? Ainda tem grandes encontros com ela, cantando muito para alegrá-la? Uma enxurrada de perguntas que o jovem liberto respondia na ordem cronológica dos sentimentos.

– Ontem, estava me sentindo nostálgico e cantei essa música para ela, acho que é do Peninha, o Caetano canta. Adoro! Depois me senti leve...

Sozinho

Às vezes no silêncio da noite

Eu fico imaginando nós dois

Eu fico ali sonhando acordado

Juntando o antes, o agora e o depois.

– Professora, eu fiz várias cirurgias e consegui me libertar da cadeira de rodas. Estudei, conheci uma pessoa maravilhosa e já temos dois filhos lindos e sadios, que são a minha riqueza. Nunca me esqueci da senhora, que acreditou em mim e deu-me a oportunidade de prosseguir com os meus estudos.

Naquele momento, na flor da maturidade, Ana sentiu que sua vida tinha algum valor: fez a diferença na vida de alguém e retribuiu generosamente o sorriso pueril do bem-sucedido escriturário. Satisfeita, respirou fundo e pensou mais uma vez:

Vou procurar ficar sempre contente, pois alegria faz muito bem para a gente! – sorrindo suspirou: A maturidade deixou-me tão flexível, que temo ficar disforme. Preciso de uma utopia para viver... Apaixonar-me por ela e pensar que ainda sou rebelde o suficiente para alcançá-la.

Mas, lembrou-se da pandemia. Estamos há mais de um ano convivendo com essa tragédia sanitária que assola o mundo, causando milhares de mortes... (2020/2021) Um horror esse período!

A vida é uma experiência divina, envolta em mistérios. Vida e morte fazem parte do mesmo processo. Sem plena compreensão, vivamos a plenitude. Tudo passa...

TUDO PASSA

Passa a noite, passa o dia.

Passa boi... Passa boiada, no meio do nada...

Passa brega, passa Prada.

Passa João e Maria.

Passa Deus, Zeus e ateus.

Passa a ordem e o caos, ameaçando bons e maus.

Passa doença e saúde amiúde.

Passa tristeza e alegria

Passa brisa, vento e ventania.

Passa o primeiro, o do meio e o derradeiro.

Passa Pedro que não sabe a que veio.

Passa Benjamim que já se esqueceu de mim.

Passa sonho, delírio e devaneio.

Passa velho, jovem e criança.

Passa a falta, a bonança, e o medo que ainda tenho.

Passa tudo: ele e ela, nessa longa passarela.

Passa o bem e o mal, num tropeço, precisando de recomeço.

Passa... Passa pandemia, que a vida virou do avesso.

**BISMAEL BATISTA DE MORAES**

DO PROGRESSO TÉCNICO E DA INSEGURANÇA PÚBLICA

Ao zerar a alíquota de importação de pistolas e revólveres para o Brasil, o próprio governo dá preferência aos ferimentos e às mortes por arma de fogo, com ele próprio lucrando com a venda de balas, já que é o único fabricante de tais instrumentos através da CBC – Companhia Brasileira de Cartuchos! Como falar de segurança pública para o povo?

Hoje, fala-se muito da onda do 5G (‘fifth generation’), através da internet, que pode se conectar a tudo e até fazer os veículos viajarem sozinhos, por inteligência própria e, com isso, o tráfico de dados pode ser monitorado por todos os interessados. Assim, perguntamos por que ainda não se controlam os projéteis das armas de fogo, que são o que ferem ou matam, e não as armas, diminuindo-se os crimes com esses instrumentos macabros? Já existe a nanotecnologia, através do IPT/USP, para isso, e por que não codificar as balas com lamínulas internas?

Fala-se em tecnologia de ponta, que serve para quase todas as necessidades das pessoas na face da Terra. Pesquisadores, doutores, professores, jornalistas e especialistas em geral de um sem número de matérias manifestam-se sobre conceitos de coisas que servem à humanidade. Dentre tantos elementos tratados, muito se fala a respeito da segurança pública e dos meios de solução para tantos ferimentos e mortes por armas de fogo. Aí, há um silêncio geral sobre quem lucra com os crimes, as armas e as munições...

Em todos os cantos do planeta, os comandantes gerais das forças militares e os diretores, superintendentes e chefes de todos os órgãos policiais, ao que parece, só preparam seus subordinados para o combate ou a repressão aos crimes, sem jamais terem a preocupação em prevenir as infrações penais. Com isso, perpetuam os gastos com as prisões e a construção de presídios caros para guardar, em situação desumana, os condenados.

E os estudos sobre a prevenção criminal permanecem em silêncio, com a preparação dos encarregados da segurança treinando tiros ao alvo, nas silhuetas dos eventuais criminosos, nas academias, parecendo alvíssaras aos lucros futuros! Mesmo quando se fala em ‘inteligência policial’, não se preparam as pessoas para diminuir os crimes, parecendo uma cega preferência pelos combates e as mortes, tanto de pessoas comuns como de desastrosos policiais.

Não há – repetimos – nenhuma força policial preparada para a prevenção criminal, em primeiro lugar, evitando os embates e os ferimentos e as mortes. Com isso, as despesas com a ‘insegurança pública’ são enormes. E quem ganha com isso? A chamada ‘segurança pública’ é feita só com pessoas uniformizadas e armadas com revólveres, pistolas, fuzis e metralhadoras! Prepara-se todo o aparato policial apenas para o combate ou a repressão, e nunca para a prevenção!

As estatísticas são feitas somente com os crimes que o Estado deixou que acontecessem, e não com a pacificação das ruas e dos campos. E, com isso, a diminuição dos gastos públicos com a ‘insegurança’ e as despesas hospitalares foram esquecidos! Já não é tempo de se evitar essa farra com o dinheiro estatal, valorizando-se o policial que aprender a evitar os crimes e propor medidas preventivas, em benefício das pessoas?

Os ferimentos e as mortes não podem apenas servir como produto para o noticiário das grandes empresas de comunicação e para os ‘espertos’ fazerem nome e ganharem promoção! É preciso, primeiro, pensar nas pessoas que são furtadas, roubadas, violentadas, feridas ou mortas, antes de pensar em votos e promoções, em lucros com as armas e munições, pensando, com seriedade, nos problemas da insegurança pública e não nos lucros com a criminalidade!

RETRATO DOS MORTOS VIVOS

Há diplomados, e até pós-graduados, ignorantes na forma e no conteúdo, moral e profissionalmente...

Há indivíduos religiosos e fraternos apenas ante os holofotes e devotos de um “Deus” conveniente às cifras...

Há filósofos e cientistas do preconceito e da mentira, sob o aplauso do temor referencial e/ou interesseiro...

Há homens acima de qualquer suspeita, mas cuja ética se encontra abaixo da mais ignóbil lama putrefata...

Há, ainda, quem bata palmas para os algozes, porque apenas veem, mas não conseguem enxergar...

Há, por fim, seres humanos, ditos superdotados, que não sabem o que são freios morais, nem de onde vem a inteligência...

BISMAEL B. MORAES é mestre em Direito Processual Penal pela USP, foi o 1º delegado titular da Delegacia do Aeroporto Internacional de São Paulo – Guarulhos e é autor de 21 livros, dentre os quais “Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária” (Editora Revista dos Tribunais, SP, 1986) e “Prevenção Criminal ou Convivência com o Crime – Uma Análise Brasileira”(Editora Revista dos Tribunais, SP, 2005) e “Orelhas e Prefácios – Uma Breve Trajetória” (Editora Mageart, SP, 2015).

**DEVANILDO DAMIÃO**

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

O desafio de contribuir neste projeto que envolve simultaneamente a necessidade de alta densidade intelectual e adequação às múltiplas áreas do conhecimento é instigante. Provavelmente, cada amigo escritor que registrou aqui as obras dirigiu, em dado momento, o seu cabedal de conhecimentos para refletir sobre o dilema.

Dentro deste contexto, a opção aqui apresentada foi por uma abordagem provocativa, com o objetivo de abrir as temáticas para discussão, em detrimento de análises científicas e conclusivas. Dada a nossa realidade e como não poderia ser diferente, educação, desenvolvimento e inovação são temas que carecem e necessitam de aprofundamento teórico na perspectiva nacional e local.

Explico: mesmo considerando que existem teorias robustas e consolidadas sobre os temas em tela, as abordagens locais não respondem às necessidades e aos anseios da sociedade.

Assim, recorrendo a uma metáfora do sistema nervoso, os ensaios apresentados não são sinapses consolidadas, mas, apresentam o potencial de serem conectadas pelo exercício dos leitores, concordando, discordando ou mesmo aprimorando com base nas experiências.

Inicialmente, é apresentada metodologia educacional, que prioriza a especialização num conjunto de conhecimentos que ofertam uma estrutura básica de saberes e que poderão ser ampliadas para outras áreas. O pressuposto implícito é que o atual modelo não é efetivo com a complexidade da sociedade.

O artigo sobre o modelo de sistema de inovação é instigante para reflexões com base numa realidade bastante distinta, mas, norteadora de proposições. Não se ignora as diferenças abissais sobre as realidades, mas, entende-se que casos de sucesso são estimulantes para novas proposições.

Por fim, retratado um material abundante na nossa natureza, mas, pouco mobilizado, fato redutor do potencial de geração de riquezas, o Nióbio apresenta características diferenciadas que tornam os aços mais efetivos; ao mesmo tempo, mostram-se promissores para novas aplicações. As discussões envolvem o que deveria ser feito para explorar este potencial.

STEM – A URGÊNCIA DE NOVAS MANEIRAS DE EDUCAR OS JOVENS

Ao utilizar bases comparativas entre países no que tange ao desenvolvimento de ciência e tecnologia, invariavelmente, surge um recorte nos anos 1970 e as características de Brasil e Coréia do Sul, países que, na ocasião, apresentavam indicadores similares.

Hoje a situação é bastante diferenciada, decorrente do salto qualitativo da Coréia do Sul. Nosso papel: consumir os produtos dos amigos orientais, na indústria automobilística, equipamentos eletrônicos e outros de áreas de alta tecnologia.

Cabe ressaltar que a rápida evolução coreana não foi fruto de eventos espontâneos ou iniciativas “isoladas do mercado”, foi decorrente de um projeto de desenvolvimento estratégico. A experiência bem-sucedida demonstra a necessidade da indução do governo e políticas públicas, fundamentais para o sucesso, dentre elas: aposta na capacitação da mão de obra, o desenvolvimento de um sistema de inovação robusto e apoio às empresas.

Atualmente, poucos contestam que a produtividade de um trabalhador sul-coreano é superior comparada à de um brasileiro, pois ele possui conhecimentos superiores, derivados da capacitação. Esses, quando aplicados, possibilitam maior rendimento, observados os resultados obtidos, relativizados com a aplicação de recursos (produtividade).

Desculpando-se antecipadamente, urge a importância de alterar o foco dos elementos explicativos para a análise de hipóteses, as quais podem alterar o cenário de forma positiva. O desafio é encontrar alternativas que impactem a formação dos jovens, com metodologias capazes de superar as lacunas estruturais.

O STEM surge como alternativa com grande encaixe, derivado de um movimento global que propõe metodologias de ensino baseadas em quatro disciplinas específicas: (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática), integradas em abordagens interdisciplinares e inovadoras. O pano de fundo conceitual é replicar a forma como lidamos com os problemas no mundo.

Importante destacar que todo o paradigma educacional é alterado, com o foco centrado principalmente em projetos e desa-

fios, em vez de apenas aulas expositivas. Mas a aplicação é transversal e a abordagem caracteriza-se por estimular a curiosidade, e a constante excitação do aprendizado, com os alunos tendo participação ativa, procurando a comprovação empírica para o que acabaram de aprender.

Os americanos, ao identificarem falhas nos modelos de ensino e perceber que estavam perdendo competitividade, decorrente da pouca qualidade de mão de obra, buscaram soluções e começaram a integrar gradualmente as quatro disciplinas.

Ao Brasil, entende-se que urge o momento de dinamizar esse processo, integrando as experiências de sucesso dos modelos mais desenvolvidos como o alemão, apoio à massificação do ensino técnico e aproveitando e popularizando as experiências bem-sucedidas, como, por exemplo, o sistema S.

Utilizando a metodologia STEM: o momento é de somar forças, conhecimentos e tecnologias para alterar o vetor de capacitação e direcionar o país rumo ao desenvolvimento sustentável.

SHENZHEN - UM (ECOS)SISTEMA DE INOVAÇÃO DE REFERÊNCIA PARA O MUNDO

A China notabilizou-se pela velocidade na qual se transformou numa grande potência no mundo, não somente na economia, mas adentrando segmentos de tecnologia. Hoje trava batalhas para que a sua plataforma de tecnologia 5G seja dominante com a Huawei, inclusive no Brasil, no qual o tema encontra-se na disputa geopolítica entre Estados Unidos e China.

Apesar de os Estados Unidos não possuírem nenhuma empresa global líder em tecnologia de 5G, utilizam o seu poderio para influenciar os demais países, sobretudo para evitar a prevalência

da China, a qual possui a Huawei. Nesse jogo geopolítico, encontram-se toda a cadeia de empresas de telecomunicações, empresas fornecedoras de tecnologia de 5G, empresas de tecnologia (fornecedoras de software, hardware, microchips, dispositivos IoT) e as empresas de infraestruturas de rede, além das sensíveis questões relacionadas à segurança cibernética das redes de comunicações, diante de riscos de espionagem pelos serviços de inteligência dos países.

Todo esse avanço chinês não ocorreu de maneira espontânea, todavia fruto de planejamentos bem estruturados, os quais envolveram a capacitação humana (principalmente em universidades americanas), da estrutura de ciência e tecnologia e investimentos em infraestrutura.

O CASO SHENZHEN – CHINA

Com população de 12 milhões de pessoas, a cidade é conhecida como lócus da inovação, sendo um caso emblemático de sucesso, conformando um sistema de inovação ocorrido a partir do final da década de 1990. Antes, era uma província periférica, voltada a atividades tradicionais e sem estrutura científica e tecnológica, com ausência de universidades e institutos de pesquisa públicos.

A alternativa adotada foi a cooperação e intensa articulação, com a visão de um sistema de inovação, com atores da academia, setor produtivo e o poder de indução do Governo. Aglutinaram-se forças e inteligência com instituições acadêmicas de Pequim e da vizinha Hong Kong, estruturando os primeiros institutos satélites e privilegiando a visão estratégica de desenvolvimento.

Esses primeiros experimentos foram ampliados com a promulgação do Plano de Desenvolvimento de Vínculos Indústria

-Universidade em Guangdong para o Período 2007-2011, lançado conjuntamente pelo governo provincial e pelo Ministério da Educação, organismo que supervisiona as universidades de maior prestígio da China.

O segundo período constitui o pico da fase do desenvolvimento de institutos universitários satélites educacionais de alta performance, o qual possibilitou a difusão de institutos satélite em outras cidades do Delta do Rio das Pérolas - principalmente Dongguan e Foshan.

Finalmente, o mais recente período (2012-2017), associado ao esforço do governo chinês para o desenvolvimento orientado para a inovação, com maior fortalecimento dos institutos universitários satélites como um subgrupo dos chamados Novos Institutos de Pesquisa e Desenvolvimento.

Esta oferta de conhecimento e tecnologia, em conjunto com os investimentos em infraestrutura, possibilitou a estruturação de um sistema de inovação, o qual atraiu a produção de desenvolvedores de hardware em escala mundial.

Para aprender, vale a pena estudar o caso. A empresa mais conhecida mundialmente é a Huawei, fundada em 1987, multinacional de equipamentos para redes e telecomunicações, com domínio de várias tecnologias, dentre as quais a 5G e com volume de vendas de mais de US\$ 70 bilhões, com presença de negócios em mais de 170 países e regiões.

Muitas empresas participam da atmosfera do sistema de inovação para efetivamente participar de um modelo aberto e depois replicar nas empresas matrizes. A brasileira Tigre montou um escritório na cidade em 2016, para se aproximar das novidades e inovar na criação de produtos. Atualmente lança entre 300 e 500 novos itens todos os anos.

As empresas ofertam tecnologias de diversas espécies como tradutores eletrônicos de mandarim, como réplicas em 3D, altamente customizáveis, no modelo: “traga o problema, encontraremos uma solução”. O ponto alto é a possibilidade de desenvolvimento tecnológico em alta velocidade, com a atmosfera de inovação presente em todos os lugares. Um caminho de sucesso, passos a serem estudados, referência importante para projetos de cidades inteligentes e inovativas...

NIÓBIO – RIQUEZA DADA POR DEUS, MAS NÃO MOBILIZADA NO BRASIL

Raízes na mitologia grega - Em 1801 coube ao pesquisador britânico Charles Hatchett a descoberta de um dos minerais mais raros e com grande potencial econômico e importância, sobretudo ao Brasil, o então batizado Columbium, com o número atômico 41.

Decorridos 45 anos, foi adotada a nomenclatura atual: Nióbio, cuja origem está na mitologia grega e com referência à figura Níobe. O material possui grande potencial na indústria, devido principalmente à capacidade de melhorar drasticamente a qualidade do aço. Com apenas 100 gramas, no meio de uma tonelada de aço, a liga torna-se mais forte e maleável, e otimiza propriedades essenciais para as indústrias, como o aumento da ductilidade e maior conformabilidade do material, além da resistência mecânica.

Esse processo resulta em vantagens para a produção de diversos materiais e aplicações, como os automóveis, dado que diminuem o peso sensivelmente, resultando na redução dos custos de operação.

Por que é tão importante?

Imagine você andando de bicicleta. Caso a bicicleta seja mais leve, você economizará energia para fazer o deslocamento, e conseguirá aumentar a produtividade, dada a menor necessidade de alimentos.

Agora, transfira esta mesma lógica para os aviões, cujos combustíveis são os principais componentes de custos. Os materiais mais leves diminuirão a necessidade de combustível e consequentemente tornarão os custos das viagens mais baratos, aumentando a competitividade das empresas.

O Brasil concentra grande parte das reservas mundiais desse metal, 98,2%, o equivalente a 842 milhões de toneladas de nióbio. A principal está localizada próximo à cidade mineira de Araxá, sendo operada pela Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), empresa controlada pela família Moreira Salles, formada por conhecidos banqueiros nacionais.

A grande concentração no Brasil também tem o aspecto negativo, dado que limitou as pesquisas e mesmo a sua utilização. A conquista de mercados siderúrgicos no exterior foi precedida de muitas negociações nas últimas décadas do século anterior, patrocinadas pela CBMM.

O nióbio não é exportado in natura, sendo o mais comum como ferronióbio (FeNb), liga metálica composta por 65% de nióbio e 35% de ferro, destinada ao setor siderúrgico, com capacidade de tornar as carrocerias dos carros mais leves, sem perder a resistência.

A redução do peso melhora a eficiência de veículos. Na aplicação em oleodutos e gasodutos, aplicação mais tradicional, o nióbio impede a propagação de trincas e, ao mesmo tempo, permite a construção de estruturas mais delgadas, precisamente metade da medida de tubulações fabricadas sem ferronióbio.

LIÇÃO DE CASA PARA O BRASIL?

Por ser muito importante comercialmente para o País, é essencial que as pesquisas sejam apoiadas e lideradas localmente. Mesmo as importantes parcerias com instituições de ensino do exterior necessitam ser desenvolvidas no contexto de um planejamento estratégico para o país.

Outro aspecto refere-se às negociações geopolíticas e governança, preservando a presença nacional e importância dos nossos recursos para benefícios de todos os cidadãos e não somente alguns privilegiados.

Os tristes episódios dos chamados “grandes empreendedores brasileiros”, como Eike Batista, findaram na triste identificação de exploração privada de recursos públicos para geração de riquezas individuais, lastreadas numa grande rede de corrupção, com raízes em gerações.

Observa-se grande potencial para a utilização do Nióbio em diferentes configurações. Por exemplo, na configuração de óxidos de nióbio, empregado na fabricação de lentes de câmeras fotográficas, baterias de veículos elétricos e lentes para telescópios. Pela capacidade de resistência a altas temperaturas, permitem desenvolver ligas de nióbio de grau vácuo, com elevado nível de pureza, as quais tornam-se matéria-prima para turbinas aeronáuticas, motores de foguetes e turbinas terrestres de geração elétrica.

Em segmentos de alta tecnologia como fios supercondutores, os quais equipam tomógrafos, aparelhos de ressonância magnética e aceleradores de partículas podem ser produzidos com o nióbio metálico.

Portanto, trata-se de grande plataforma de pesquisa que pode ser desenvolvida e trazer resultados positivos para o País.

Devanildo Damião. PhD, é mestre e doutor em gestão tecnológica; pesquisador da Universidade de São Paulo; professor universitário e conselheiro do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira

**FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS**

UMA VISÃO SOB A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DISCURSIVA

No ato da enunciação nos apropriamos de discursos de variadas formas, conforme a situação imediata e contextual, as quais estão intrinsecamente ligadas à formação ideológica e dão ao sujeito a condição de se perceber na sociedade. Escreve Orlandi (2005):

O sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam nos discursos as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. À deriva, o deslize é o feito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras (ORLANDI, 2005, p. 53).

Diante disso, a memória discursiva faz parte da condição humana e recorreremos à memória sempre que precisamos relembrar ou analisar dados e, dessa forma, a memória se faz presente no nosso dia a dia, a fim de retomarmos os discursos imbricados nela, como já expressamos anteriormente.

Para ampliarmos a compreensão de tal conceito, traremos a concepção de Michel Foucault (2008), que intensifica o conceito de memória histórica por meio do que ele denomina formação discursiva.

[...] as diferentes obras, os livros dispersos, toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva e tantos autores que se conhecem e se ignoram, se criticam, se invalidam uns aos outros, se plagiam, se reencontram sem saber e entrecruzam obstinadamente seus discursos singulares em uma trama que não dominam, cujo todo não percebem e cuja amplitude medem mais – todas essas figuras e individualidades diversas não comunicam apenas pelo encadeamento lógico das proposições que eles apresentam, nem pela recorrência dos temas, nem pela pertinácia de uma significação transmitida, esquecida, redescoberta; comunicam pela forma de positividade de seus discursos. (FOUCAULT, 2008, p. 144).

Cabe ressaltar que é por meio da análise do discurso que podemos levantar questões como a memória discursiva, ideológica e cognitiva. Segundo Foucault (2008), discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre a língua e o que ele denomina “arquivo” fazendo sentido. Vejamos:

Diante dos a priori formais, cuja jurisdição se estende sem contingência, ele [o arquivo] é uma figura puramente empírica,

mas, por outro lado, já que permite compreender os discursos na lei de seu devir afetivo, deve poder dar conta do fato de que tal discurso, em um momento dado, possa acolher e utilizar ou, ao contrário, excluir, esquecer ou desconhecer esta ou aquela estrutura formal. [...] O arquivo é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] A revelação, jamais acabada, integralmente alcançada do arquivo, forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo. (FOUCAULT, 2008, p. 145-149).

Assim, discurso é palavra atuante no sujeito e na sociedade, entendendo a palavra como constitutiva de discursos (Bakhtin), e lembrando-se de que para isso a memória se dá igualmente como produtora de sentidos em determinado momento histórico, assunto sobre o qual discorreremos anteriormente. Essa busca pelo sentido caracteriza o sujeito discursivo atuante nas práticas sociais, onde, pela interação, se dá a compreensão do discurso, como forma de acesso à memória discursiva, também constituidora de sentidos e num movimento de renovação.

O discurso dá ao sujeito a condição de resgate da memória discursiva por meio da palavra, e, para tanto, entendemos que a memória deve ser analisada de onde se fala e para quem se fala. Por conseguinte, não pode haver interlocutor abstrato, não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no figurado. Conforme Bakhtin:

Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. [...] Na realidade, toda palavra comporta duas faces, ela é determinada tanto pelo fato de

que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2002, p. 113).

Tomemos a palavra como processo, pois é ela quem dá a condição de analisar o que se pretende dentro do discurso, visando sempre ao sujeito marcado ideologicamente ou não pelo discurso proferido e pelas palavras escolhidas pelo sujeito que se constitui no diálogo.

Em se tratando de diálogo, Bakhtin e Volochinov afirmam que:

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal. [...] Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica; em grande escala, ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 123)

Segundo os conceitos de Bakhtin e seu círculo, a memória está pautada na interação verbal, na qual o diálogo constitui forma de acesso ao sujeito falante, impregnado de ideologia, história e memória. Sendo assim, evidencia-se o processo da memória discursiva como conjunto do discurso, pois a memória e o sujeito estão imbricados nesse processo de interação.

Compreendemos que o sujeito é produtor do discurso e não simplesmente um ser ou uma entidade que se sujeita às ideologias, pois é constituído por elas e as constitui; sendo assim, estamos ligados por essa ideologia no ato de existir e significar no mundo.

A noção de formação discursiva (o discurso do eu em articulação consigo mesmo e com o do outro) permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia, e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. Nesse sentido, retomemos Foucault:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Assim, o discurso deve ser compreendido como forma de acesso à ideologia, constituída por sujeitos que dialogam com outros sujeitos. Por essa razão, o discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta, é como uma arena de lutas, o lugar em que se travam as polêmicas, onde estão os conflitos, convergências e divergências. O que seria das experiências de vida se tudo fosse harmonioso, se a formação ideológica fosse igualmente processada por todos os seres humanos numa determinada sociedade?

Nessa perspectiva, Mussalim (2006, p. 119) define formação ideológica como o conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta. Podemos compreender várias formações discursivas que se definem com relação à formação ideológica, mas, por causa do princípio do dialogismo, toda formação discursiva traz dentro de si outras formações discursivas com que

dialoga, contestando-as, replicando-lhes ou aliando-se a elas para dar força a sua fala.

Ao definirmos o discurso como pressuposto básico para a compreensão da ideologia, não podemos esquecer que tanto a ideologia quanto a memória são fundamentais, no processo comunicativo, para revelar fatos, descrever situações já vividas, relatar acontecimentos com os indivíduos e com a sociedade, etc. “O conceito de formação discursiva é utilizado pela análise do discurso para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Nesse sentido é que podemos dizer que uma formação discursiva é governada por uma formação ideológica”. (MUSSALIM, 2006, p. 125)

É importante termos consciência de que muitos fatos ficam registrados em nossa memória discursiva e ela é ativada de acordo com a necessidade humana, tendo em vista a relação com o discurso presente e passado (no jogo que mencionamos no item anterior).

Para compreendermos a relação da memória com o conceito bakhtiniano, é necessário que se perceba o eu com base no outro, para que, diante desse processo, a memória se faça valer no que permeia a condição do sujeito. Segundo Bakhtin/Volochinov:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, todos os signos não verbais banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 37-38).

Esse processo entre discurso e ideologia, que vem sendo analisado por muitos estudiosos da linguagem, leva-nos a compreender que o discurso e a memória discursiva estão imbricados no sujeito, agente da sua própria história.

O discurso se manifesta ideologicamente por meio dos indivíduos e da sociedade em que atuam e à qual pertencem; ademais, é fator importante na constituição da memória discursiva.

A memória [...] tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada [...]. (ORLANDI, 2005, p. 31)

A memória – seja uma memória social inscrita nas práticas de uma sociedade, seja uma memória individual inscrita no sujeito agente da sua própria história – tem um papel significativo no nosso dia a dia, visto que recorremos a ela constantemente sem nos darmos conta de tal processo. Queremos registrar que a memória estabelece condições para o funcionamento do discurso e da ideologia.

A memória tem diversas materialidades que possibilitam o encontro e o reencontro de temas, figuras, textos, objetos, etc., que os trazem para a atualidade, ativando-a. Por essa razão, o dizer não é propriedade particular e as palavras não são só nossas, mas significam por meio da história e da língua. O sujeito diz, ele pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem.

Podemos afirmar que todo dizer, na realidade, encontra-se na confluência dos dois eixos: o da memória e o da atualidade. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e esquecidas que determinam o que se diz. A prática discursiva consiste em

considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 2005, p.34)

Por tudo isso, a memória desempenha importante papel na constituição do sujeito e história das sociedades. Sua ativação resulta numa produção de sentido, pois, quando acionada, traz fatos de uma época e dá outro sentido a essa memória discursiva, que tem por finalidade a situação de contexto e de interação com o sujeito e com o meio em que ele atua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. [1952-1953/1979]. *Estética da Criação Verbal*. Tradução aos cuidados de Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M.M./VOLOCHINOV, V. N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARROS, Cláudia G. Paes de. Capacidades de leitura de textos multimodais. In: *Polifonia, Cuíabá*, nº19, p. 161-186, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. *Esfera e campo*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.
- MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 21-32.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Org.). *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PONZIO, Luciano. *Visioni del Testo*. 1ª edição, Bari: Graphis, 2002.



FERNANDO CANTO BERZAGHI

POR QUE NECESSITAMOS ATRAVESSAR URGENTE O JABOQUE?



Jaboque: rio de Gileade, tributário do Jordão.

Esse local, o Vau de Jaboque, bastante significativo, visto que foi onde, segundo as Sagradas Escrituras, Jacó lutou com um anjo e se reconciliou com seu irmão gêmeo Esaú, seu desafeto e inimigo, (Gn 32.22).

Mas o significado mais importante nem é do hebr. “Efu-são”, mas “esvaziar-se”.

De fato, no vocábulo “esvaziar-se”, com sentido de transformação, mudança, a nosso juízo repousa o significado mais importante do gesto praticado por Jacó.

Consoante entendemos e aprendemos desse episódio, cheio de significado, é que é necessário que nos esvaziemos, despejemos, nos esgotemos do “ego delirante”, que nos escraviza a todos.

Desse modo devemos nos esvaziar dos apelos e apegos inúteis.

Aliás, esse precisamente todo esforço dispensado pelo Cristianismo sacrificar o “ego” exacerbado, que a todos destrói.

Assim, nos tornarmos humildes e nos desapegarmos de apelos supérfluos é preciso.

Ademais, o melhor exemplo de humildade nos é dado pelo próprio Senhor Jesus, em (Fp. 2.7).

“Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana.”

De mais a mais, a frase: “Antes, a si mesmo se esvaziou” é bastante significativa no sentido de mostrar o esvaziar-se de si mesmo...”

Em primeiro lugar: “Kenosis”, do gr. Significa lit. “vazio” e confere a ideia de deixar à parte, de não dizer não à divindade, mas à glória da sua divindade; a seus privilégios para ser submisso semelhantemente aos homens.

O mesmo fez o velho e bom Jacó ao atravessar o Jaboque, porque se despiu, com esse ato, do antigo homem: trapaceiro, egótico, avaro, enganador, disposto a colher onde não plantou, para se transformar num novo homem e receber o cognome de Israel.

Todos nós, a despeito do que ocorrera com Jacó, devemos nos despir das vaidades veleidades do velho homem e nos livraremos de todo “lixo” emocional.

Transformação é a palavra da vez. É o que faz todo sentido.

“TODOS PRECISAMOS ATRAVESSAR URGENTE O JORDÃO”.



O HOMEM - ÁRVORE

O homem deve ser frutífero quanto a árvore plantada à beira do ribeiro de águas cristalinas.

O homem piedoso muito se assemelha a uma grande, bela e frondosa árvore, com seu viço alegre.

O homem, semelhantemente à árvore, tem vida e abriga no seu interior uma seiva bendita.

O tronco dessa árvore é o próprio Jesus e nós homens somos seus galhos.

Somos todos rebentos que se desenvolvem em obediência ao Mestre e à vida iluminada pelo Espírito Santo.

O salmo de número um (01), por exemplo, trata da verdadeira felicidade.

Ele compara o homem que se alegra em pensar sobre o que Deus diz e faz o que agrada a Deus a uma árvore benfazeja, plantada à margem do rio.

A árvore-homem mostra o caminho da felicidade e a destruição dos que optam por se desviar do caminho.

A sombra bendita da árvore mostra que não devemos optar por transgredir às leis do SENHOR.

Mostra-nos também os benefícios que a leitura da Palavra pode nos trazer.

A árvore ensina também que o amor absoluto pode nos proporcionar livramento do orgulho, da descrença, da blasfêmia, da perseguição, da procrastinação, da autoilusão, etc.

Como árvore que dá sempre, sem pedir recompensa, seja o justo, que viverá pela fé.



VERDADE!

Coroa de espinhos!

Silêncio!

Clareza!

Verdade...

Sentido!

Amor!

Valor!

Segurança!...

Três vezes salve a Esperança.

Esperança em Jesus.

Salvador.

E nosso SENHOR...



EL CIELO DEL CONDOR

As nuvens passeiam despreocupadas pelo espaço sideral.
Tapete d' esmeralda se estende pelo grande espelho de cristal.
O orvalho do Hermom cobre de vida o ameno lugar.
Suaves e serenos sons se elevam ao céu dos passarinhos.
Bandeiras de paz são brumas brancas de luar...



BENDITO SEJA O SENHOR

Bendito seja o SENHOR.
Bendito seja o SENHOR por Sua glória, poder e majestade.
Bendito seja o SENHOR por sua encantadora simplicidade.
Bendito seja o SENHOR, que com esmero criou o Amor.

Bendito seja o SENHOR que da cova é nosso libertador.
Bendito seja o SENHOR por todas as belezas do universo.
Bendito seja o SENHOR em prosa e em verso.
Bendito seja o SENHOR pelo canto alegre dos passarinhos.
Bendito seja o SENHOR pelo Espírito que ilumina todas as vias.
Bendito seja o SENHOR pela vida que palpita nos ninhos.
Bendito seja o SENHOR por todo ser vivente.

“GLORIFIQUEI COM JÚBILO AO SENHOR, AQUI,
AGORA, ETERNAMENTE...”



MEDO: ORIGEM DE TODOS OS MALES

A questão que se coloca é a seguinte: o não sabermos lidar com os nossos medos.

Quando não sabemos lidar com os nossos medos uma simples lagartixa pode virar um dragão.

Em relação ao medo e suas gradações: terror, pânico, pavor, podemos ter um olhar tanto do ponto de vista orgânico, “psi”, quanto espiritual.

Causa orgânica: quando a região central do cérebro é responsável pelo controle das emoções e da liberação de adrenalina.

Adrenalina: hormônio secretado pelas glândulas, cuja ação estimula a criação e eleva a pressão arterial.

Olhar o medo por uma ótica “psi” e lidar com ele.

Ver o medo de uma maneira sincera e com fundamento espiritual. Medo é um forte sentimento de que algum coisa ruim vai acontecer”. Ansiedade provocada por um perigo real e conscientemente reconhecido.

Outras vezes: terror, receio ou ainda: caracterizado por uma enorme gama de alteração no comportamento, oscilando entre a fuga e o isolamento.

Estado emocional de agitação motivada pela presença real ou presumida de um perigo.

O medo por um olhar com fundamento no espiritual.

Nesse sentido, Jesus manifesta em várias passagens autoridade suprema sobre tudo aquilo que pode criar uma situação de medo ou morte, geralmente prefigurada em Satanás, o anjo da morte.

De fato, o medo apareceu no ser humano, segundo as Sagradas Escrituras, quando houve a desobediência de Adão e Eva ao se esconderem, face ao pecado cometido por Eva ao comer do fruto proibido.

Dessa forma, fica claro que se o arrependimento não se concretizar, o pecador com suas próprias forças não conseguirá controlar o medo.



A ÁRVORE DA ESPERANÇA

Amendoeira: imponente atalaia nos campos íngremes de Sião.

Alta e solene manifestação dos puros de coração.

Nívea mensagem de Paz a bailar no ar.

Lâmpada fluorescente a brilhar no velador.

Ninho carregado de amor.
Pedra angular na catedral do SENHOR,
Vara florida na mão de Arão.
Luz que acalenta deveras o coração.
Esperança segura na desolação.
Cântico que ilumina a direção.
Bênção celeste que viceja assaz em qualquer estação.



08 DE MARÇO: DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Mãe-Mulher

Vocábulo mágico cheio de verdade.
Palavra cheia de contrição.
Ser iluminado de perdão.
Raro instante de eternidade.
Busca eterna da verdade.
Fé, esperança e caridade.
Ninho pleno de amor.
Lenitivo seguro na dor.
Dádiva de eternas alvoradas!
Espada de fogo nas batalhas ganhas.



04 DE MARÇO: DIA MUNDIAL DA ORAÇÃO

Oração: prece ou súplica dirigida a Deus.

Pôr o “or” em ação.

Diálogo franco com Deus.

Vamos todos orar?

O momento é propício para meditarmos sobre a necessidade de orar. Orar pela situação crítica por que o mundo e o Brasil atravessam com letal Pandemia...

A situação é grave, de grande esterilidade, de escassez, com a possibilidade de haver um colapso na Saúde.

Vamos orar para que o Brasil ilumine as mentes e os corações dos especialistas na matéria, a fim de que encontrem meios de combater eficazmente o mal que viceja assaz.

Vamos orar por nossa Pátria estremeçada por escândalos intermináveis provocados pela ferrugem da corrupção.

Vamos orar pelo nosso presidente e por todas lideranças e autoridades gradas deste país.

Vamos orar por nossas autoridades sanitárias para que encontrem meios de combater a hidra que tem ceifado milhares de vidas em todo o mundo.



LE SOURIRE DE PRINTEMPS

A tarde: santa catedral da natureza.

O trigal: altar dourado do SENHOR.

O Sol: lâmpada rubi-dourada no poente.

Os campesinos: sombras agitadas em busca do pão.

O lago tranquilo: estilhaço de cristal, espelhando o céu de anil.

Nuvem de chilreios: culto de eterno amor à liberdade.

As borboletas: glórias excelsas de Deus.

Miriades de insetos: frenético bailado no grande ar.

A fonte: estrada de vida, buscando o imenso mar.

As andorinhas: culto de intenso amor nos átrios do SENHOR.

**GIL CAMPOS DE FARIAS**

VIAGEM AO UMBRAL

Seu único crime foi dizer na sala de aula, para a turma em que lecionava Biologia, que a cura para os males da humanidade – da pneumonia a uma “gripezinha” – estava na Ciência. “A Ciência acima de tudo. Deus acima de todos”, costumava repetir para os alunos. Logo foi tachado de “comunista”.

Não entendia o motivo do apelido, pois não participava do Partidão e muito menos de reuniões subversivas – a única reunião semanal que não faltava era a do centro espírita kardecista que frequentava desde a infância na companhia dos seus pais. Ainda assim, levava na brincadeira o novo apelido que, rapidamente, se espalhou pela escola ao ponto de ser chamado pela direção para uma séria conversa.

- A coisa tá ficando feia. Não dê tanta importância para a Ciência. Ensine o básico apenas. Estamos vivendo momentos sombrios, de dura repressão, de tortura, mortos e desaparecidos.

Não quero problemas para a escola. Você sabe quem são os pais de muitos alunos deste estabelecimento – aconselhou um diretor. Mas, tarde demais, seus passos já estavam sendo seguidos e sua rotina muito bem observada.

As aulas continuavam, aparentemente, dentro da normalidade. Mas o professor se deu conta de que homens de óculos escuros eram vistos com frequência nos arredores da sua casa. Ainda assim, ele não se amedrontou, até a noite em que, ao deixar as atividades do centro espírita da qual era também um dos palestrantes, foi agarrado por desconhecidos e colocado no interior de um Maverick 1971.

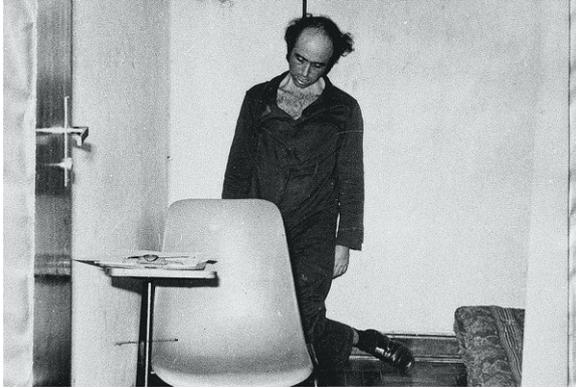
- Segue para a base – disse o motorista, enquanto o professor, amedrontado e encapuzado, rogava pela proteção de todos os espíritos de luz que existissem no plano terrestre e além dele.

Sua bolsa de couro foi colocada sobre uma velha mesa de madeira, enquanto lhe foi ordenado tirar a roupa. Naquele momento ficou sabendo estar no DOI-Codi e que teria, em breve, uma conversa com um tal coronel Ostra.

Os milicos, ao preencherem sua ficha, ligaram o seu nome Leon, a Trótski, pensador marxista, e não quiseram ouvir a explicação que se tratava de uma homenagem dos seus pais a Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido na doutrina espírita como Allan Kardec, morto em Paris em 1869, 102 anos antes.

Da sua bolsa retiraram O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Kardec, e planos de aulas.

Coronel Ostra entrou na sala esbravejando, querendo saber do “professorzinho” sobre Norberto Nehring, Heleny Guariba, Iara Iavelberg, Ana Rosa Kucinski, Vladimir Herzog e Luiz Carlos Almeida. Leon não conhecia nenhum deles, mas sua negativa foi em vão.



Vladimir Herzog - foto domínio público

Depois o tal coronel Ostra esfregou em sua cara um desenho onde estavam escritos “Células (de A a H)”. A explicação de que se tratava do rascunho de uma prova com os oito tipos de células humanas que seria mimeografada no dia seguida, também foi em vão. O carrasco insistia, na ocasião, que as anotações se tratavam verdadeiramente de “células comunistas”.

Leon foi levado para a sala de tortura. Teve as unhas arrancadas com alicate, levou choques elétricos na ponta da língua e no pênis. E apanhou no pau de arara por quase cinco horas, até desfalecer. A ordem, naquele momento, era livrar-se do suposto cadáver, que horas depois foi jogado na Serra da Cantareira, onde foi encontrado por caçadores que, observando que aquele desconhecido todo ensanguentado e cheio de hematomas apresentava fraca respiração, o levaram para o Hospital São Luiz Gonzaga.

Lá, em coma, foi intubado e sentiu seu espírito desprender-se do corpo.

Foram momentos de pânico e perturbação. Leon viu seu corpo sobre o leito, homens estranhos ao seu redor querendo agarrar-lhe. Lembrou-se dos ensinamentos do centro espírita e não teve dúvidas de que havia desencarnado.

Caminhou por um túnel escuro durante horas, até que avistou uma cidade. Viu, em uma praça pública, um grupo vestindo verde e amarelo e segurando a bandeira brasileira. Alguns integrantes traziam cartazes pedindo a volta da ditadura militar. Faixas espalhadas também exigiam a intervenção dos militares no Brasil.

Atônito, seguiu caminhando sem rumo até parar na frente de um bar e acompanhar pela TV que o novo presidente do Brasil era um capitão do Exército e que o seu governo, na verdade, era uma junta militar, com vários generais ocupando os cargos de ministros.

Seu corpo fluídico sentiu um choque elétrico da cabeça aos pés, a incredulidade o invadiu quando ficou sabendo que o militar havia sido eleito pelo voto direto, livre, democrático. “Como pode?”, perguntou a si. Resolveu permanecer no local tão logo observou que o presidente iria fazer um pronunciamento.

Olhando para um grande telão, sua feição logo se transformou em terror quando o presidente defendeu usar a Lei de Segurança Nacional contra quem lhe desferisse impropérios. Olhou ao seu redor e viu uma horda vibrando com o discurso e grupos com feições bovinas aplaudindo o chefe supremo da Nação, numa grande festa animalesca, com gritos paranoicos e delírios alucinantes.

Ainda no pronunciamento, o presidente atacou ferozmente a Ciência e ameaçou decretar estado de sítio no país, o que foi ovacionado pelos seus sequazes; cada vez mais que aplaudiam, aumentava em torno deles uma negra e fétida nuvem, e a vibração negativa que emanava era estonteante.

Assustado com o que via, Leon se afastou rapidamente. Queria perguntar onde estava, mas ninguém o escutava. De longe avistou uma multidão aglomerada no portão principal de um ce-

mitério. Se aproximou de uma fila enorme de corpos aguardando o sepultamento que era feito por coveiros com roupas semelhantes às dos astronautas que o fez lembrar o seriado “Perdidos no Espaço”, que gostava de assistir na televisão de válvulas ao lado do seu pai.

Observou muitos espíritos aos prantos. Outros com feições cadavéricas e vestindo ainda batas de hospitais, trazendo tubos enfiados na garganta que não conseguiam retirar. Mas todos pareciam estar se afogando fora da água. Os gemidos agonizantes eram aterrorizantes.

Profundamente perturbado, afastou-se do local e traçou sua trilha de andarilho por uma cidade que lhe foi parecendo pouco a pouco familiar. Sim, viu a faculdade onde estudou. Lembrou do restaurante que, na rua lateral, reunia jornalistas, escritores, professores, advogados e outros intelectuais.

Diante da falsa sensação de fome, se dirigiu ao local e se aproximou de uma grande turma sentada diante de uma mesa – eram as cabeças pensantes do país, algumas já grisalhas – e ficou estarecido: todos faziam a intransigente defesa do governo militar e traçavam ações para uma intervenção no país, de forma até mais veemente que o grupo observado na praça horas antes.

Pensou: “a velhice só ratifica o que a pessoa foi durante toda a vida”.

Observou homens, mulheres, crianças, jovens e idosos famintos, em filas quilométricas, disputando um prato de comida. Hospitais lotados, com leitos sem oxigênio e pacientes morrendo dentro das ambulâncias sem atendimento. Médicos esgotados emocionalmente implorando por dignidade. Escolas, igrejas, comércio fechados.

Leon lembrou das histórias que seu avô, um velho nordestino, contava sobre a besta de sete cabeças e dez chifres, que vivia acorrentada no fundo do mar. Chorando, ele se ajoelhou e orou com o coração, implorando por perdão e suplicando compaixão àquele mundo doentio.

Sentiu, mais uma vez, suas forças perecendo tal como aconteceu no pau de arara diante de militares sarcásticos. E apagou.

Fez-se um longo silêncio. Ao abrir os olhos, viu seu pais ao lado do leito. Sua mãe, Terezinha, gritou de alegria. O pai caiu genuflexo ao lado da cama e rezou como nunca havia feito antes.

- Mãe, o que aconteceu? – perguntou, com muita dificuldade.

- Filho, você estava em coma há um ano e oito meses. Já havia sido desenganado. Mas sempre acreditei que Deus e os espíritos de luz o trariam de volta – respondeu com lágrimas nos olhos.

Leon sorriu e disse:

- Deus também ouviu minhas preces. E me tirou do umbral.

Dedico à professora Antonia Vaz,
que amargurou momentos de dor
e de angústia durante o regime militar



ISABEL BORAZANIAN

ENTREGA

Sensivelmente sinto o sensível
maravilhosamente sentido,
sem termos prá decifrar
a sensibilidade que encontro,
no encontro das nossas vontades,
contidas, cortadas, simuladas...
Com medo de se atirar
no sentimento que transborda na face
que explode no interior da alma,
abraçada, lavada...
Não adianta mais simular...

PARTI-SÓ

na solidão esparsa
na frieza de uma relatividade humana
em morte vã
recobre de preto
seus versos sujos
empoeirados pelo tempo
Na sua indiferença
e perdido por contratempos existenciais
partiu

pensando

Pedro

foi

pensando

e partindo

Pedro

se foi...

UNIDADE

Cada dia

Cada lua

Cada noite

Cada sol

Meu interior
ser exterioriza

Meu exterior
se interioriza

Alma corpo

Corpo alma

Luz divina

Vida luz

TEMPO

Nas memórias de um tempo,
invisíveis são os momentos.
Nas histórias de um tempo,
viajam os sentimentos.

Nos sentimentos das histórias,
invisíveis sentimentos.
As histórias, os momentos,
são memórias de um tempo.

DECISÃO

As horas saltam,
os sentimentos voam,
atravessam meus sentidos.
O momento é frágil,
sou vida pulsando,
buscando caminho.
As horas voam,
os sentimentos saltam,
atravessam meus sentidos.
O momento é frágil,
sou vida buscando,
pulsando caminho.

DOCES MEMÓRIAS

Sensações de um tempo passado
invadem todo o meu ser.
A nostalgia me abraça,
fazendo a saudade nascer.

E o tempo passado, ido,
invade a minha emoção,
memórias, doces memórias,
memórias do coração.

RECORDAÇÃO

Ontem eu bati na porta da casa
da casa da recordação.
Quase toda porta tem chave,
a dela não tinha não.

Bati! E lá de dentro ela gritou:
- Pode entrar!! Pode entrar!!
Fui abrindo a porta bem devagar
e a recordação me abraçou.

Foi um abraço tão bom.
Foi um abraço de calor.
Foi um abraço abraçado.
Foi um abraço de amor...

DISSABORES

Ah! Existem tantos dissabores
que infiltrados, viram dores
na frágil corrente do dia.

Onde um meio sorriso brota
na boca quase fechada e torta,
tentando diluir a dor
estampando falsa alegria.

Ah! Existem tantas dores
que infiltradas, viram dissabores
na frágil corrente do dia.

Onde uma lágrima desce morta,
um nó na garganta enrosca,
diante de tanto desamor,
reflexo da hipocrisia.

Ah! Existe tanta indignação
diante de tantos dissabores
que não cabe na razão.

A PIPA

Era uma folha de papel ao vento
que voava e não sabia
que o menino também voava
na linha que a conduzia.

Subia, subia, subia e descia.
Rodopiava, dançava, empinava,
descia, descia e subia.
Momentos de eterna magia.

Era uma folha de papel no tempo
que voava com alegria.
Era o menino que conduzia a linha
ou era a linha que o conduzia?

E na folha de papel que voava,
o vento abraçou o tempo,
o tempo revelou o vento,
enquanto o menino sonhava.

SEGREDO DAS LETRINHAS

Um dia quatro letrinhas
resolveram se aventurar.
Misturaram-se com os peixinhos
e mergulharam no mar.

Cada letra foi para um lado,
ninguém conseguia alcançar.
Elas juntas formavam um segredo
que o Bruninho queria desvendar.

Depois de um longo tempo,
as letrinhas resolveram voltar
e misturaram-se com as outras letras
que não mergulharam no mar.

O segredo das letrinhas
o Bruninho descobriu.
Bastou unir as letrinhas molhadas
e uma palavra surgiu.

O segredo é uma palavra mágica.
Palavra que rima com flor.
É a maior riqueza da vida.
É a palavra amor.



IVO DE SOUZA

QUARENTENA

Antes de falar das minhas experiências sobre a quarentena, gostaria de lembrar que estamos no ano bissexto e associá-lo a, pelo menos, dois bissextos anteriores, quando ocorreram alguns fatos que geraram pânico à população, pelo medo da morte, de uma guerra mundial, do fim do mundo.

Estava de férias, aproveitando as praias de minha cidade natal, mas naturalmente atento aos acontecimentos. E haja acontecimentos.

Obviamente, não vou descrevê-los pela ordem em que ocorreram, mas tentar associá-los, de alguma maneira.

Pois bem, quando 2011 estava dando seus últimos suspiros, uma voz sussurrou aos seus ouvidos: -“não fique triste, vá em paz, o próximo ano que virá, será bissexto e, portanto, terá um dia a mais. Será mais turbulento”. Uma pausa. Silêncio absoluto. De repente a voz sentenciou: -“será o fim do mundo”.

Esta última frase espalhou-se pelo planeta como um rastro de pólvora, incendiando tudo e todos por onde passava. Os meios

de comunicação reuniram experts para debater o assunto. A maior rede de televisão do Brasil dedicou um programa inteiro sobre o tema. Ouviu-se falar das profecias de Nostradamus, dos manuscritos dos Incas, dos Maias, Confúcio e tantos outros, menos da Bíblia Sagrada.

Mas, o que mais me chamou a atenção foram os fatos que atribuo aos efeitos desta frase: “o mundo vai acabar em 2012”.

Na Europa, os países considerados ricos mostraram suas fragilidades, perdendo seu brilho;

Os deuses da Grécia perderam seus poderes e foram rebaixados a pecadores, sem direito a fazer milagres e uma tempestade econômica arrasou os templos;

No Egito, em um jogo de futebol, intolerantes massacraram a torcida do time mais popular do país, deixando um rastro de mais de setenta mortos;

Na Itália, o comandante de um navio cruzeiro assiste do camarote aquele gigante de aço afundar, sem fazer nenhum esforço para impedi-lo, sem demonstrar qualquer empenho para salvar a tripulação ou os passageiros veranistas, sendo o primeiro a pular, literalmente do barco, tampouco sentiu remorsos pelas vítimas fatais;

No Brasil, a presidenta continua sua faxina e ministros caem como peças de dominó e quando viaja reconhece que o País tem teto de vidro. Talvez por isso tenhamos tantas dificuldades de decolagem nos aeroportos. As sujeiras continuam causando enchentes e devastando cidades inteiras porque as verbas escaparam pelos ralos. No Judiciário, os juízes perdem o juízo, tiram a venda e tentam desfazer o Conselho, criado por eles mesmos, impedindo que a justiça seja feita. As indústrias automobilísticas “brasileiras” enviam às suas matrizes estrangeiras volumosas quantias em dinheiro para salvá-las do caos. No Rio de Janeiro, em São Paulo, em São Bernardo prédios caem ou explodem sem causas

aparentes. Em Brasília, o metrô é sabotado e na Bahia, a greve de policiais leva pânico à população.

Aí vem o carnaval e, por algum tempo, a frase “o mundo vai acabar em dezembro de 2012”, cai no esquecimento. Também pudera, o carnaval é agora, e até dezembro ainda teremos dez meses. O efeito da frase “o mundo vai acabar em 2012” foi danoso também para o futebol: o melhor time das Américas foi até o outro lado do mundo para aprender a jogar futebol com os espanhóis, segundo declarações do melhor jogador do Brasil, na atualidade.

O efeito psicológico da frase continuou sua trajetória silenciosamente pela face da Terra. No futebol, dois anos depois, a seleção mais vencedora do mundo sofreu uma goleada histórica, um verdadeiro vexame. Um acachapante 7 x 1, jogo em que foi eliminada da sua própria festa, apesar de ter investido bilhões de dólares em estádios de futebol e zero em hospitais e no sistema da saúde em geral.

Chegou mais um ano bissexto, 2016, e trouxe consigo uma onda de terremotos, vendavais e furacões envolvendo o noroeste de Bangladesh, Taiwan, Fiji e áreas da Austrália, que além dos danos materiais, deixou como recordação uma virose de nome estranho transmitida por um mosquito de nome igualmente estranho, levando milhares de pessoas a óbito. Esse vírus fez morada no país tropical do carnaval. Não se falava mais que o mundo iria se acabar em 2012, até porque já havia se passado quatro anos.

– Seria alguma profecia do apocalipse, escrita para os anos bissextos?

Ninguém se atrevia a responder. A única coisa que se percebia era um clima de incerteza e insegurança pairando nos intranquilos habitantes do maior país da América do Sul. Esta intranquilidade tinha um nome: o fim do mundo.

Eis que surge 2020, mais um ano bissexto. Eu voltava à minha tradicional passagem de ano no litoral, para quem sabe, com

sorte pular as sete ondas. Assim como nos anos bissextos anteriores, ele chegou com muita pompa, muita festa. Os governantes superempolgados não se deram conta que aquela frase fatídica ressurgira na China com força total. Entretanto, no Continente Tupiniquim, os caudilhos descartaram qualquer possibilidade de proliferação em seus domínios, seus territórios.

Aquela frase “o mundo vai acabar” sofrera uma mutação, já não era em 2012 como se pregava anteriormente, não trouxe uma data específica, tampouco a virose quis ter seu nome associado a um tal aedes aegypti e buscou um animal mais exótico, um mamífero da ordem Chiroptera, um animal de hábitos noturnos, audição bastante aguçada, eco localizador para captura de suas presas ou hospedagem e com capacidade para voar. E voou! Voou pela Espanha, França, Itália, sobrevoou todo o Continente Europeu e deu uma repousada na América do Norte. Daí para a América do Sul foi um pulinho. O réveillon e o carnaval, ou seja, as pompas das entradas do ano bissexto de 2020 funcionaram como trombetas de boas-vindas, como um portal de transporte virtual sem quaisquer barreiras.

O mar se revoltou, ficou muito agitado, não permitindo banhistas nas praias, exceção feita aos surfistas, que mostram suas habilidades quando surgem as grandes ondas. O povo não entendeu a mensagem vinda do mar.

Quando as cinzas do carnaval foram varridas pelas chuvas de março, surgiu novamente a frase “o mundo vai acabar”. Ouviu-se, inclusive, que uma terceira guerra mundial havia começado, dado o número de mortos na China, na Espanha, na Itália, França, etc., sem que se disparasse um só tiro, uma só bomba ou ogiva. Desconfiou-se de uma guerra biológica.

Muito bem, se a guerra é biológica, a melhor arma contra ela será o isolamento social, segundo os cientistas e especialistas da Organização Mundial da Saúde, para evitar a transmissão da bactéria ou do vírus, com altíssimo grau de letalidade.

A QUARENTENA

A quarentena tomou corpo e foi aplicada, inicialmente, para as pessoas consideradas de risco e de faixa etária superior a sessenta anos, faixa esta na qual eu estou incluído. Informações desconstruídas como o desalinhamento político entre executivo, legislativo e judiciário tomaram conta das mídias, algumas levando ao pânico à população. Muitos diziam ser o Apocalipse, outros diziam ser o fim da raça humana na Terra, “o fim do mundo”.

Na primeira quinzena do mês de março, frequentei reuniões, usei ir ao banco, hortifruti, mercado, padaria e farmácias. Tudo parecia “normal”, apesar do clima de estresse da população e tensão entre os três poderes que se estendeu até as unidades da Federação. A expressão “Fique em casa” ganhou espaço entre as conversas. Numa dessas saídas fui abordado na porta do banco por uma senhora elegantemente vestida, de cabelos ondulados e bem cuidados, sapatos de saltos altos e envernizados que refletia como espelho, olhando para mim argumentou:

– Fique em casa!

Usando de meu bom humor, retruquei sorrindo:

– Passe-me o endereço que mais tarde irei!

Ela reagiu imediatamente arremessando uma bolsa Luiz Visom no meu rosto com tanta violência, que os óculos escuros que uso devido à deficiência visual, caíram a uns quatro metros de distância. Até a minha bengala branca e verde foi ao chão.

Ouvi alguém gritar:

– Uma briga!

Os seguranças do banco colocaram-se em posição de alerta e de defesa ao mesmo tempo.

A elegante senhora atravessou a porta, colocou uma máscara no rosto e continuou caminhando para o balcão de atendimento.

– Um cego foi agredido aqui! – disse uma pessoa.

– Meus óculos... Alguém viu meus óculos? – perguntei.

Curvei-me para pegar a bengala, mas antes que a alcanças-se, outra pessoa pegou para mim.

Uma jovem vestindo calças jeans e camiseta, com frases em inglês, respondeu:

– Está aqui senhor, mas as lentes estão quebradas.

– Muito obrigado! – respondi.

– O senhor precisa de ajuda para voltar para casa? – perguntou a jovem.

Disse que não e ri, apesar da dor que ainda sentia, ao lembrar da frase que gerara toda aquela confusão.

– Estou aguardando minha esposa, que foi resolver alguns assuntos com o gerente. – Eu disse.

– Então entre e sente. – disse a gentil jovem.

– Não, obrigado! Prefiro ficar em pé aqui fora. – respondi.

E continuei:

– Lá dentro tem muita gente e a possibilidade de contato e contágio é muito maior. – argumentei.

A jovem ainda perguntou se eu queria ir até a farmácia ou a um pronto-socorro. Ante a minha negativa, calou-se. Segundos depois, continuou:

– Agressão a pessoa idosa e deficiente é crime. O senhor pode fazer um boletim de ocorrência, e se o fizer pode contar comigo.

Agradei a gentileza e nos despedimos. Ela entrou no banco e eu fiquei apalpando a armação do óculo. Não demorou muito e minha esposa apareceu e logo ao me ver, foi questionando:

– Cadê os seus óculos? Que roxo é este na sua testa? O que aconteceu com você?

– Calma! Calma! – exclamei. Vamos embora: no caminho eu conto o que aconteceu. – concluí.

O vendedor de guloseimas ouviu os questionamentos da minha mulher e argumentou:

– Ele apanhou da madame!

Minha esposa tentou falar com o vendedor, mas eu continuei andando e falando um monte de coisas sem sentido, para ela não ouvi-lo.

No caminho até em casa, optei por falar sobre o assunto que nos havia levado ao banco e nada sobre a agressão.

Ao chegar em casa, depois de uma boa higienização das mãos, dos sapatos, banho e troca de roupa, seguindo as recomendações dos órgãos de saúde, ela me perguntou sobre o que ocorrera comigo no banco. Contei-lhe tudo com os mínimos detalhes. Sua primeira reação foi imediata.

– Isto que você fez é uma falta de respeito, é assédio – disse ela. Se fosse comigo teria chamado a polícia, feito um boletim de ocorrência. – concluiu.

– Fiz apenas uma brincadeira. Saiu espontaneamente – eu disse. Como se diz por aí, “perco um amigo, mas não perco a piada” – continuei. Vamos esquecer o ocorrido, esta quarentena parece que vai ser longa e devemos estar em harmonia durante este período. – concluí.

Ao final da segunda quinzena do mês de março, a quarentena já estava se tornando cansativa. A disputa era pelo melhor lugar ao Sol para processar a vitamina D, que segundo as recomendações dos especialistas em saúde, era necessário para aumentar a imunidade.

Esta rotina foi quebrada por uma ligação telefônica, atendida por minha esposa.

– É uma tal Betina, quer falar com você – disse ela, me passando o aparelho.

– Alô! – pode falar.

– Como vai, professor? Tudo bem? – perguntou a jovem.

– Estou bem! – respondi, e em seguida perguntei:

– Quem é você?

– Fui sua aluna no ensino médio, e a pessoa que recolheu os seus óculos do chão na porta do banco. Lembra?

– Claro! Jamais me esqueço de uma gentileza – respondi.

– A que devo a honra?

– Sou advogada e fiquei sabendo que a pessoa que lhe bateu com a bolsa abriu um processo de assédio moral contra o senhor, e estou me colocando à disposição, caso precise dos meus serviços. Sem nenhum custo.

– Mas estamos em quarentena. Como é que alguém se dá ao trabalho de abrir processo? As pessoas idosas então em isolamento social – retruquei. Não vou a um fórum ou delegacia mexer com processo no meio de uma pandemia. Além disso, nem sequer sei o nome daquela mulher – concluí.

– Desculpe, professor, mas o processo foi aberto pelo sistema eletrônico. É assim que acontece a maioria das aberturas de processos – explicou a advogada.

– Podemos falar sobre isso outro dia? – perguntei.

– Sim! – respondeu ela. Entretanto, processo conta prazo e, além disso, é necessário que o defensor ou defensora tome conhecimento do conteúdo para melhor elaborar a estratégia de defesa – ela disse. Eu o ajudei naquele momento e gostaria de continuar a ajudá-lo.

– Está bem – respondi. Falaremos sobre o assunto mais tarde, preciso conversar com minha esposa.

– Anote o número do meu telefone, por favor.

Anotei o número do telefone fixo e celular da jovem advogada, passei o meu celular para ela e encerramos a conversa.

Minha mulher, estressada que estava por causa da quarentena, há mais de um mês sem ir ao shopping, descarregou sobre mim, com palavras ríspidas toda a sua tensão.

– Eu sabia, eu sabia – dizia ela, enfurecida. Você não compartilha as coisas comigo. Não me contou tudo o que aconteceu naquele dia. Deve ter sido mais grave do que aquilo que me contou. Quem é essa mulher? Qual é o nome dela?

– Não sei o nome dela, não sei quem é! Lembro-me apenas de seu cabelo ondulado sobre os ombros, seus óculos escuros de lente grande e arredondada e sapatos pontudos e envernizados, mais nada! – respondi.

– Mentira! Você está mentindo! Conheço você! Com certeza, estava aprontando mais uma das suas. Vou até a porta do banco, conversar com o vendedor de guloseimas. – disse ela.

– Não esqueça que estamos em quarentena e não podemos sair para a rua. Além disso, o governador impôs uma multa de cinquenta por cento do valor pago pelo presidente, como ajuda de custo. Como ele não pode receber, ele criou uma maneira de pegar – falei.

A discussão com a esposa continuou.

– Você é um cafajeste, sempre metido em rolo com outras mulheres. Não faz nada de interessante, nem mesmo os livros que escreve – ela retrucou.

E ao mesmo tempo em que falava foi pegando os livros da estante e jogando-os no quintal. Tomou o cuidado de empilhá-los em quatro colunas, uma encostada à outra, encheu de folhas impressas no meio, colocou álcool e ateou fogo. As labaredas alcançaram uns dois metros de altura e rapidamente consumiram todo o

estoque. Eu olhava passivamente as chamas, enquanto ela se pôs a chorar copiosamente. Quando as chamas se debelaram, com a certeza de que não havia mais perigo de propagação, aproximei-me dela, encostei-a em meu peito e abracei-a com carinho. Assim ficamos por algum tempo, até que o choro cessasse e o soluço desaparecesse. Ela entrou para o quarto e, em seguida, ouvi o som do chuveiro ligado. Depois do banho, mostrou-se mais calma. Não tocamos mais no assunto no resto do dia.

Na manhã seguinte, enquanto ela preparava o café, peguei um pote de vidro com tampa de rosca, fui até a fogueira e recolhi as cinzas. Fechei o pote, lacrei-o com fitas adesivas, embrulhei-o com papel preto e etiquetei. Na etiqueta constavam os seguintes dizeres em duas linhas:

Na primeira linha a palavra URNA, em letras maiúsculas, na forma de título e na segunda linha, com letras cursivas, lia-se:

“Aqui jazem os restos mortais de vários personagens, ilustres desconhecidos, criados por mim, mortos durante a quarentena, por sufocamento, provocado por insuficiência respiratória, proveniente do excesso de inalação de fumaça, advinda de um incêndio gerado por um produto inflamável e alimentado pelo oxigênio da atmosfera.”

O fim do mundo acabara de chegar para eles e eu estava ali de testemunha ocular do episódio. A urna tomou assento na estante do escritório, no lugar antes ocupado pelos protagonistas de suas histórias.

O café da manhã transcorreu como de costume, calmo e tranquilo. Já na varanda, tomando Sol, ela tomou a iniciativa de um pedido de desculpa, o qual foi aceito e considerado o episódio do dia anterior como efeito do estresse causado pela longa permanência em casa.

– Você tem razão! Tenho andado muito preocupada com este terrível consumidor de humanos – disse ela. Não esqueça que estou na faixa de risco.

– Nós estamos na faixa de risco – eu disse. Sou mais velho do que você.

Mudamos de assunto. Havíamos combinado ouvir e falar o menor tempo possível sobre o coronavírus. Também não comentamos sobre a queima dos livros ou sobre seus restos mortais. Talvez ela não se lembrasse, mas o original estava na editora e no drive do computador, uma cópia de inteiro teor.

Durante aquela semana economizamos fala. Ficamos taciurnos, pensativos. Estes pensamentos me levaram à proposta da jovem advogada. Decidi que era o momento de entrar em contato com ela. Liguei!

– Alô! Aqui é o professor – eu disse. Será que poderíamos retornar àquele assunto? – perguntei.

– Olá, professor! Que bom que o senhor retornou. Podemos falar sim – disse ela.

– Por onde começamos? – perguntei.

– O senhor gostaria de vir até meu escritório? – perguntou ela.

– Não! É claro que não! Estou em quarentena e não pretendo interrompê-la. Pensei que poderíamos conversar através de alguma rede social – falei.

– Diga-me qual o senhor costuma usar e, se eu não tiver, eu baixo no meu computador.

Citei uma bem simples, já que se tratava de apenas duas pessoas em videoconferência. Ela respondeu que usaria aquela rede pois já usara em outras ocasiões. Desligamos os telefones e fomos para o computador.

– Muito interessante esta tecnologia da informação: aproxima as pessoas sem nenhum contato, mas permite matar a saudade – comentei, quase em forma de pensamento.

– É verdade! – respondeu ela.

– Estava me referindo aos parentes e amigos de modo geral – completei.

– Sim! Eu entendi – retrucou ela, sorrindo. Muito bem, vamos recordar o episódio daquele dia, começando com o motivo pelo qual o senhor estava na rua, ou melhor porta do banco e não dentro dele – ponderou a jovem advogada.

– Eu e minha esposa saímos para acertar algumas pendências bancárias. Primeiro entramos na minha agência, de outra bandeira que não a dela, e resolvemos o meu lado. Havia pessoas com e sem máscaras se acotovelando. Entrei porque precisava fazer uso de minha digital. Achei estranho e não muito organizado o uso do álcool em gel disponível para os clientes – eu disse.

– Continue! – disse ela, enquanto eu bebia uma água.

– Quando fomos para agência dela, decidi que não entraria pela mesma razão encontrada na minha agência. Ela aceitou. Ela entrou e eu me coloquei próximo ao vendedor de guloseimas, porque sempre tem algum freguês contando boas piadas e se empolgam quando percebem que tem mais alguém ouvindo, ou mais de um freguês falando de assuntos diversos que possam gerar um novo conto ou uma poesia. Considero estes pontos ricos em lórotas, futebol e política – expliquei.

– No momento do incidente tinha algum consumidor ou contador de piadas? – perguntou a advogada.

– Sim! Havia uma pessoa sim, mas não estava contando piada, estava apenas parado de costa para o vendedor, falando ao telefone – falei.

– E em relação à mulher, o que o senhor tem para me dizer?

– Não observei se veio da direita ou da esquerda. Só a percebi quando ela fez aquela proposição, a qual eu retruquei sem

pestando. Foi espontânea, talvez por ter ouvido várias piadas minutos antes. Sinceramente não esperava uma reação tão impetuosa – disse eu.

– Está bem professor, vou montar a inicial, quando estiver pronta, envio para o senhor por correio eletrônico e, paralelo a isso, envio também uma procuração, me outorgando poderes para atuar neste processo, até que o mesmo seja tramitado em julgado, com sentença definitiva ao nosso favor – disse ela.

Em seguida perguntou:

– O senhor sabe o nome da pessoa que o agrediu? Quer anotar aí?

– Não! Não será necessário! O nome dela constará no processo. Até lá, para mim, ela será apenas a mulher do sapato envernizado – respondi.

A semana parecia mais lenta do que de costume, pareceu uma eternidade. Fiquei tenso, mas tentei disfarçar o máximo que pude para não influenciar a minha mulher. Na manhã do sábado, ao acordar, percebi que havia uma mensagem em minha caixa de correspondência eletrônica. Abri. Eram os documentos enviados pela advogada. Li inúmeras vezes. Não me conformava com a ideia de passar por um processo judicial a esta altura da minha vida, por conta de uma piada envolvendo um vírus supostamente chinês, que obrigava a população mundial a ficar trancada dentro de casa ou sair para a rua e se submeter a sua contaminação fatal, a morte. Era o fim do mundo. Pela contestação, se podia ver que a reclamante, a mulher de sapatos envernizados, alegava ter passado por constrangimento em público e era passível de processo, segundo o Código Penal brasileiro.

Pedi para minha esposa ler o processo. Ela leu. Pelo tempo que ficou em frente ao computador, penso que leu mais de uma vez. Não fez qualquer comentário.

Inconformado com o processo, assinei a defesa e reenviei para a jovem advogada, com um pedido de mais detalhes sobre as reivindicações da reclamante.

A advogada informou que a reclamante, através de seu representante, exigia coisas absurdas como uma compensação monetária equivalente a cinquenta salários mínimos, dez cestas básicas por mês, por um período de cinco anos e prestação de serviços comunitários por quatro anos.

– Isso é um absurdo! – esbravejei. Não é possível que algum juiz seja capaz de atender tal reivindicação. Como prestar serviço comunitário, em momento de pandemia, com cinquenta por cento da população em isolamento social, em quarentena.

– Talvez isto nos favoreça! - ponderou a advogada. No momento do julgamento, o juiz também poderá considerar absurdo e resumir tudo ao mínimo ponderável, em caso de condenação, nós ganharmos o processo ou inverter a penalidade, atribuindo a ela as custas do processo por banalização da Justiça. Vamos aguardar!

– Está bem! Está bem! – respirei mais calmo.

- Mais alguma coisa? – Perguntou a advogada.

- Bem! Na verdade, eu gostaria de falar com a dona do sapato, pessoalmente. Queria entender o motivo pelo qual ela abriu um processo em plena pandemia, no momento que o mundo passa por uma guerra mundial biológica. Até agora não associei o nome à pessoa. É estranho! – falei.

– Professor, isto não é comum! Conversar com o processante antes da audiência – disse a jovem advogada.

– Então vamos investigar! Descobrir tudo! Onde e com quem mora, quem são seus amigos. Quantos pares de sapatos ela tem. Qual é seu partido político, sua religião, seu time de futebol, a cor e perfume preferencial. Com esse coronavírus flutuando nos ares deste país, a audiência deve demorar um pouco para ser marcada. Aproveitaremos este tempo para investigar – sugeri.

– Está bem! A decisão é sua, professor!

– Essa investigação tem custos e estes custos serão custeados por mim – completei.

A jovem advogada começou seu trabalho investigativo pela primeira vez na sua carreira. Entretanto, surgiu um problema: a mulher dos sapatos envernizados pertencia à faixa etária do grupo de risco; logo, teria que ficar em casa. Então, como investigá-la? As redes sociais seriam o caminho. A jovem advogada buscou o nome da mulher em todas as plataformas das redes, selecionou seus melhores amigos, cruzando dados, filtrando conversas até que, de repente, surgiu uma pista.

– Penso que encontrei alguma coisa interessante – disse a jovem doutora. Achei uma citação ao seu nome sobre um ensaio coreográfico, para uma apresentação de final de ano, em que o senhor iria participar e não compareceu no dia. O senhor se lembra de alguma coisa referente a isso?

– Sim! Eu me lembro de ter desistido, mas foi um fato sem muita importância – falei.

– Pois é. Para essa senhora não foi tão sem importância assim – disse a jovem doutora. O senhor poderia dar maiores detalhes?

– Sim! Uns dois meses antes da data prevista para a apresentação, houve uma mostra de Arte da qual eu participei e, por essa razão, faltei a quatro ensaios. A coreógrafa deu um sermão publicamente e eu decidi desistir. Nada a ver com as dançarinas.

– Mas o senhor sabia quem seria sua parceira na dança?

– Não! A coreógrafa pedia que trocássemos os pares para não criarmos vícios errados e todos soubessem dançar igual.

– E em relação ao figurino?

– Normal! As mulheres de vestido longo e os homens de terno!

– Chegamos ao ponto – disse a advogada. Essa senhora faria parte da mesma apresentação de dança daquele ano; foi a um atelier de costura e escolheu um modelo exclusivo de vestido que, segundo o que descobrimos, custou muito caro, e mandou fazer. Entretanto, devido a sua desistência, ela não dançou e não pôde mostrar sua preciosidade. Mais do que isso, ficou furiosa e jurou que no dia que lhe encontrasse, cobraria dez vezes o valor do vestido. Esse dia chegou e a oportunidade também. Apesar do risco que ela correu, pois ela podia ser interpelada por clientes do banco, mas ela entrou rapidamente na agência, misturou-se aos demais clientes, enquanto o senhor estava do lado de fora. Ficou difícil associar o incidente a ela.

– Mas aquilo aconteceu há uns cinco anos! Já não me lembrava mais do caso e nem da cara da tal mulher – falei.

– É como se diz por aí, professor: “Vingança é um prato que se come frio”. Agora que sabemos o motivo real do ataque ao senhor, teremos maior chance de defesa – disse a doutora. Vamos aguardar a audiência!

A partir dessa conversa, que fora assistida pela minha esposa, eu me acalmei e ela também se mostrou mais compreensiva.

Que o mundo vai acabar, ninguém duvida. Entretanto, acredito que ninguém é capaz de determinar o dia e a hora, nem mesmo aqueles que insistem em destruí-lo através da degradação ambiental como queimadas, poluição desenfreada das nascentes, dos mares e das camadas de ozônio, provocando derretimento das geleiras e superaquecimento da Terra.



JANDILISA GRASSANO

QUIMERAS

Ao longo dela, doce desventura,
Coerente? Complicada?
Sem graça por não mais poder amar...
Sentiu no coração uma certa tristura.

Quimera, quimeras, aguardava ela,
Sonho feminino, devaneio!
Ah! Figura mítica, sonho, utopia!
Paira no ar pura fantasia...

AH! ESSE AMOR!

Corava-nos a face!

Como aclarava a dor do esmorecimento?

Até na alegria nos perpassa a cor,

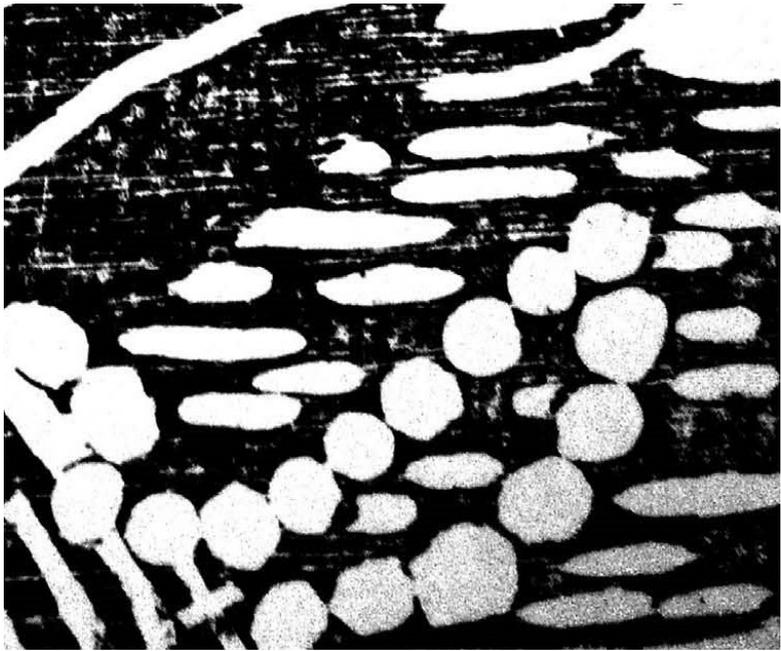
Imagine no dissabor!

Incrivelmente versados nós,

Diante da haurida flor.

Abrasados ficamos após,

Irradiantes com o vermelho da cor.



AH! ESSE AMOR!

Ah! Esse amor!

Sorte, o amigo tem e,
Com certeza, nós também!
Que verbalizando a dor,
Nos encontramos diante do amor!

Que amor é este, que encanta a vida,
Que encanto é este que a nós motiva!
Nos cora a face, nos faz transtornados,
Deveras encantados até nos percalços...

Ah! Este amor!



VIDAS AMARGAS

Por que chorar lágrimas que já chorei?

Por que sonhar sonhos que já sonhei?

Se das tristezas eu vivo

Ou sobrevivo... não sei!

Se da espera que desespera

parto partes do eu partido

Se as tuas idades estabelecem marcas

Para as muitas e muitas vindas

Por que olhos que olhar te querem,

olhar olhares que fazem sofrer?

Por que tantas e tão longas sempre as

desesperanças

Tão sofridas, efêmeras são as lembranças?

Que encanto é este que vasculho tanto?

Que amor é este

nada mais que pranto?

Se em teu sorriso

acalenta e... pronto!



ENCANTO

E se foi a luz,
e se foi a vida...
Tão acalentadas foram as ilusões,
tão sonhados foram os sonhos.

E o agora...
onde colocar a flor?
Em que espaço voará o olhar...
Onde pousará a dor?
E o que fazer com o amor...

Como despirá agora este coração?
Como vestirá agora este corpo?
De que cor...
Onde pôr?
Como recompor...

E se foram as palavras...
O que dizer agora?
Nenhum sentido aflora.
E se foi a mais sutil das ilusões,
já não se refazem no orvalho as emoções...
Sobrepõem-se a tristeza e o desencanto...
Já não se faz sequer o canto;
já não se vê o brilho, a luz do encanto...

Desaparece o ter,
morre o ser.



ESPERA... ESPERANÇA

De repente, se veste o dia de um Sol tão lindo,
tão limpo o céu se descobriu então...

Mas, foram tantas as esperas, tantas...

E esperava que ela se abrisse,
e esperava que dela surgisse, na aragem fresca,
figura de olhar pausado de febril procura.

Palavras não são ditas.
E por que dizê-las?
Se tudo que as circunda
impregnado está deste tênue enlevo.

É o verde das folhas que mais verde está.
É o canto, o pássaro, a nuvem, o encanto.

Esta magia cresce na presença.
Na ausência toma posse e faz sofrer,
um sofrimento doce numa esperança amarga de quem não pode ter
E foram tantas as esperas, tantas...

Até a pintura no cavalete espera,
a flor vermelha encharcada vê
e em meio aos pingos
o inseto incerto neste amor não crê

E foram tantas as esperas, tantas...

**JOÃO CARLOS BIAGINI**

Texto produzido por João Carlos Biagini, quando encontrava-se internado, pouco antes de vir a falecer.

ABORTO, CRISTÃOS E ATIVISMO DO STF

A vida é o mais importante de todos os direitos da pessoa humana. A Convenção Americana dos Direitos Humanos ou Pacto de San Jose da Costa Rica (PSJ), a Constituição Federal (CF), o Código Civil (CC), o Código Penal (CP) e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) protegem a vida, a saúde, a maternidade e impedem a liberação do aborto.

O Pacto de San José diz que “Toda pessoa tem direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei, e, em geral, desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente” (art.4º,PSJ).

Os ministros do STF não têm competência para exercer a função legislativa e liberar o aborto porque o poder emana do povo e em seu nome é exercido pelos representantes eleitos (art.1º, §único da CF). A dignidade da pessoa humana (art.1º, III,CF), a prevalência dos direitos humanos

(art.4º,II,CF), a inviolabilidade do direito à vida (art.5º, caput, CF) e os direitos do bebê a nascer são garantidos desde a concepção (art.2º,CC). A proteção à maternidade e à saúde (arts. 6º, 196, 197, 198, 203, I, todos da CF) impedem a liberação da “interrupção da gravidez”. A saúde do bebê, da grávida, da criança, do jovem, do adulto, do idoso, em qualquer estágio da vida é direito fundamental a ser protegido. Nenhuma mulher acredita na afirmação de ser o bebê parte de seu corpo. O bebê é ser autônomo. Simples assim: se a mulher engravidar e o bebê nascer, ela poderá engravidar outras vezes e se retirar o seu útero, parte de seu corpo, não poderá engravidar nunca mais. E, “em medicina, existe uma analogia entre gravidez e tumor maligno, porque o feto não é igual à mãe. Na verdade, se retirarmos um fragmento de pele de um bebê recém-nascido e o enxertarmos na mãe, ela rejeitará a pele do filho” (blog Dráuzio Varela, “Abortos Espontâneos”).

A pena de morte é proibida, para criminosos e inocentes (art.5º, XLVII, a, CF). O estupro é o mais repugnante dos crimes. Porém, aborto, se comparado ao homicídio (art.121, CP), poderia ser considerado o mais ignominioso de todos os crimes destinados à eliminação da vida humana. Os meios empregados para sua realização são: insidiosos ou cruéis, incluindo o envenenamento, tortura ou asfixia (art.121,§2º,III,CP); o bebê é absolutamente indefeso (art.121,§2º,IV,CP); o crime é praticado contra descendente (art.61,II, e, CP) e contra uma criança (art.61,II,h,CP); feito por um médico que tem o dever de defender a vida (art.61,II,g,CP) e por motivo fútil (art.61,II,a,CP), pois não ter meios de criar, atrapalhar a carreira ou outro motivo qualquer, não justificam a eliminação da vida do bebê inocente. Não se pode eliminar o bebê pela falta de responsabilidade dos casais que praticam sexo sem compromisso. Eles, suas famílias, a sociedade e o Estado devem ser responsabilizados pela vida do bebê gerado. Há previsões legais para isso: art. 1696-CC, com a obrigação alimentar dos ascendentes; art.244-CP penaliza o abandono material e o art.227-CF, responsabiliza a família, a sociedade e o Estado pela garantia do direito à vida do bebê por nascer.

A CLT, nos arts. 7º, XVIII, 391 e 391-A, garante o emprego da gestante desde o momento da confirmação do estado de gravidez e a li-

cença-maternidade. Pergunta-se: I) no caso de liberação do aborto até a décima segunda semana, o contrato de trabalho ficará suspenso e aguardando a decisão da mulher? e II) a grávida se afastará do trabalho? Outra questão são as diferenças entre as gravidezes esperada, inesperada - nesses dois casos a relação sexual é consentida - e a indesejada. O art. 7º e inciso III, da Lei nº 11.340, de 7.8.2006, (Lei Maria da Penha), diz: “Art.7º. São formas de violência contra a mulher, entre outras: III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou participar de relação sexual não desejada...”. Portanto, somente as relações sexuais que caracterizam o estupro (art.213, CP) podem ser consideradas indesejadas.

As gravidezes acontecidas nas relações sexuais consentidas não podem provocar a morte do bebê gerado. A afirmação de ser o aborto questão da saúde pública, que atinge grávidas pobres e negras é discriminatória e distorcida, para enganar o povo. A questão é de FALTA de saúde pública. Segundo a OMS, em 115 países, as causas de mortes maternas estão assim distribuídas: 27% de hemorragia grave (especialmente durante e depois do parto); 14% de hipertensão na gestação; 11% de infecções; 9% de parto obstruído e outras causas diretas; 8% de complicações de aborto e 3% de coágulos sanguíneos (embolias). Afirma a OMS que, em toda a América Latina e Caribe, em 2013, morreram 9.300 mulheres, pelos fatores acima indicados. Dessas mortes, 744 foram por complicações no parto (8% das 9.300). O aborto não é a primeira causa de morte da grávida, não morrem milhares de mulheres e não são realizados milhões de abortos clandestinos por ano no Brasil. O alegado direito individual da mulher não se sobrepõe ao direito coletivo da Nação brasileira. A resposta foi dada pelo STF, que, no caso da vaquejada, afirmou que “conflito entre os interesses individual e coletivo se resolve a favor deste último.” O Brasil precisa de crescimento demográfico equilibrado para sustentar o futuro da Nação. Logo, o direito nacional coletivo se sobrepõe ao direito individual da grávida. Por último, resta dizer que a questão do aborto é humanitária e não religiosa. Porém, os cristãos são perseguidos, achincalhados e até mortos porque defendem a vida.

STF : VERGONHA E JÚBILO

No dia 06 de agosto passado, tive a experiência de ficar na fila para entrar na audiência pública sobre o aborto no STF-Supremo Tribunal Federal e, depois, de presenciar as audiências no plenário. Nessas ocasiões, vários aspectos me chamam a atenção, em especial o comportamento das pessoas.

Muitas pessoas, a maioria mulheres ligadas a grupos ou entidades pró-aborto e um minúsculo número de contra o aborto.

Cheguei bastante cedo, em torno de 7h, para ficar na fila e conseguir um dos 300 lugares do auditório. A fila estava bem curta, em torno de 80 pessoas, e não havia preocupação com a possibilidade de não entrar. A abertura do portão e o credenciamento seriam a partir das 8h. À medida que o tempo passava, com a chegada de mais feministas, a fila ia engrossando à minha frente. Tornou-se uma multidão. Eu, que cheguei bem cedo, para respeitar as regras do direito, estava sendo prejudicado pelo desrespeito das mulheres pró-aborto. É claro que reclamei com o cerimonial do STF, que entendeu a questão de direito e nos chamou para a entrada no plenário. No caminho, passando pela multidão de pró-aborto, gritarias e palavras de ordem foram berradas em meus ouvidos.

É uma vergonha as pessoas serem contra a corrupção, contra os políticos, mas, na vida real, praticarem atos semelhantes. Chegar depois e entrar na fila na frente de todos os que chegaram antes é um desrespeito inaceitável ao direito individual de cada um, direito esse cantado em prosa e verso no Brasil.

Dentro do plenário, vimos situação mais inusitada.

No início da sessão, a presidente do STF, ministra Carmen Lúcia,

deixou bastante claro que estávamos dentro do plenário da Suprema Corte, onde todos devem respeitar e ser respeitados, ouvir em silêncio os expositores, pois não se tratava de uma plateia de teatro nem de jogo de futebol. Não disse com essas palavras, mas com toda a delicadeza possível.

Depois que a presidente saiu do auditório para cumprir seus inúmeros afazeres, a ministra Rosa Weber, alçada à presidência dos trabalhos, insistiu no mesmo pedido de silêncio, de respeito aos expositores e à Corte.

O que se viu foi o total desrespeito das militantes pró-aborto. No início, até com vaias e assovios. Depois de insistentes e repetidos pedidos da ministra Rosa Weber, passaram a aplaudir de pé, com palmas acintosas. Esse comportamento desrespeitoso foi pouco em relação ao fato seguinte. Para almoçar, não levamos todos os apetrechos que carregávamos. Eu deixei a minha bolsa na cadeira onde estava sentado. No retorno do almoço, fomos impedidos de entrar porque, segundo o segurança, o plenário estava lotado. Falei que tinha a bolsa lá no assento. Nem assim me deixou entrar.

Depois de bastante tempo, já iniciada a fase da tarde das audiências, foi permitida a minha entrada. Uma grande surpresa: meu lugar estava ocupado e minha bolsa desapareceu. Eu me sentei num lugar, ao fundo e fiquei procurando minha bolsa. Olhei por baixo das cadeiras e não vi minha bolsa. Embaixo da cadeira em minha frente, havia um celular carregando. Eu continuei procurando e queria fazer um boletim de ocorrência pelo desaparecimento da bolsa.

A situação era ridícula. A moça que estava ao meu lado se ausentou por um tempo. Depois que ela retornou, sob a mesma cadeira onde estava o celular, apareceu a minha bolsa jogada ao chão. O desrespeito ao direito individual de cada um é lastimável. Mas, também, saímos jubilosos. Os defensores da vida respeitaram todas as regras. Diante da permissão para aplausos em pé, se limitaram a aplausos tímidos, sentados mesmo.

O ponto culminante para júbilo dos contra aborto foi a dra. Janaína Paschoal, professora e livre-docente em Direito Penal, na USP-Universidade de São Paulo, Largo do São Francisco, famosa por formar muitos presidentes da República, ministros e autoridades que fizeram o país crescer e melhorar, deu uma aula de ética, antes do início da aula de direito penal.

Antes da apresentação dos expositores, era feita a leitura do curriculum vitae de cada um. Ela pediu para o cerimonial não ler o seu, porque disse que não estava representando a USP, mas a si mesma como advogada. A ministra Rosa Weber insistiu que ela fizesse a sua apresentação como professora e livre-docente do Direito da Sanfran. Ela se recusou e a própria ministra Rosa Weber fez questão de dizer que ela era professora e livre docente em Direito Penal na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco.

A atitude dos contra aborto, de respeitar as regras fixadas pelo STF e, principalmente, o comportamento ético da dra. Janaína Paschoal compensaram a nossa presença nas audiências. As militantes pró-aborto não respeitam nem um ser humano presencialmente visível, que poderia ser pai e até avô de muitas das delas. Como irão respeitar a vida de um ser humano somente visível por ultrassom?

Depois dos momentos vividos em Brasília, não me surpreende mais o fato de postularem a eliminação das vidas humanas em troca da irresponsabilidade por suas relações sexuais consentidas. O bebê gerado é o último empecilho para terem o “amor livre” total.

CACHORROS E HUMANOS

Outro dia, caminhava por uma grande avenida, onde os imóveis são muito caros, quando vi uma enorme construção em seu início. Fiquei curioso e imaginei que ali seria um edifício de apartamentos. Perguntando ao porteiro, para minha surpresa, fui informado que seria um pet shop, com amplo tratamento veterinário. Comentei com ele: acho que nunca construiriam um hospital para humanos neste local. Parece que os cachorros estão sendo melhor tratados que nós humanos. O porteiro da obra concordou.

Continuando a caminhada, em razão desse acontecimento, comecei a pensar no ser humano e no cachorro, sem nenhuma maldade ou crítica, mas fazendo uma constatação.

Nestes tempos de confusões de ideias engendradas pelo ser humano, pensei no seguinte: o filhote do cachorro, quando está no ventre da cachorra, é um cachorrinho e poderá nascer fêmea ou macho. Como a natureza os criou. Nenhuma dúvida para ninguém. Nem para os animais nem para os humanos. Nenhum cachorro vira cachorra depois que nasce, ou vice-versa. E, raramente, ou nunca, algum humano abrirá a barriga da cachorra para abortar os cachorrinhos e jogá-los no lixo. Inclusive, é crime maltratar os animais, silvestres, domésticos ou domesticados. A Lei Federal nº 9.605, de 1998, conhecida como Lei dos Crimes Ambientais (LCA), estabeleceu punições para os seres humanos que maltrataram os animais. Determina a lei:

“Art. 32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

§ 1º Incorre nas mesmas penas quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos.

§ 2º A pena é aumentada de um sexto a um terço, se ocorre morte do animal”.

O comando legal impede qualquer tipo de maltrato aos animais. Abortar os cachorrinhos e jogá-los no esgoto é crime.

No nosso caso, dos humanos, a situação me parece bastante diferente. Para pior: estão querendo nos transformar em algo absolutamente disforme, desde a nossa concepção. Vejamos as propostas de grupos de militantes contra os seres humanos:

1 – Querem liberar o nosso assassinato – aborto – até o terceiro mês de gravidez; ou seja, seremos retirados do útero de nossas mães e descartados nos esgotos ou nos lixos hospitalares;

2 – A partir do quarto mês até o nono, ou data do nascimento, seremos, talvez, bebês sem sexo, ou seja, não somos do sexo feminino ou masculino; alguma coisa sem forma e diferente da definição dada pela natureza, como o cachorrinho e a cachorrinha;

3 – Depois do nascimento, continuaremos sem sexo – ideologia do gênero – para escolhermos o que seremos no futuro. Quem nasceu mulher pode escolher ser homem e quem nasceu homem pode escolher ser mulher, ou, ainda, não ter sexo nenhum!!! A maioria sem mudar o formato do corpo de homem ou mulher.

4 – Querem que substituamos as formas dos nossos corpos, dadas pela natureza, por sentimento ou “afetividade”. A afetividade suplantar o formato do corpo. Até se permite homem casar com homem, mulher com mulher, caindo a proibição da música de Tim Maia “só não vale homem com homem, nem mulher com mulher”. E, também, distorcendo a regra da Constituição Federal, prevista no artigo 226, § 3º:

“Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável

entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”.

Nós, da comunidade jurídica, somos responsáveis por alimentar essas construções de ideias humanas esquisitas, de mudar a natureza através de decisões judiciais.

O uso da afetividade para fundamentar decisões judiciais, em nossa opinião é um risco. Começa-se a permitir homem com homem, mulher com mulher; depois, exagerando, poderemos imaginar “casamentos” de pessoas com cachorros, gatos, papagaios e outros.

Pergunta-se: não seria melhor respeitar as regras da natureza, como no caso do cachorrinho e da cachorrinha, para os humanos também?

João Carlos Biagini - foi advogado sênior na Advocacia Biagini, bacharel em Letras e em Direito, coordenador do Departamento Jurídico da Diocese de Guarulhos, membro da Mesa Diretora da Santa Casa Misericórdia de Guarulhos, membro do IDVF – Instituto de Defesa da Vida e da Família, membro da UJU-CASP -União de Juristas Católicos de São Paulo, coautor no livro Imunidades das Instituições Religiosas, coordenado pelos Profs. Drs. Ives Gandra da Silva Martins e Paulo de Barros Carvalho, Noeses,2015 e autor do livro “Aborto, cristãos e o ativismo do STF”, AllPrint,2017.



JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO

SUPER+AÇÃO - RAÇA DE HERÓIS

ENFRENTAR E SUPERAR GRANDES DESAFIOS, DIA APÓS DIA: EIS A MISSÃO DOS SUPER-HERÓIS.

Senhoras e senhores, bom dia! Sejam bem-vindos, sejam bem-vindas à mensagem “Raça de Heróis”, neste 8 de dezembro de 2021, o Dia mais importante da sua Vida. Por quê? Simplesmente porque é HOJE!

Todos os dias, independente de qualquer outro fator, são-nos ofertados 1.440 minutos em tempo cronológico – também chamado de Vida. Que tal nós investirmos um destes minutos para resumirmos os 4,3 bilhões de anos de história deste lindo planeta azul?

“No princípio, Deus geometrizou” (Pitágoras).

“Imagine que a história da Terra fosse representada no calendário de um único ano, no qual a meia-noite de 1º. de janeiro marcasse a origem do planeta, e a meia-noite de 31 de dezembro,

o tempo presente. Então, cada dia do ‘ano’ da Terra representaria 12 milhões de anos da sua história. Nessa escala, a primeira forma de vida, uma simples bactéria, emergiria em algum momento em fevereiro. Formas de vida mais complexas, porém, surgiriam muito mais tarde: os primeiros peixes apareceriam por volta de 20 de novembro; os dinossauros, por volta de 10 de dezembro e desapareceriam no dia de Natal. O primeiro de nossos ancestrais, reconhecível como humano, não apareceria antes da tarde de 31 de dezembro. O homo sapiens – nossa espécie – surgiria por volta de 23h45 deste último dia... e tudo o que aconteceu na história documentada ocorreria no último minuto do ano.”

“A tudo daí graças”, disse o Mestre Jesus. Por isto, eu utilizo este momento para agradecer a Deus pelo dom da vida neste lindo planeta. À minha amada família, por seu histórico apoio incondicional. E a você, que me acompanha nesta estimulante viagem pelo cosmos. Nos próximos minutos, vamos transformar sonhos adormecidos em um mundo de infinitas possibilidades.

Francisco de Assis, canonizado em 1228, pelo Papa Gregório IX, disse certa vez: “Comece fazendo o necessário, depois o possível e, por fim, você fará o impossível”. Esta é a melhor fórmula de administração do tempo que eu conheço.

Nesta transcendental Obra de Deus, a única certeza disponível é a de que nós estamos aqui, vivendo o Agora Eterno, representado na história de mais de 4 bilhões de anos.

Ter metas e objetivos, ainda que nós estejamos vivendo um extraordinário e imensurável desafio mundial – como uma pandemia, por exemplo – é fundamental para alimentar de esperança o nosso coração.

“Eu tenho um sonho”, disse Martin Luther King em seu famoso discurso nos degraus do Lincoln Memorial, em Washington, no dia 28 de agosto de 1963. O seu sonho era a união e a coexistência harmoniosa entre negros e brancos na América.

E você, qual é o seu sonho??? O que move você para frente

e para o alto??? O que faz você levantar-se todas as manhãs com motivação para enfrentar os desafios que infalivelmente surgirão durante o dia?

Desde os meus primeiros anos de vida, eu sempre acalentei o sonho de... voar. Simples, não? Eu observava os pássaros passeando pelo ar, escolhendo livremente o seu caminho e vendo tudo do alto. Voar. Mas como fazê-lo? Afinal, de forma magnânima, Deus me concedeu tão-somente as asas da imaginação. Vida humana que segue...

Durante a juventude, enquanto dormia, eu tive um sonho recorrente: eu estava em queda livre, o desespero era incontrolável; mas antes de tocar o chão, eu acordava. Graças a Deus.

Eu precisei completar 36 anos para, de fato, experimentar tal sensação em estado de vigília. Bem, a verdade é que eu decidi saltar de paraquedas na cidade de Boituva (SP) – a quarenta quilômetros de Sorocaba.

Mas o equipamento não abriu...

Por favor, não se preocupem, eu estou bem. E vivo, muito vivo, para contar-lhes esta história. Como foi que isto aconteceu? Passados mais de 20 anos, parece que foi um filme a que eu assisti. Porém, eu me lembro de cada detalhe daquela manhã de domingo, 14 de fevereiro de 1999...

ATO I – O SONHO

Após treinamento de oito horas na véspera, entre tantas informações e simulações em solo, o instrutor discretamente afirmou que por vezes, durante o salto, o paraquedas simplesmente não abria. Todos riram, na doce ilusão que ele estivesse brincando. Não estava. Nosso instrutor explicou que o equipamento era dobrado por crianças que o faziam por uma módica bonificação em dinheiro... Ao dobrarem sem o merecido cuidado, o paraquedas não abrir era algo raro, mas possível.

“O que se deve fazer nestas ocasiões”, eu perguntei. “Soltar o primeiro paraquedas e lançar mão do equipamento reserva?” Não, disse o instrutor. O segundo paraquedas também pode ter sido mal dobrado, o que só se descobre bem mais próximo ao chão. Então, a solução é tentar salvar o primeiro paraquedas. Como é feito isto? Muito simples. Tudo o que se tem que fazer é simular que você está pedalando uma bicicleta imaginária. “Em queda livre?” Sim, por meio da força centrífuga, o equipamento vai se soltando até abrir-se completamente. Eu não quis perguntar mais nada. Tudo o que eu planejei foi: fazer uma oração MUITO especial antes de dormir naquele dia. Uma vez na cama, olhando para o teto, eu fiquei em dúvida: peço a Deus para que o salto de amanhã seja bem-sucedido ou peço para que chova, e o salto seja cancelado...

Quem tem juízo tem medo...

Manhã de domingo, céu nublado, mas nenhuma perspectiva de chuva. Ao chegarmos à pista do pequeno aeroporto, o instrutor já estava lá – todo empolgado. “Hoje tem salto!”, afirmou eufórico. Que bom, eu pensei. Assim eu realizo este sonho e terei história para contar aos netos – que eu espero conhecer. Detalhe: eu ainda não era pai do Matheus, meu filho único. Ou seja, na hora do desespero pensa-se qualquer coisa para manter-se equilibrado e motivar a mente...

ATO II – PEDALADAS VITAIS

Os rapazes que se preparavam para saltar foram divididos em grupos de cinco corajosos. Cada um recebia numeração de um a cinco, para saber a sequência do salto e onde deveria ficar no monomotor. A verdade é que o avião era tão pequeno que nós não entramos nele, mas nos vestimos dele. ‘Juntos venceremos’ poderia ser o título daquele momento. A verdade, porém, é que o treinamento indicava salto individual. O paraquedista da vez prendia uma fivela em haste localizado no console do avião, de forma a puxar automaticamente o cordão que abria o equipamento. Depois, era só administrar a descida e curtir a vista privilegiada.

Eu fiquei com o segundo salto.

Enquanto, literalmente, segurava o número 2, lembrei-me fortemente do documento que eu precisei assinar momentos antes de entrar no monomotor. O texto em letras miúdas, que eu fiz questão de ler até o final, poderia ser resumido em três palavras: ‘suicida em potencial’. Na prática, eu deixava claro que ninguém me forçara a nada. A mensagem era clara...

Outro detalhe curioso: uma equipe de reportagem da EPTV, retransmissora da Rede Globo de Campinas (SP), estava lá para fazer matéria sobre a prática de saltar de paraquedas. O jornalista escolheu exatamente a mim para fazer intrigante pergunta: “Está nervoso?” Meio hesitante, eu disse que não... Ele emendou: “E a adrenalina?”. Eu confesso que já tinha ouvido falar em adrenalina, mas... o que é, onde vive, qual a sua função, do quê se alimenta???. Tempos depois eu descobri que é o hormônio produzido pelas glândulas suprarrenais quando o cérebro sente o perigo real – e se vê diante de duas opções: enfrentar ou fugir. “Ai, Jesus!”.

O monomotor decolou. A certa altura, com o aeroporto sendo um mero detalhe na ampla visão do alto, o piloto orientava o saltador da vez a se posicionar de pé, sobre a asa direita, segurando firme em uma haste de metal. A seguir, a orientação era para soltar os pés... e agora as mãos. Saltar!!!

O primeiro homem desceu, o paraquedas abriu e eu pensei: Eu serei o próximo...

O avião deu uma volta e chegou a minha vez. Procedimentos respeitados. Vai!!! Eu me lembro bem de observar o avião se distanciando, enquanto eu me lançava no espaço vazio, a 1.500 metros de altura. Olhei para baixo, aquela imensidão; olhei para cima... o paraquedas murcho. Aconteceu comigo o que eu pressentira na véspera. Meus irmãos, minhas irmãs, a sensação é a de que acordar daquele pesadelo era uma questão de tempo. A pergunta era: onde eu iria acordar? Demorou ainda uns três décimos de segundo para eu perceber que a queda livre era algo real, e que a Lei da Gravidade não estava me ajudando em rigorosamente nada.

Lembrei-me de Albert Einstein, que disse que o tempo é relativo. O filme da minha vida começou a passar na minha tela mental; eu vivia a quase plena convicção de que chegara o meu dia... Detalhe: havia um radiocomunicador instalado no meu ouvido direito e que me faria escutar as orientações do nosso instrutor em solo. Teoricamente. Dali não surgiu nenhuma palavra. Mas uma Voz espiritual, bem estranha, disse: “PEDALA!!!”. Creio que a esta altura eu já estava uns 500 metros mais perto do chão. Comecei desesperadamente a pedalar no ar, em queda livre, com as casas, as árvores, o aeroporto crescendo rapidamente. A princípio, o resultado prático foi nulo. Enquanto pedalava, fortemente tentado a lançar mão do paraquedas reserva, eu comecei a ver nitidamente o rosto dos meus pais, a sentir a presença deles, e os amei de todo o meu coração. Queria dizer o quão grato eu era a eles, mas as palavras não saíam.

Entre lágrimas de forte emoção, eu agradei a Deus pelo bom preparo físico, que me permitia pedalar no ar, sem parar...

ATO III – VIDA!

Após alguns segundos, o paraquedas finalmente abriu. E fez um barulho, eu diria, lindo... É muito bom lembrar-me daquele som preenchendo o ar e me dizendo: “Prossiga, filho”. Depois desta prova de fogo, eu desfrutei merecidamente da fantástica vista daquela região. E passei a utilizar toda a minha força para operar os manetes direito e esquerdo, que representam o volante do paraquedas. Foi quando senti que a tal adrenalina tinha ficado no abdômen, de forma que agora – mais aliviado – eu pus para fora todo o café da manhã. Que vexame...

Eu já estava bem próximo ao solo quando vi os meus dois irmãos, João e Jorge, me esperando na pista. Eles acompanharam toda aquela aventura. E oraram por mim. O abraço tríplice e fraternal que se seguiu foi o mais caloroso de nossa história familiar.

Decididamente, o homem que tocou o solo com os pés momentos antes não foi o mesmo que saltou do avião.

Eu me senti como um verdadeiro Super-herói; salvei a minha vida. Éramos somente Deus e eu, e nós vencemos – graças a Ele!

Tudo o que eu queria, naquele momento, era encontrar os meus pais – para poder agradecer-lhes por seu Amor por mim.

Meu herói!

Paulo nasceu em Nazaré Paulista (SP), mas aos 17 anos saiu da roça e foi em busca de trabalho na cidade de Guarulhos. Lá começou a trabalhar como padeiro. Anos depois, conheceu Anna – 10 anos mais nova -, com quem se casou e teve cinco filhos. Eu sou o terceiro deles. Papai concluiu a sua heroica missão em 2008, mas deixou importante legado:

- 1) Plante as melhores sementes;
- 2) Quando for criticar alguém, pense: ‘eu gostaria de trocar de lugar com essa pessoa?’;
- 3) Honestidade deveria ser item de fábrica do ser humano;
- 4) Nós temos somente 15 minutos, se tanto... Aja agora!

Saúde espiritual

- 1) Oração;
- 2) Perdoar;
- 3) Amar.

Outro Paulo, o de Tarso, escreveu mensagem ao povo de Corinto, explicando o que é o Amor; na verdade, ele revelou antes o que o Amor não é...

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e a dos anjos, se não tiver Amor eu nada serei. O Amor é sempre generoso, nunca é invejoso; o Amor não arde em ciúmes, não é prepotente e nem orgulhoso; não é rude, tampouco egoísta. O Amor não tem vaidade, ele não procura os seus próprios interesses. Não se exaspera, e nem se recente do mal. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. E tudo perdoa, tudo crê, tudo espera, tudo tolera. O Amor jamais irá acabar-se” (I Cor, 13)...

O verso 13, o último, diz que agora restam somente “Fé, Esperança e Amor”. Este é o resumo da Vida, como nós a conhecemos.

A semente lançada ao solo necessita de fé para germinar;
A espera pelo processo precisa respeitar o Tempo de Deus;
O Amor Verdadeiro começa no ato da colheita do fruto.

Entre a CHEGADA (imagem do bebê nos braços da mãe) e a PARTIDA, existe um dia fundamental em nossa história. Este dia recebe o nome de ‘O Presente Eterno!’... ou simplesmente, HOJE

Hoje é o Dia D, D de Decisão – É hoje que você vai decidir transformar a sua vida. Não porque eu estou dizendo, mas porque você quer, você precisa e você merece ser feliz e muito, muito bem-sucedido (a).

Deus não enviou você à Terra para passar por dificuldades, mas para brilhar – intensamente! Ser feliz é ser livre.

Super-heróis, a sua missão para hoje é enfrentar os seus desafios – na família, no trabalho, na sociedade -, com bravura e determinação,

VENCER! Infalivelmente! HOJE E SEMPRE!!!

Vejo vocês no topo. Muito obrigado.

José Augusto Pinheiro, 58 anos, é comunicador, palestrante, escritor e mestre de cerimônias. É palestrante e apresenta eventos sociais e corporativos desde 1984. Formado em Direito (1986), pelas Faculdades Integradas de Guarulhos, José Augusto é jornalista por vocação, tendo acumulado experiência nos mais diversos veículos de comunicação.

Pós-graduado em Propaganda e Marketing (2007) pela Universidade São Judas, campus Mooca, ele é autor de três livros: Novo Amanhecer (2003), Jubileu de Ouro da Associação Comercial e Empresarial de Guarulhos (2013) e Dia após Dia, Disciplina e Gratidão (2020). Na Academia Guarulhense de Letras, ocupa a cadeira 21 desde 2003. É casado com Rosana, com quem tem a nobre missão de educar o filho, Matheus Francisco (2003).



JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

CRÔNICA ¹

- É FOGO!

Peri havia notado, algumas vezes, um cheiro estranho de queimado que vinha do capô de seu veículo. Um automóvel modelo *hatch*, azul fluticolor, ano 1995, que tinha então doze anos de uso, já que essa história se passou em 2007.

Tal idade do carro, em conjunto com a longa quilometragem, confirmava ter sido bastante utilizado. Tinha passado já por todo tipo de manutenção e apresentava muitas peças com desgaste, das quais uma dessas provavelmente era a razão do óleo que vazava do motor.

O mecânico, a quem Peri confiava os reparos do carro, disse-lhe que deveria ser problema de junta. Mas não daquele tipo

¹ JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

de junta que muita gente faz piada, “junta tudo e joga fora”; nesse caso era da junta do cabeçote.

Decorrente disso, Peri associou o cheiro de queimado ao vazamento do óleo. Tinha tido essa impressão porque o motor, quando funcionava durante muito tempo seguido, alcançava temperaturas altas o suficiente para queimar o lubrificante que se empoçava nas arestas do alto do motor. E isso acontecia especialmente quando havia trânsito excessivamente lento, com muitas paradas e retomadas e dias de forte calor, apesar do sistema de arrefecimento.

Algumas semanas depois, Peri decidiu que corrigiria esse problema. Foi à oficina de costume, e o mecânico, que já se tornara praticamente um amigo, lhe orientou para a solução.

– Peri, faz um favor, três ou quatro dias, antes de trazer seu carro aqui, leve-o para um lava-rápido, a fim de deixar o motor bem limpo.

– Pra você não se sujar no conserto?

– Não, meu amigo. É que esse procedimento permite-nos identificar os pontos exatos dos vazamentos. E assim, interferir de forma mais adequada.

Seguindo à risca essa orientação, no dia apropriado, Peri levou o carro para lavar o motor. Fazia mais de ano que essa parte do veículo não era lavada. O rapaz do lava-rápido teve mais trabalho que de costume para remover tanta sujeira impregnada. Usou uma variedade de químicas, num festival de cheiros. Uns bons, outros, desagradáveis e ácidos. O lavador protegeu algumas partes com sacos plásticos para não serem atingidas pelos jatos d’água e nem pelos produtos utilizados.

Era fim de tarde e esse automóvel foi o último a ser lavado naquele dia. O resultado, para Peri, foi satisfatório. Ficou tudo limpo sob o capô. Até mesmo onde estava protegido pelos sacos plásticos. Pois o lavador removeu a sujeira borrifando produtos mais amenos, escovando e passando pano seco em seguida.

Mantendo o roteiro traçado, Peri foi para casa e estacionou o carro. Sua expectativa era levá-lo ao mecânico em três ou quatro dias. Sua garagem ficava na frente da residência. Tinha seis metros de largura por sete de comprimento. A cobertura com telhas romanas de barro começava com a altura de dois metros e meio, junto à grade, e ia até mais de quatro metros, quando chegava à parede da casa. Era bem alta e espaçosa para um automóvel de passeio.

Da janela da sala se via toda a garagem e, também, parte da rua, pois a grade dos portões tinha as barras bem espaçadas. No fundo dessa garagem, à direita de quem olhava da rua, existiam duas portas. Uma, lateral, para acessar a sala. Outra, frontal, para se chegar a um corredor externo, que tinha uma pia e ia até o fundo do terreno, onde havia uma lavanderia e banheiro.

Peri ainda estava trabalhando no escritório que ficava no fundo da casa. Passava das 22 horas quando, de repente, ouviu sua filha, de nove anos de idade, gritar algo para a mãe. De onde estava, ele não pôde entender o que era, mas ficou curioso; e a resposta foi imediata. Sua esposa, prontamente, e em tom de preocupação e angústia, gritou:

– Peri, fogo! Fogo! É na garagem! O carro está pegando fogo!

Nessa hora, sem entender como aquilo podia estar acontecendo, Peri manteve a calma, acercando-se da situação e tomando

as providências para o momento. Como o veículo estava entre o interior da casa e o portão para a rua, a primeira ação deveria ser a de tentar apagar ou reduzir as labaredas. Assim, sua esposa e filha poderiam sair em segurança. Atinou também para a necessidade de impedir uma possível explosão do tanque de combustível, para evitar que a casa fosse igualmente atingida.

Rapidamente, pediu à filhinha que telefonasse ao Corpo de Bombeiros, pelo número 193, e lhes falasse o que estava acontecendo e o endereço da casa. Pegou as chaves e, mais do que depressa, abriu a porta da cozinha e foi ao corredor externo. Acendeu as luzes e gritou ao vizinho e amigo:

– Pécias! Fogo, fogo! Meu carro tá pegando fogo. Me ajuda! Pécias, fogo!

Correu para abrir a porta da lavanderia. Apanhou um balde e o pôs sob a torneira, abrindo-a. Solicitou à esposa que trouxesse esse balde assim que enchesse e colocasse outro para encher também. Enquanto isso, foi à porta do corredor, que dava para a garagem, e abriu-a. Para sua surpresa, a frente da casa estava cheia de gente. A maioria era de conhecidos e vizinhos.

Entre eles e Peri, o carro com o capô se incendiando.

– Por favor, abram o portão! – Peri gritou, jogando-lhes as chaves.

– Usem a mangueira! O registro está aí do lado, junto à grade!

Voltou-se ao corredor e sua esposa entregou-lhe o primeiro balde, transbordando. Com receio de chegar mais perto do carro, dali mesmo, da porta desse corredor, lançou a água tentando acertar a base do fogo. No primeiro momento, as labaredas sumiram, mas, na fração de segundo seguinte, voltaram, mostrando quem estava no controle. Porém, um dos vizinhos alcançou a torneira e, com a mangueira, jogou toda a água possível sobre o capô. E

Peri fazia o mesmo com o conteúdo do outro balde. Em poucos segundos, o fogo estava, aparentemente, debelado.

Então pôde-se observar que a frente do carro havia sido destruída. O capô ficou deformado e era impossível abri-lo do modo normal. O para-brisa estava quebrado onde o fogo o atingira.

Em seguida ouviu-se a sirene de uma viatura dos bombeiros que acabava de chegar. Era um caminhão piscando luzes por todos os lados. Atenderam rápido ao chamado, mas Peri e os vizinhos foram ainda mais. Vieram três soldados do fogo e, imediatamente, correram para a garagem e procuraram se inteirar do acontecido e das consequências. Quando Peri lhes explicava, o fogo que julgavam extinto, de uma faísca sob o capô, retornou. Todavia, Pécias, seu vizinho e amigo, que estava a postos com o extintor que tirara de seu próprio carro, rapidamente descarregou-o, dizimando a labareda.

Um dos bombeiros providenciava um grande alicate para abrir à força o capô. Um outro contava que, enquanto não se eliminasse a fonte de eletricidade, o fogo voltaria. Por essa razão, assim que a bateria foi alcançada, os terminais foram retirados. Isso feito, observou-se que a origem do incêndio foi um curto-circuito entre fios que estavam descascados, logo acima e atrás do motor.

Constatou-se que a sujidade existente até a algumas horas antes da lavagem, era o que mantinha os fios, quase que inteiramente, isolados. “Quase”, porque aquele cheiro de queimado era das ocasiões em que estes fios, com o desgaste parcial do encaipamento, prenunciavam uma queima, que se suspeitava fosse da combustão do óleo vazado.

Quando Peri contou esses detalhes à sua filha, ela perguntou:

– Papai, então era a sujeira que nos protegia?

POEMAS²

CINTO DE SEGURANÇA

Motorista consciente
é pessoa “pra frente”,
usa cinto de segurança
e por todos faz ser usado,
em veículo sob sua confiança,
no banco detrás e do lado.

Sabe que o cinto previne
traumas em um acidente,
que tal cuidado define
a integridade da gente.

Pessoa que vai sem cinto,
mesmo no banco detrás,
é jogada pra frente,
se o carro frear de repente,
e lançada pra todo lado,
se o carro for capotado.

O cinto deve-se usar
não pra não ser multado,
mas pelo bem-estar
que é ocasionado.

³. JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

DISTÂNCIA

Em qualquer instância,
no trânsito, o fator distância
tem grande importância.

Espaços largos à frente,
dos lados, atrás, sempre
favorecem a gente.

As distâncias mantidas
devem ser traduzidas
como sábias medidas.

Oportunidades de se evitar
acidentes que vêm resultar
tanta perda em cada lar.

Que esse distanciamento,
em nosso pensamento,
seja convertido em tempo.

Em tempo bom, suficiente,
pra desviar, frear, não de repente,
então, ir e voltar bem, felizmente.

FRASES³

O trânsito está quase sempre cheio também porque os automóveis estão sempre quase vazios.

Pequenas vitórias, inúmeras vezes, são os degraus que levam ao patamar de uma grande conquista.

O bom humor é uma qualidade da inteligência e uma característica do sábio.

O que reconhece suas bênçãos é ainda mais abençoado

³ As Mil Frases de J.R.Jerônimo, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.

**KARLA MARIA**

A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA ESTÁ SUJEITA A TODOS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA E ESQUECIMENTO

Registrar as dores e denúncias desses corpos marcados, catalogados e punidos pela sociedade e dar espaço para suas vozes se faz necessário e urgente para a tessitura de uma “nova” história descentralizada, a partir das periferias e de modo mais plural

Às 4h30 Joyce Aparecida e Suelen Santos começam a desmontar a barraca onde costumam dormir na Praça da Sé, ali no coração de São Paulo. Faz frio e o corpo reclama. A praça ainda está escura, mas já agitada, porque é lá na feira do rolo, que elas buscam roupas e sabonete. De lá, o casal segue para a Quadra dos Bancários (Rua Tabatinguera, 192) para tomar um cafezinho doado pelo Movimento Estadual da População em Situação de Rua. O dia a dia é vivido de modo estratégico, logística da sobrevivência.

Joyce tem 42 anos e é natural de Santos, no litoral paulista. Uma de minhas entrevistadas ao longo de 2020, ano de pandemia

da Covid-19. Joyce subiu a serra com sua namorada Suelen, de 31 anos, para juntas tentarem a vida na capital. “Com a pandemia perdi o emprego e não consegui mais pagar aluguel. Tento trabalhar na feira do rolo pra comprar um material de higiene, uma coisa ou outra, só que o rapa vem na grosseria, chuta e leva a mercadoria da gente”.

Joyce é mais uma invisível, mais uma em situação de rua, imposta a uma vida cujos direitos são sistematicamente violados.

Uma pesquisa realizada pela Prefeitura de São Paulo, em 2019, elaborada pela empresa Qualitest Ciência e Tecnologia Ltda., revelou que na cidade mais populosa do país 24.344 pessoas estavam em situação de rua, sendo que destas 11.693 estavam acolhidas e 12.651 em situação de calçada. O censo anterior, de 2015, apontava 15.905 pessoas, o que mostra o aumento da miséria na maior cidade do país.

A pesquisa apresentada pela Prefeitura de São Paulo foi realizada antes dos impactos da pandemia do novo coronavírus e, portanto, não reflete a realidade que atravessa o país e o mundo.

Entidades e movimentos da população em situação de rua de São Paulo apontam que cerca de 50 mil pessoas estão em situação de rua na maior cidade do país. Em ato realizado em janeiro de 2021, no centro da capital paulista, lideranças dos movimentos falaram em repúdio à falta de políticas públicas à população em situação de rua e à negligência dos governos municipal, estadual e federal, diante dos impactos da pandemia de Covid-19. Nada falaram de políticas específicas para mulheres, seus filhos e corpos.

Dentre todos os sete líderes que tomaram o microfone para reivindicar, apenas uma mulher falou. Valdinia Silva, 65 anos, ambulante na região central. E falou a mim. “A Covid não acabou, ela está se agravando cada vez mais. A população vai morrer de fome

ou de Covid, prefeito? Quem está pedindo isso para o senhor, prefeito, é uma senhora de 65 anos, por favor, não corte os marmitex e nem as cestas básicas da população, porque o trabalhador não tem emprego. Somos 14 milhões de desempregados, e o alimento é um direito humano”.

O pedido de Valdinia escancara e materializa o pedido de socorro, de comida. O pedido por políticas públicas, por direitos. Idosa, ela organiza outras mulheres por meio de uma entidade que não existe formalmente, mas povoa seu coração. A entidade se chama Jussara e reúne mulheres em situação de rua, que acabaram de sair do cárcere, vítimas de violência doméstica para pensarem sobre seus direitos e suas vidas.

Seu sonho é que as mulheres se empoderem e ocupem espaços de liderança para que sejam ouvidas e conquistem políticas públicas que tenham impacto real em suas vidas. “Menina, essas mulheres nem sempre têm absorventes, não conseguem tomar um banho, dar banhos nos filhos”, comentou Joyce.

Pautas nunca ditas pelos homens nos microfones.

O OUTRO DO OUTRO

Na mesma pesquisa realizada pela Prefeitura, vê-se que 85% do público em situação de rua eram do sexo masculino, e pela primeira vez foi possível registrar que 386 pessoas se declararam trans. A constatação foi possível a partir de uma pergunta elaborada sobre a identidade de gênero. Dessa pesquisa elaborada em conjunto com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) observou-se que a faixa etária com o maior número de pessoas é entre 31 e 49 anos, com 46,6%. Com relação à cor declarada, 47,6% se consideram pardos. A pesquisa, contudo, não apresenta dados específicos sobre o público feminino e

tampouco políticas públicas voltadas para as pessoas do gênero feminino: é a invisibilidade da mulher em situação de rua.

Quando se observa, por exemplo, que se chega à porcentagem de mulheres em situação de rua em São Paulo, apresentando a priori a porcentagem de homens, entende-se assim como Nadja Hermann vai apresentar em seu artigo A questão do outro e o diálogo que se estabelece a identidade e a diferença das mulheres a partir do homem e de suas relações com o outro.

Este outro, a mulher, a partir da conceituação de Bernhard Waldenfels, vai aparecer como aquele sujeito que é estranho, não familiar, que emerge de um processo de inclusão e exclusão. Ora, as mulheres em situação de rua com seus corpos são por definição os outros da sociedade. São mulheres que não se ajustam aos códigos e padrões daquilo que a sociedade ocidental “determina” e causam a barbárie.

“Aqui o preconceito é maior que tudo. Hoje eu fui ao posto e a mulher já me mandou passar no Caps (Centro de Atenção Psicossocial) porque achou que eu era usuária de drogas, mas eu não uso drogas. As pessoas olham pra gente e já estão julgando”, desabafou Joyce.

VIOLÊNCIA E PRECONCEITO

Ângela (nome fictício), 31 anos, mora em uma barraca com o companheiro na região central. Ela, quase que como propriedade do marido, sofre violência. Apanha. Ela entende que sem a presença daquele corpo masculino poderia ser pior. “Você está vendo meu rosto roxo? Ele me bateu. Ele bebe e fica violento, mas eu prefiro ficar aqui com ele a estar sozinha, porque na rua homem nenhum respeita mulher”.

Assim como ela, Paula, 23 anos, também vive nas ruas de São Paulo. Com seu filho Davi de nove meses nos braços e uma gestação de sete, ela deixou Belém (PA) após uma discussão com seu companheiro e desembarcou na capital paulista em plena pandemia de Covid-19. Ela gosta de carimbó, não sabe ler e nem escrever, mas comunica-se com um humor resistente, típico de quem sabe seu valor. “Nós somos seres humanos, estamos aqui não porque queremos, mas porque estamos precisando. Queremos oportunidade, mas somos humilhadas até pela Prefeitura”. Ela não anda sozinha. Encontrou em Joyce e Suelen, nossas primeiras entrevistadas neste artigo, uma família, abrigo e solidariedade.

“Os caras não querem saber se você está grávida. Outro dia um cara no caminhão parou atrás de mim me chamando para fazer programa. Não sou puta, não. Hoje em dia, você tá dormindo e vem homem pra cima de você”.

Incluir tais narrativas, vão lembrar as feministas apontadas por Joan Wallach Scott, permitem uma visão política mais global e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão. A falta de dinheiro, de água, de absorventes, de privacidade e de um lar afetivo são pautas inerentes à mulher, pautas silenciadas, omitidas, mesmo pelos movimentos que as defendem.

“A gente corre para o banheiro público, que tem horário determinado. Já aconteceu de eu acordar com sangue e ter de me enrolar em cobertor para chegar até o banheiro”, conta Joyce. O mesmo acidente aconteceu no albergue. “Sujou o lençol e me mandaram lavar e esperar secar para usar o mesmo”.

Um pacote com oito absorventes, de qualidade duvidosa, dos mais fininhos, sai por R\$ 2. “Sem contar as cólicas terríveis que eu sinto, os enjoos, e ter de viver andando assim, neste período, debaixo do sol. A situação de rua estressa a gente, mas minha perspectiva é ter autonomia, trabalho e moradia. Eu tenho fé”.

MULHER NEGRA

As violências relatadas por Joyce, Ângela e Paula, mulheres brancas e indígenas, tornam-se pequenas quando são comparadas às que Janaína Xavier, de 40 anos, relata. Janaína é negra, já esteve em situação de rua e hoje mora na Ocupação Rio Branco, no centro de São Paulo. Buscando um espaço de transformação das estruturas, ela foi candidata à vereança de São Paulo em outubro de 2020. Mãe de nove filhos, ela revela que a mulher em situação de rua é sempre desrespeitada.

“Você fala não para um homem e ele não aceita. Pra gente que vive na rua há violência de não poder tomar um banho, de não ter um absorvente ou uma calcinha para higienização. Ser gestante e ser de rua é terrível, porque as pessoas não te tratam como ser humano”.

Ela conta uma situação de violência policial a que sua filha de 24 anos foi submetida. “Ao ser abordada pelo policial militar com duas pedras de crack na mão, ele a chamou de traficante e queria colocar a mão nas partes íntimas dela. Ele a levou pra um cantinho e nisso eu cheguei. Ele disse que ia levá-la presa por tráfico. Foi aquela discussão. Até a policial feminina fazer a revista e ver que ela não tinha nada guardado, é isso: não há respeito algum”.

Relatos como o de Janaína não são isolados e dão carne e alma às pesquisas, dão dimensão ao peso histórico da retirada diária de direitos básicos das mulheres marginalizadas, e a população negra que vive em situação de rua é a maior vítima do abuso de autoridade. Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde apontam que, de 2015 a 2017, dentre os casos de violência policial registrados contra a população de rua, 50,8% foram contra mulheres e 49,2% contra homens

“O que vai resolver eu te dizer alguma coisa? Pra eles me baterem de novo?”, disse-me João, um homem preto que vive em situação de rua há dez anos em São Paulo, vítima das violências do Estado. Seu nome é fictício, mas sua história não.

Os dados do Sinan apontam que no período citado foram registrados 788 casos de violência contra pessoas em situação de rua na capital paulista. Os jovens com idades entre 15 e 24 anos são as principais vítimas, somando 38% dos casos. A maioria dos casos registrados de violência policial (54%) aconteceu contra pessoas negras.

“A violência contra a população de rua aumentou demais. Os casos são quase diários, por exemplo, de uma pessoa que sofreu violência do ‘rapa’ [Polícia Militar], que lhe tirou os pertences, inclusive documentos, e picotou na frente da pessoa. Retiram até muletas”, conta Juliana Costa Hashimoto Bertin, advogada do Vicariato do Povo da Rua, da Arquidiocese de São Paulo.

A agressão física, ainda segundo os dados do Sinan, é a mais comum e acontece em 92% dos casos, sendo que, em 19% deles, os ataques são repetidos, e, embora os homens sejam a maioria nas ruas, as mulheres sofrem mais. Elas são 50,8%, frente a 49,2% dos homens. As mais jovens e negras, com idades entre 15 e 24 anos, somam 38% dos casos registrados.

HISTÓRIAS DESCENTRALIZADAS E PLURAIS

A vida de quem está em situação de rua, sem teto e, portanto, definida por sua classe, é ainda mais vulnerável e suscetível a violências caso a pessoa seja negra; e, se for mulher, o peso da desigualdade e das violências será ainda mais evidente e impactante. O princípio da igualdade de gênero baseia-se na Carta das Na-

ções Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Mulheres. Tais garantias bem detalhadas constituíram avanços conceituais, mas uma breve conversa com mulheres que estão em situação de rua aponta que, entre os conceitos e a vida, há uma lacuna bastante expressiva ainda a ser superada.

Assim, registrar as dores e denúncias desses corpos marcados, catalogados e punidos pela sociedade e dar espaço para suas vozes se faz necessário e urgente para a tessitura de uma “nova” história descentralizada, a partir das periferias e mais plural.

Donna Haraway, professora do Departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, destaca em seu artigo Saberes localizados que há grande valor em definir a possibilidade de ver a partir da periferia e dos abismos, com risco e “sério perigo”, contudo, em se romantizar e apropriar a visão dos menos poderosos, dos subjugados.

“Os posicionamentos dos subjugados não estão isentos de uma reavaliação crítica, de decodificação, desconstrução e interpretação”. Para ela, as perspectivas dos subjugados não são posições “inocentes”; ao contrário, “são as preferidas, porque têm a menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento”. Lembra que as perspectivas dos subjugados têm experiência com os modos de negação através da repressão, do esquecimento e de atos de desaparecimento.



MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA

MAGIAS DA NATUREZA

Em tempos idos, numa cidade longínqua chamada Amor, do seio da terra “brotou um olho d’água” que timidamente deu origem a um filete do precioso líquido. Em obediência à lei da inércia, a água deu início a uma longa caminhada terreno abaixo e, sempre alimentada por sua nascente, foi se avolumando enquanto rompia o próprio caminho até que, encorpado e caudaloso, tomou a forma de um rio. Um casal de velhos que em primeiro plano avistou o filete de água se movimentando, resolveu nominá-lo, batizando com o nome de Patriarca.

Serpenteando em meio à natureza, encantando e servindo enquanto rasgava o ventre da terra, eis que surgiu o primeiro obstáculo, obrigando o jovem ribeirão a dividir parte do curso, que deveria tomar outro rumo. Era o ano de 1968, e como todo rio, o nascido em Amor seguiu o seu destino desbravando, servindo e

abastecendo a natureza que lhe proveu a vida.

Sempre ativo, o agora caudaloso e respeitável rio primário seguiu o seu curso rumo afora, ganhando força e serpenteando em meio à natureza, impoluto e produtivo, encantando e auxiliando por onde passava, até que novo óbice surgiu em seu caminho.

Novamente, o próspero rio teve que dividir-se e outro braço se apartou do seu curso para seguir o próprio destino. Era o ano de 1973. O rio que já suportara um apêndice natural, novamente sentiu um volume de água se dispersar para outra direção sem registrar sensação de perda, pois entendeu ser necessário promover a proliferação, contribuindo para novas vidas sem abalar o seu volume que, a cada divisão, se fortalecia mais e mais.

Nada arrefecia a força do rio Patriarca e a sua rota obedecia aos ditos da geografia, seguindo em frente e desbravando o ventre da terra, sem rumo certo, mas valente, incansável e principalmente resiliente. Todo rio que segue seu curso, por onde passa planta e colhe benemerências, vai encantando e sendo encantado; ora é alimento, ora é diversão, ora é gerador de energia, ora é regalo para os olhos; porem tem que prosseguir em sua marcha, obedecendo à risca o percurso que lhe foi traçado.

Coincidência ou não, eis que novo problema atropela o velho rio, nova dispersão. Como das vezes anteriores, também não se abalou com outra parte do seu volume d'água que debandaria para plagas distantes, em busca de sonhos que já habitavam a sua história. Corria o ano de 1982.

Os quatro rios seguiram os seus destinos, desbravando terras, formando uma poça ali, um lago acolá e, quiçá, despencando em lindas cachoeiras para novamente seguir em frente até desaguar, finalmente, no velho e encantador Oceano, passando a

integrar um manancial imenso de água, colocando um ponto final nas suas trajetórias.

Tanto o rio primário, que foi consagrado com o nome de Patriarca, como os rios que dele se originaram: rio Marcelo; rio Mauro e rio Márcio, por mais que tivessem diversificado as suas rotas, seguiram regras ditadas pela mãe Natureza que, milimetricamente, os acompanhou por suas andanças, determinando, como não poderia deixar de ser, que direcionassem os seus cursos para onde todos os Rios findam as suas jornadas: o velho, monumental, inquieto e sedutor Oceano.

O ciclo que ora se fecha e que discorre sobre mananciais de vida representados por quatro rios originados de uma pequena fonte d'água que brotou do chão em tempos remotos, conta uma história entre seres humanos que compõem uma família de muita união, movida por amor, amizade, respeito e indissociabilidade. Ao desaguar no mar, cada um ao seu tempo, os rios completaram as suas jornadas e ao integrarem a massa d'água criaram força, liberdade, união e a primazia de viverem unidos para sempre. Na areia que recebe carícias do incansável vai e vem das ondas, como por encanto, um velho pai admirava a imensidão das águas, imaginando por onde andariam seus filhos que há muito não via e por quem nutria amor profundo e, como num passe de mágica, percebeu que três pessoas caminhavam em sua direção e, qual não foi a sua surpresa ao perceber que eram seus filhos que se aproximavam e que, em alguns minutos, estariam se abraçando e matando a saudade que lhes afligia o coração. A emoção tomou conta e o abraço fechado em forma de círculo permitiu que se ouvisse, tão somente, a voz do silêncio, que só foi quebrado quando irrompe-

ram dos olhos as lágrimas incontidas, que se misturaram na areia que serviu de palco para o tão sonhado reencontro.

De mãos dadas, caminharam felizes pela imensa praia, singular testemunha do encontro programado por Deus e, depois de pactuarem que jamais, em qualquer circunstância, se separariam, iniciaram a marcha para retornarem ao ponto de partida e para a vida em união, quando um dos filhos chamou a atenção do grupo: se somos quatro caminhadores, por que vislumbramos somente seis pegadas marcadas na areia? O velho pai experiente e audaz, fitando o infinito como se esperasse uma resposta do horizonte para responder a indagação, lembrou da parábola que simbolizou o gesto de amor entre Jesus e seu acompanhante: “Quando faltaram duas pegadas entre as tatuadas na areia em que caminhamos, vocês, filhos queridos, me carregaram no colo”.

O reencontro dos quatro personagens que, por força do destino, como os rios e seus afluentes, juntaram-se na praia da vida, irmanados e conscientes de que somente a união e o amor constroem, renderam homenagem ao velho e incansável Mar que, soberano, revolveu as suas águas pacientemente até receber os quatro amigos inseparáveis e, para eles emprestou a primeira letra do seu nome, “M”, para compor as iniciais do grupo indissolúvel e coeso que construiu uma família alicerçada no respeito, carinho, amor, união, solidariedade, trabalho e fé.

Mar...

Mauro...

Marcelo... (Rafael e Felipe)

Maurinho... (Melina e Maria Eduarda)

Marcio... (Lucca e Bernardo).

**SÍLVIO RIBEIRO**

PROPAGANDAS ANTIGAS DE GUARULHOS

Esta é uma singela homenagem aos antigos comerciantes, industriários e prestadores de serviços guarulhenses, que praticamente iniciaram a vida econômica de Guarulhos, a maior parte concentrados na antiga e atual rua D. Pedro II, a partir dos anos 1940, profissionais valorosos e empresas, que não existem mais.

Guarulhos tem como data de nascimento o dia 08 de dezembro de 1560.

Durante mais de 350 anos a partir de sua fundação, o município de Guarulhos verdadeiramente ficou inerte, sem comércio, sem prestadores oficiais de serviços e principalmente referente a indústria em geral, apenas simples prestadores de serviços, com qualificações profissionais adstritas à prática do trabalho manual, como, por exemplo, na construção civil, ferreiros, sapateiros, seleiros.

Estes poucos exemplos apresentados através dos cartazes de propaganda, em sua maioria, tiveram suas participações a partir da segunda metade dos anos 1940, tidos durante suas permanências

no contexto econômico guarulhense, como assim diria a “célula mater” desse singelo movimento comercial, fabril e de prestação de serviços de Guarulhos.

RADIO-ELÉTRO GUARULHOS

Refrigeradores — Maquinas de lavar roupa — Radios e Televisores de todos os tipos — Vendas á vista e a prazo — Laboratório para consertos e reformas de qualquer tipo de radio Discos — Albus — Musicas — Métodos — Instrumentos Musicais — Bicycletas — Maquinas de costuras — Fogões a gás de todos os tipos

HEITOR REGANELLI

REPRESENTANTE DA GAZ BRAZ

Maquinas e artigos fotograficos — Filmes de todas as marcas e tamanhos — Pannels de pressão — Etc.

RUA D. PEDRO II, 158 e 169 — GUARULHOS

CASA SÃO JOÃO

Artigos das melhores qualidades por preços vantajosos — Calçados — Calças — Camisas — Cuecas — Gravatas — Meias e Cintos. — Grandes sortimentos em artigos de perfumaria.

MIUDEZAS EM GERAL

RUA D. PEDRO II, 248 — GUARULHOS

— DE DEO —

ALFAIATE EX-CONTRA MESTRE DO
M APPIN

Rua D. Pedro II, 161 — Salas, 1 e 2 —
2.º Andar

GUARULHOS

MERCEARIA IMACULADA CONCEIÇÃO

JOSE' DA SILVA CAVADAS

SECOS E MOLHADOS — BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS — FRUTAS FINAS — VENDA ATACADO E A VAREJO. — ENTREGAS A' DOMICILIO

RUA D. PEDRO II, 249 — TELEFONE, 48 —
CHAMADO — GUARULHOS — EST. SÃO PAULO

GRATIS
UMA CASA DE 15 EM 15 DIAS COM AS CESTAS DE
NATAL
AMARAL
OS MAIS FINOS PRODUTOS NA MELHOR CESTA DE
NATAL
Procure agora mesmo o agente local, e concorra ainda esta
quinzena ao sorteio de uma casa no valor de 1/2 milhão de
cruzeiros.
RUA 7 DE SETEMBRO, 301 — GUARULHOS

ESCRITÓRIO POLI
CONTABILIDADE — ASSUNTOS FISCAIS — SEGUROS
EM GERAL. — ABERTURAS — TRANSFERENCIAS E
ENCERRAMENTOS DE FIRMAS — COMERCIAIS E IN-
DUSTRIAIS. — ESCRITURAÇÃO DE LIVROS FISCAIS
E COMERCIAIS
POLI, SILVEIRA & CIA.
CORRETORES DE IMÓVEIS SINDICALIZADOS
Filiados: ao Centro dos Despachantes do Estado de S. Paulo
RUA D. PEDRO II, 127 — FONE: 13 (Interurbano)
GUARULHOS

DR. HATSUO UENO
CIRURGIÃO DENTISTA
CIRURGIA — OXIGENARGENTOTERAPIA — DENTA-
DURAS — PONTES MOVEIS E FIXAS
Das 9 às 11.30 — 13.30 às 18.30 e das 20 às 22 horas
Aos Sábados das 9 às 12.30
CONSULTÓRIO:
RUA D. PEDRO II, 180 — GUARULHOS — S. Paulo

FARMACIA DROGALAR
Marcondes, Camargo & Kratz Ltda.
PRODUTOS FARMACEUTICOS E PERFUMARIA A
PREÇOS DE DROGARIA
RUA D. PEDRO II, 201 — GUARULHOS

FARMACIA VITA

Produtos Químicos e Farmaceuticos, Artigos de Borracha,
Perfumaria em Geral — Medicamentos de Urgencia — Balão
de Oxigenio — Produtos Veterinarios

ALVARA 5553

INSCRIÇÃO 382

RUA 7 DE SETEMBRO, 313 — TELEFONE, 49
GUARULHOS

LICENCIAMENTO DE VEICULOS E DESPACHOS EM
GERAL

DESPACHANTE "MOYSÉS"

RUA D PEDRO II, 3 — TELEFONE, 4
GUARULHOS

MOYSÉS JOSE' ZERAIBE

MÁRIO ANTONELI
ARRUDA COTRIM
WALDYR F. PELICANO
ADVOGADOS

Rua D. Pedro, II 197 — GUARULHOS

Fábrica Dental "Suprema"

Modernísimas Cadeiras para Dentistas em diversos tipos



Hullemann & Reimann

Rua José Saraceni, 30

Guarulhos - Estado de São Paulo

UM SONHO REAL

CONTO

Viajavam calmamente em seu carro de marca Volkswagen – Passat ano 1974 pela rodovia Raposo Tavares, já em terras do estado de Mato Grosso do Sul, com destino à fazenda de seu pai, que fica naquela região brasileira, José Antônio, sua esposa Clarice e seus filhos menores: Cláudio, de nove anos; Elaine, de sete; Marlene, de seis; e Mirian, de quatro anos, no período noturno, pois ele havia trabalhado até o final da tarde e queria aproveitar o início das férias, que começava naquele dia, quando por volta da 1h30 da madrugada, nas proximidades do desvio para a estrada da cidade de Ivinhema, já no estado de Mato Grosso do Sul, inesperadamente deparou com uma imensa claridade sobre seu veículo, que vinha de um enorme aparelho que seguia seu carro, sobre o teto do mesmo, cuja claridade provinha de grandes holofotes direcionados para o carro, os quais, além de clarear todo o veículo, também iluminavam grande espaço ao redor.

A noite estava escura, não havia claridade da Lua, bem como a rodovia totalmente deserta e a região em que estava também muita deserta, apenas se avistava o pouco da estrada que era iluminada pelos faróis do carro.

Assustado com aquele quadro que se lhe apresentava e não sabendo do que se tratava, tampouco que atitude tomar, tratou de despertar sua esposa, que cochilava ao seu lado no banco de passageiro, dizendo-lhe:

– Clarice... Acorde... Algo de estranho está ocorrendo lá fora e eu estou muito preocupado com o que possa ser aquele enorme aparelho.

As crianças também dormiam meio amontoadas no banco traseiro do carro e nada sabiam do que estava ocorrendo.

Clarice, assustada, olhando através do vidro fechado do carro, também ficou imediatamente apavorada.

– O que será esse aparelho que vem nos seguindo nesta imensidão? Será que possa ser coisa de assaltantes que querem nos pegar? O que vamos fazer, José? E as crianças?

– Não sei o que fazer – respondeu-lhe o marido – Acho melhor a gente parar o carro para ver do que se trata e, se necessário, pedir ajuda a alguém que possa passar por aqui. Seja o que Deus quiser.

E assim fizeram, pois estava um tanto difícil continuar dirigindo o carro com todo aquele fenômeno ocorrendo sobre eles.

A preocupação maior era com as crianças, que nada sabiam do que estava acontecendo naquele momento.

José diminuiu a marcha do carro e o parou no acostamento da rodovia. Desceu para tentar verificar melhor o problema. Suas pernas tremiam como vara verde e seu coração parecia querer saltar do peito, tamanho era o apavoramento em que se encontrava.

Aquele enorme aparelho metálico, todo iluminado por luzes incessantes, percebendo que o carro de José parara, igualmente pairou suspenso no ar, próximo ao leito da rodovia.

Repentinamente, começou a ser aberta uma espécie de porta enorme na parte inferior do aparelho e através dela ser baixada uma escada metálica e por ela descendo dois seres magros, de estatura alta, com vestimentas claras e brilhantes e que vieram em direção do automóvel do José.

Nesse instante, Clarice, que já estava totalmente apavorada, viu sumir-lhe a voz, ficando completamente descontrolada.

José, com a aproximação dos estranhos seres que se dirigiam ao seu encontro, também ficou estatelado; não conseguia falar, gritar ou mesmo mover-se do lugar em que se encontrava, muito menos adentrar o carro: ficou como se tivesse sido hipnotizado.

O aparelho era realmente enorme, tinha o formato de um grande prato metálico e quase nem fazia ruídos.

As crianças continuavam a dormir no banco traseiro do carro. Clarice quase desmaiada.

Os dois seres se aproximaram de José e começaram a lhe fazer perguntas num tipo de língua tão estranho, que ele não conseguia entender nada. Parecia tratar-se de pessoas diferentes dos seres humanos, a despeito da aparência dos mesmos serem idênticas às dos humanos.

Apresentavam-se educadamente, comedidos e não apresentavam características agressivas ou que desejassem praticar qualquer tipo de maldade ou agressão a José e sua família.

Diante daquele quadro inusitado que estava ocorrendo, José foi recobrando seu estado emocional, a tal ponto de também tentar se comunicar com os estranhos que estavam parados diante de si.

Clarice também começou a recobrar seu estado emocional normal, chegando também a sair do carro, colocando-se junto a José, para melhor visualizar os estranhos.

Percebendo que os estranhos não lhes causariam algum mal, passaram a gesticular de formas variadas para ver se conseguiam se comunicar com aqueles seres estranhos e tentar perceber o que eles queriam.

Rapidamente começaram a entender as intenções dos estranhos, chegando mesmo a compreender que estes eram seres alie-

nígenas que estavam viajando pelo espaço e que estavam por aqui tentando se comunicar e saber algo sobre as coisas da Terra.

O entendimento de todos foi de tal sorte, que conseguiram ganhar a confiança de José e da Clarice, a ponto de convidá-los a conhecer o interior do aparelho, uma espécie de nave e para lá se dirigiram todos, inclusive as crianças, que a estas alturas dos acontecimentos já estavam todas acordadas e, também, bastante assustadas, desceram do carro, postando-se junto aos seus pais e com estes foram fazer a visita oferecida.

Chegaram junto à escada do aparelho e, seguindo os estranhos, adentraram à nave e começaram a visitar o interior do aparelho, que era repleto de painéis eletrônicos, portas, salas amplas e muitas outras curiosidades que José, Clarice e os filhos desconheciam totalmente. Ficaram abismados de como era enorme o interior do aparelho e de tudo o quanto era diferente por lá.

A amizade dos estranhos ficou tão estrita, que além de fazê-los sentir que não lhes desejavam mal algum, convidaram-nos a participar de uma mesa de alimentos que estava montada. Tendo aceitado o convite, começaram todos a comer daqueles alimentos, que por serem diferentes dos que estavam acostumados a deglutir, muito deliciosos, as crianças se fartaram, repetindo a quantidade oferecida.

Tamanha era a educação e meiguice dos estranhos, que com carinho e paciência fizeram José e os demais compreenderem e ficarem tranquilos, pois eles nada mais queriam do que fazer contato com pessoas da Terra.

Após terem se alimentado e visitado toda a nave, foram novamente conduzidos para fora do aparelho. Recolhida a escada e com acenos de mão, despediram de José, Clarice e das crianças, fechando em seguida aquela enorme porta e, como num piscar de

olhos, o aparelho desaparecera com muita velocidade na imensidão da noite.

O relógio de José já marcava aproximadamente três horas da madrugada e todos retomaram seus lugares no carro para continuarem a viagem.

José, sem saber o que pensar, perguntou a sua mulher:

– Clarice... O que você acha sobre o que nos aconteceu? Eu não sei o que falar.

– José... Será que tudo não passou de um sonho? Mas as crianças também viram e participaram de tudo! O que se pode falar?

Não vamos contar para ninguém o que nos aconteceu nesta noite, pois com certeza ninguém acreditaria no ocorrido... Ninguém de nós deve tocar nesse assunto a quem quer que seja lá na casa do vovô. Está certo, crianças?

E assim seguiram estrada afora por mais cinco horas de viagem e já começava a amanhecer quando chegaram à fazenda do pai de José. Trataram logo de dormir adequadamente, para descansar daquela noite diferente por que passaram na viagem.



TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA

MEDO DO DESCONHECIDO

Quarta-feira de qualquer semana do ano de 2019, dia bonito, ensolarado, céu de brigadeiro como há muito não se via. O casal saiu cedo de casa com a incumbência de pegar a senhora Maria e levá-la para a praia. O intuito principal era levá-la para visitar o filho que não estava bem de saúde, há algum tempo. A preocupação da família era de que algo grave acontecesse e a mãe não conseguisse se despedir do seu caçula. Lá chegando, rumaram direto para a sua residência. Aparentemente bem, ele os recebeu. A preocupação da velha mãe não cessou, mas, diminuiu. Permaneceram na cidade por quatro dias, tempo suficiente para a atenção ser voltada agora para a mãe, senhora de 82 anos, em estágio inicial do Alzheimer.

Maria, mulher guerreira, cuidou sozinha dos quatro filhos, ativa a vida inteira e, agora, totalmente dependente, medrosa e impaciente. Esquecida, a cada instante repete as mesmas perguntas

que, pacientemente, lhes são respondidas. Casada em primeiras núpcias, teve quatro filhos sendo três mulheres e um homem. As três filhas tentam se compor quanto ao melhor caminho a seguir, qual o melhor tratamento para debelar a insidiosa doença. A matriarca já não reconhece a residência em que habita com a filha mais nova, há 38 anos, considerando ser visita. Questiona sempre: se estou aqui na casa dela, o que fizeram com as minhas coisas, meus móveis? Não posso ficar aqui sem as minhas roupas! Eu tenho marido para cuidar e preciso voltar para a minha casa! Estou com saudade da minha mãe e ela está me esperando! Algumas tentativas foram levadas a efeito para identificar a casa a que ela se refere, sem sucesso, pois, a velha mãe não identifica a localização da casa que traz na memória. Maria frequenta um ranchinho em Boiçucanga - São Sebastião e que foi adquirido há aproximadamente 30 anos, onde prazerosamente elegeu como local de descanso, sendo que ali permanecia feliz e sem se dar conta do tempo. Árvores frutíferas e já produzindo lhes enchiam as vistas e davam orgulho: “Olha que lindas as minhas arvorezinhas!”. Gostava de colher e comer as frutas cuidadas por ela, das quais, infelizmente, não mais se recorda.

Mensalmente, os remédios são ajustados para produzirem os efeitos desejados. A filha acompanhante que faz as vezes de: auxiliar, cozinheira, enfermeira, cuidadora, sem sombra de dúvidas, transforma-se, também, em motorista para levá-la aos médicos, que não são poucos. Quanto às demais filhas, buscam auxiliar na medida do possível na difícil tarefa; porém, Maria só se sente segura na companhia da filha que lhe assiste periodicamente. O quadro causa comoção e a evolução da doença é galopante. O neurologista que acompanha a paciente afirma que os remédios que atenuam as crises, em contrapartida, podem retardar o processo

evolutivo. Maria esquece o presente, lembra pouco do passado... e o futuro a Deus pertence. Triste, muito triste!

No último exame o resultado foi alarmante: O cérebro está completamente comprometido. Medo... Medo... Medo!

MA, MARIA, MADA, MAGDA, MAGDALENA... MUITO AMADA!

Grande mulher, sempre colocou os filhos acima de tudo e de todos, abdicando de suas vontades; o que lhe importava era o bem-estar da família. Se as crianças estavam saudáveis, Maria transbordava em felicidade. Protagonista de histórias mirabolantes engendradas por sua mente doentia, padecendo do mal de Alzheimer, cuja progressão não arrefece nem com remédios, tampouco, com a interferência de médicos especializados, a paciente definha a olhos nus. Impotentes, os filhos viraram coadjuvantes em suas histórias, às vezes muito tristes e, quando não conseguem acalmá-la em relação a alguma coisa que insiste e que existe somente no seu imaginário, amargam tristeza e dor.

Em feriados prolongados, a filha, companheira de todas as horas, viaja com a mãe. Num belo dia de Sol, rumaram para o ranchinho e por lá permaneceram uma semana, sem nenhuma intercorrência. No regresso para casa, Maria demonstrou revolta ao perguntar: “O que os meus móveis estão fazendo aqui? Só tenho filhos traíras! Esperaram eu sair de casa para trazer os meus móveis para a casa dela!”, disse, indignada com a sua fiel escudeira.

Foi constrangedor. Alguns vizinhos saíram para verificar o que estava acontecendo, assustados com o alarido. No dia seguinte, a segunda filha, sabendo do ocorrido, fez uma ligação de vídeo para conversar com a mãe, que recusou atendê-la. Sem opção, a filha desistiu do intento para que a mãe não ficasse mais nervosa. N'outro momento, em nova tentativa de fazer contato com a mãe, ouviu de Maria a seguinte explicação: “Me desculpe por não entender o que tinha acontecido e por ter causado confusão”.

No dia seguinte, a filha foi visitar a mãe que, sob os efeitos sedativos do remédio e mais calma, redimiou-se do ocorrido no dia anterior, pedindo desculpas novamente, justificando que a filha companheira a levou em passeio para local desconhecido e no retorno para o lar, confundiu os móveis com os que ela teve no passado e concluiu: “Hoje estou um pouco mais calma, mas ainda não me conformo”. Tentei argumentar, mas ela insiste no mesmo tema: “Se a casa é dela, o que as minhas coisas fazem aqui?”.

NOVO ANO, NOVAS ESPERANÇAS...

A cada ano, as esperanças se renovam. O ano passado foi difícil, este há de ser melhor. O evento Covid 19 complicou as coisas e, sem poder interagir, cada vez mais Maria se refugia em seu mundinho. Na tentativa de distrair a mãe e com o objetivo de minimizar o isolamento, o ano começou bem, pois estavam na praia: mãe, filha, neto e bisnetos. Os dias corriam tranquilos quando um dos bisnetos apareceu com um jogo de bingo. Grata satisfação:

Maria gosta de jogar e, principalmente, de ganhar. Cometia algumas confusões com os números e ficava feliz quando chamavam o algarismo de sua cartela.

A evolução da doença (Alzheimer) este ano parece acelerada, pois fato inusitado ocorreu depois da visita do filho, nora e netos que residem em Boiçucanga. Ao se despedirem e partirem, Maria cobrou da fiel companheira: “Quem é esse povo?”. Resposta: “Mãe, são seu filho, nora e netos”. Depois de algum tempo pensativa, retrucou: “Fica de olho neles, pois levaram todo o meu dinheiro”.

O retorno para Guarulhos foi traumático: Maria tremia e dizia estar passando mal e com medo de ser abandonada no mato ou na estrada. Já, em casa, novidade: o paladar mudou radicalmente, recusa alimentação, só come a mistura; arroz e feijão, nem pensar. Parece que o paladar tem preferência infantil. Às vezes conversa com tanta naturalidade que faz pensar que tudo está normal novamente. Ledo engano: eufórica, disse para a segunda filha: “Você é uma pessoa abençoada, vai me levar para ver minha mãe”. A frase desterrou a filha, uma vez que não podia cumprir o inusitado desejo, pois a avó faleceu há 12 anos. De outra banda, se torna engraçada quando lhe é perguntado alguma coisa e ela responde jocosamente, fazendo piada. Está cada vez mais difícil e, às vezes, parece que ela tem noção quando retruca: “Eu estou dando um trabalho danado!”

O tempo passa... A vida passa... A sensação de pertencimento passa... Passo a passo, eu acompanho no compasso do tempo, os passos cansados daquela que me ofertou a vida e mantenho acesa a chama da Esperança que, outrora, em tenra idade, num canto da casa, ouvi de um dos meus familiares a frase que soou suavemente:

“A esperança é a última que morre”. Não represei e nem tornei obsessão; simplesmente, registrei no imaginário.

A minha infância transcorreu sem atropelos e, naturalmente, como qualquer criança traquina, até que, como num lampejo fulgurante, mergulhei na adolescência e, em breve tempo, rememorei ansiosa a palavra tatuada em minha mente: “Esperança”. A lembrança se me apresentou com boas expectativas, pois, a esperança se revelou promissora, não tão longe do domínio, quando percebi que bastava sonhar para obter a materialização e esta metamorfose dependia grandemente de mim, dos meus atos, do meu esforço, da minha dedicação e, minimamente, de algumas circunstâncias materiais e/ou psicológicas, como fecho e conquista dos meus desejos, dentre os quais, ter minha mãe eternamente. O tempo, senhor de tudo, se incumbiu de fazer reverberar a mesma frase em bocas de pessoas distintas do primeiro registro da indelével frase “A Esperança é a última que morre”. A feliz descoberta permitiu que, mesmo acreditando na minha intuição, negativa ou não, devo manter sempre acesa a chama da esperança, pois, ela é o sonho do ser humano acordado!

**VALDIR CARLETO**

AS MÚSICAS BRASILEIRAS MAIS GRAVADAS EM TODOS OS TEMPOS

O Dia da Música Popular Brasileira é festejado todo dia 17 de outubro, em homenagem ao nascimento da compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga, no ano de 1847.

Para comemorar a data, o Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) fez um levantamento sobre as músicas brasileiras mais gravadas até agora e constatou que houve uma mudança na liderança desse ranking.

“Aquarela do Brasil”, de autoria de Ary Barroso, voltou ao topo, com 414 gravações. “Garota de Ipanema”, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, agora ocupa a segunda posição com 413 gravações e está à frente de “Carinhoso”, de Pixinguinha e Braguinha, que era a primeira colocada em abril deste ano e, no momento, é a terceira, com 411 gravações.

Atualmente, entre as cinco primeiras colocadas, também estão “Asa branca”, de Humberto Teixeira e Gonzagão (357 gravações), e “Manhã de carnaval”, de Luiz Bonfá e Antônio Maria (292 gravações).

Nesse ranking, Tom Jobim se destaca por fazer parte da autoria de sete entre as 15 músicas mais gravadas em todos os tempos.

As alternâncias nesse ranking ocorrem a partir do cadastro de novas gravações de músicas nas associações (Abramus, Amar, Assim, Sbacem, Sicam, Socinpro e UBC), que formam a gestão coletiva no Brasil e administram o Ecad.

Veja o ranking das 15 músicas brasileiras mais gravadas de todos os tempos:

- 1 - Aquarela do Brasil - Ary Barroso- 414 gravações
- 2 - Garota de Ipanema- Vinicius de Moraes / Tom Jobim – 413
- 3 - Carinhoso - Braguinha / Pixinguinha - 411
- 4 - Asa branca - Humberto Teixeira / Gonzagão - 357
- 5 - Manhã de carnaval - Antonio Maria / Luiz Bonfá - 292
- 6 - Eu sei que vou te amar- Vinicius de Moraes / Tom Jobim - 267
- 7 - Corcovado- Tom Jobim- 252
- 8 - Chega de saudade- Vinicius de Moraes / Tom Jobim- 251
- 9 - Wave- Tom Jobim - 247
- 10 - Desafinado- Newton Mendonca / Tom Jobim - 237

- 11 - As rosas não falam- Cartola- 221
- 12 - O barquinho- Roberto Menescal / Ronaldo Bôscoli- 208
- 13 - Insensatez- Vinicius de Moraes / Tom Jobim - 202
- 14 - Eu só quero um xodó - Dominginhos / Anastácia - 195
- 15 - O menino da porteira- Luizinho / Teddy Vieira - 193

EX-SECRETÁRIO VITOR SOUZA PARTICIPA DO PROJETO “CONVERSAS NO CAFÉ BAR”

O ex-secretário de Cultura de Guarulhos Vitor Souza foi entrevistado por mim, em 27 de setembro, no projeto Conversas no Café Bar, desenvolvido pelo Espaço Livre Café Bar, iniciativa da empresária Vera Novo, transmitido ao vivo pelo Youtube do Espaço Livre Café Bar, onde fica disponível para ser conferido a qualquer momento.

O projeto foi patrocinado pela Lei Aldir Blanc, por meio do Funcultura da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Guarulhos, com recursos da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, do Governo Federal.

Souza fez um rápido balanço de sua atuação como secretário da Cultura, citando os principais feitos e relatando alguns obstáculos que precisou superar, ao reestruturar a Pasta, que havia ficado subordinada à Educação por dois anos no início da primeira gestão do prefeito Guti (PSD).

Parte da entrevista foi dedicada aos muitos projetos culturais que são desenvolvidos de forma quase anônima nos mais diversos bairros da cidade. Na opinião do ex-secretário, não é preciso muito para que o poder público ajude a fomentar esse trabalho, que merece ser apoiado e incentivado.

Ele também relatou os princípios que o levaram a criar o portal Guarulhos Cultural, em conjunto com a jornalista Carla Maio. Trata-se de um canal para concentrar informações sobre atividades culturais e eventos da classe artística da cidade:

www.guarulhoscultural.com.br

MASSAMI KISHI HOMENAGEADO PELA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

O fotógrafo japonês Massami Kishi, radicado em Guarulhos e que registrou momentos históricos em várias fases da cidade, completou 92 anos de idade no dia 4 de agosto, recebendo em sua casa a visita do deputado estadual Márcio Nakashima (PDT), para lhe entregar uma placa em sua homenagem, conferida pela Assembleia Legislativa, por propositura do parlamentar. Em sua justificativa, Nakashima explicou que Massami prestou inúmeros e relevantes serviços à história de Guarulhos e à comunidade japonesa.

Massami está bastante lúcido, digita diariamente suas memórias em computador e conserva um imenso acervo de fotografias, além das que doou ao Arquivo Histórico Municipal. Goza de boa saúde, embora não esteja ouvindo nem conseguindo falar. Manifesta-se por escrito, locomove-se sozinho e acompanha o no-

ticiário. Sua filha Myrna e sua esposa, Luzia, disseram que “ele sabe de tudo que acontece”.

A convite da família, participei do encontro, que contou com a presença de assessores de Nakashima, incluindo a jornalista Luciene Oliveira, que trabalhou comigo na equipe do Jornal Olho Vivo, depois Diário de Guarulhos, e foi minha aluna no único semestre em que lecionei na Faculdade de Comunicação Social da UNG, em 1997. Airton Lima e Issao Hoshino também estiveram na homenagem.

Durante muitos anos, Massami publicou no Olho Vivo a coluna “Guarulhos, Século XX”, narrando fatos que ele testemunhou na vida política e social da cidade. Eternizando o trabalho de Massami, a Prefeitura publicou o livro do mesmo nome, com o conjunto de artigos, todos ilustrados com fotografias em preto e branco.



Registro com emoção a oportunidade desse reencontro. Já no Jornal “Comunicação”, que editei para o Conselho Comuni-

tário do Parque Cecap na virada dos anos 1970 para 1980 e que antecedeu o Olho Vivo, as fotos eram reveladas no estúdio do Foto Massami, no Centro de Guarulhos. Assim foi também no Olho Vivo, por muito tempo. Gratidão imensa ao Massami e à sua família pela calorosa acolhida. Agradeço também ao deputado Márcio Nakashima pela iniciativa de homenagear Massami.

O QUE FAZER SE QUEM MORA NA RUA SE RECUSAR A IR PARA ABRIGO?

Nos períodos de frio intenso, cresce a importância de as autoridades oferecerem condições para que pessoas em situação de rua possam proteger-se do frio, evitando o risco de morte por hipotermia. Vários dispositivos legais, incluindo a LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) responsabilizam o poder público por prover acolhimento, atendimento social e alimentação a todos os cidadãos, sem qualquer tipo de discriminação ou preconceito. E há cogitações de punições a autoridades que negligenciarem os cuidados e que, em decorrência, pessoas venham a falecer como vítimas do inverno rigoroso.

No entanto, as equipes de abordagem social enfrentam resistência de muitas pessoas em situação de rua em ir para abrigos, sob os mais diversos argumentos, entre os quais o inconformismo com submeter-se a regras, tais como horários, proibição de consumo de bebidas alcoólicas e drogas. Outro motivo apontado diz respeito aos animais de estimação que, geralmente, as acompanham. Nesse sentido, alguns abrigos permitem que os moradores em situação de rua os levem com eles.

Quando nem a própria necessidade de algum conforto, nem os argumentos dos agentes os convencem, como proceder? Por

exemplo, a Cartilha de Direitos do Morador de Rua, elaborada pelo Ministério Público de Minas Gerais, cita: “As pessoas têm o direito de ficar nos espaços públicos e são livres para estar nesses locais, não podendo ser desrespeitadas no seu direito de ir, vir e permanecer”. Há vedação expressa à remoção de pessoas por estarem em situação de rua, na Resolução no. 40 do Conselho Nacional dos Direitos Humanos, vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que aqui transcrevemos.

Quem tiver interesse em conhecer a íntegra da Resolução pode acessá-la clicando no link: [RESOLUÇÃO Nº 40, DE 13 DE OUTUBRO DE 2020](#)

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos/
Conselho Nacional dos Direitos Humanos

Art. 23 O Estado deve garantir às pessoas em situação de rua o direito à cidade, constituído entre outros pelo direito de:

I - ir e vir;

II - permanecer em espaço público;

III - acessar equipamentos e serviços públicos

Parágrafo único. É vedada a remoção de pessoas em espaços públicos pelo fato de estarem em situação de rua.

O que você faria?

Conhece experiências que deram certo?

Se você fosse prefeito, governador ou outra autoridade, que atitude entende possível de ser tomada quando algum morador de rua recusa ir para o abrigo, ainda que o frio esteja intenso?

Quais outras atitudes seriam eficazes para as pessoas em situação de rua aceitem passar por tratamentos de saúde, desintoxicação, higiene?

Conhece experiências exitosas em outras cidades, que possam ser adaptadas em Guarulhos, São Paulo e outros municípios onde é grande a população que vive nas ruas?

O que não falta no Brasil são flagrantes de como o nosso povo é mal-educado no trato que tem com as cidades onde vive, principalmente nos grandes conglomerados populacionais.

São comuns cenas que demonstram como o comportamento das pessoas contribui para que Guarulhos e outras cidades sejam sujas e mal-cuidada. A zeladoria a cargo dos órgãos públicos tem ficado muito aquém do necessário, ainda mais durante a pandemia, quando muitos servidores mais idosos estão afastados das atividades, para evitar serem contaminados pelo coronavírus. Mas, há de se considerar que a população também não tem feito sua parte.

Nada justifica que lixo seja jogado às margens dos córregos. Além de lixo doméstico, jogaram madeiras, que estão prestes a cair no córrego. Sob o argumento de que possa vir a ser útil a alguma pessoa, despejam nas vias públicas restos de móveis e até eletrodomésticos.

A realidade é que muitos munícipes agem sem levar em conta o direito das outras pessoas. Não têm zelo pela natureza, nem pela saúde dos semelhantes. Tomam atitudes sem considerar que haverá consequências. Como se ao jogá-los, seus dejetos fossem para fora do planeta.

O lixo, mesmo reciclável, jogado na beira do córrego acabará indo para o rio, poluindo as águas. Do rio, irá para o mar, enve-

nenando e asfixiando peixes e outros animais marinhos. O mesmo mal é provocado pelas bitucas de cigarros. Quem as joga nas vias públicas parece desconhecer que não é um ato isolado. Em uma cidade como Guarulhos, onde se pressupõe que haja 300 mil fumantes, se cada um fumar um maço de cigarros por dia e jogar as bitucas na rua, serão 6 milhões de bitucas que acabarão indo para o mar. Imagine quantos plásticos são carreados indevidamente para os rios e mares a cada dia!

Agora, na pandemia, milhões de máscaras são descartadas diariamente. E muita gente as joga nas ruas, sem a menor cerimônia. As que têm alças, se chegarem ao mar, farão com peixes se enrosquem nelas, engasguem, morram.

Os poderes públicos precisam mudar seu modo de agir. Se a Prefeitura continuar agindo como de costume, terá os mesmos maus resultados. Finalmente, começou a operação Cata-Treco, com caminhões passando para recolher materiais inservíveis. A nova empresa contratada para coleta do lixo doméstico iniciou a coleta seletiva de materiais recicláveis, em alguns bairros e irá ampliar as áreas atendidas, gradativamente. As duas novidades são muito bem-vindas. Mas, não são suficientes.

Nos pontos viciados de despejo de entulho e lixo, é necessário instalar câmeras. A fiscalização precisa ser multiplicada, rápida, presente. Quem for pego cometendo crimes ambientais tem de ser punido, exemplarmente.

E as famílias precisam mudar seus hábitos. Conscientizar-se que cada ato seu tem consequências para o planeta, que não suporta mais ser maltratado.

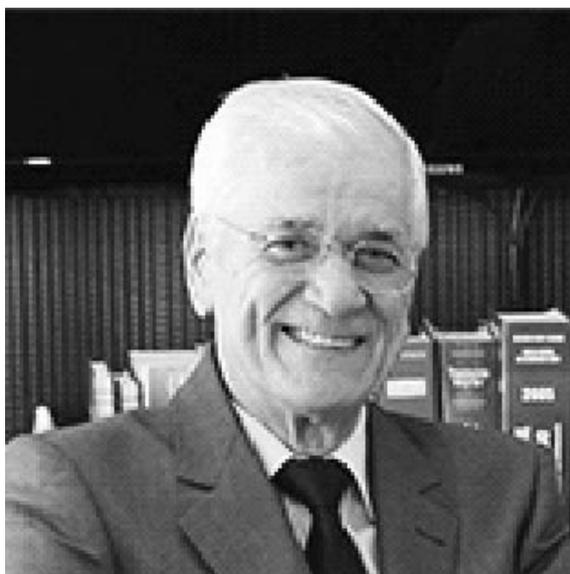
Que as crianças aprendam sobre isso na pré-escola e ensinem a seus pais, já que parece que eles não aprenderam quando eram crianças, nem depois que chegaram à idade adulta.

Enquanto o povo continuar agindo com essa má-educação, jamais o Brasil será uma Nação próspera. Somos um país que tem todas as condições para ser uma Nação exemplar. A mudança para que isso seja realidade começa em cada um de nós.



✧ 43 Anos ✧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE II
NOTA FÚNEBRE



NOTA FÚNEBRE - JOÃO CARLOS BIAGINI HOMENAGEM PÓSTUMA AO INSUBSTITUÍVEL ESCRITOR

A Academia Guarulhense de Letras se veste de luto e, paradoxalmente, seus membros se despem de toda a pujança que lhes confere a imortalidade para prantear a indesejável despedida de um de seus baluartes, semeador da cultura guarulhense.

Partiu para a última morada o inextinguível escritor João Carlos Biagini, detentor da Cadeira 24, cujo patronato esteve a cargo do ancestral José Manuel Mateos Martinez.

Trazido pelas mãos criadoras do confrade Clóvis Domingues, Biagini se nos apresentou como um ser de muita luz, apaziguador, amável e, como devotado advogado civilista, revelou o dote que abraçou ainda jovem: “A luta incessante pela união da família e em prol do direito inalienável à vida”. Tão grande era a sua entrega no exercício desse mister, que participou, ativamente, de um trabalho intitulado “Aborto, Cristãos e Ativismo do S.T.F.”, ao lado e em comunhão com renomados juristas que transitam pelo mais alto escalão da Justiça brasileira.

Biagini era um misto de alegria, cortesia, simpatia, solidariedade, bondade e luminosidade. Certamente, partiu para integrar alguma constelação. Tão autêntico em suas atitudes, que na sua apresentação como membro efetivo perante o Colegiado, falou sobre a sua saúde, abrindo o coração e declarando, emocionado, que era portador de deficiência cardíaca. Revelou que foi submetido a delicada cirurgia e mantinha-se em tratamento constante, enquanto aguardava esperançoso um implante de coração, depois de receber o veredito médico de que era a única solução para o seu diagnóstico.

Amparado pela família que tanto adorava, por amigos e por seus pares de Confraria, Biagini frequentava as festivas reuniões com habitualidade e, invariavelmente, quando adentrava a sala de trabalhos, entregava para a secretária Teresinha uma bandeja de quitutes que adquirira em confeitaria famosa nos arredores. O tradicional café das 15h tinha garantido delicioso acompanhamento.

De porte esguio e elegante, sempre se mostrou colaborativo e interessado por assuntos culturais, esposando seus pontos de vista

com brilhantismo e objetividade, tendo demonstrado o seu propósito e amor pelo Sodalício, expressando orgulho e respeito pelo termo “Imortal”, pois, mesmo depois do seu tombamento, seria eternamente lembrado como membro efetivo da AGL.

Em tempos pandêmicos e diante da impossibilidade de aglomerações, a virtualidade foi a única via de comunicação entre os acadêmicos, afastando impiedosamente os abraços fraternais e as trocas de afagos, práticas humanísticas substituídas pelo modo perverso do distanciamento, onde a saudade precariamente se dissipa pelo aparecimento na tela do computador dos inseparáveis soldados da cultura em nosso Município.

O tempo passou inclemente e, para alegria geral, Biagini trouxe a “boa nova”: comunicou via WhatsApp, que se encontrava internado para a cirurgia tão sonhada, pois chegara o coração que substituiria o órgão debilitado que lhe ajudou a amar e compartilhar com tantas pessoas que lhe proporcionaram bem-estar e felicidade ao longo da vida.

Do leito hospitalar, aguardando os atos preparatórios para o dia tão esperado, Biagini acompanhava as conversações entre os confrades pelo grupo da AGL. A reunião do mês de fevereiro em que o acamado lutava pela vida, foi em sua homenagem, desde a abertura de cunho religioso até o final, com votos de plena vitória e breve retorno ao nosso convívio.

Os desígnios de Deus são incontestáveis e a notícia que os pares aguardavam ansiosamente, o sucesso dos médicos e a vitória do saudoso Biagini, foi impactante: O acadêmico Clovis Domingues chamou para si a responsabilidade de comunicar que, infelizmente, o acadêmico Biagini não suportou a intervenção cirúrgica, incorrendo em óbito.

O Sodalício ficou silente e, em preces rogou ao altíssimo: Paz e um lugar iluminado de destaque merecido ao “Imortal João Carlos Biagini”.

“NA ACADEMIA EXISTE VIDA”

(Laerte Romualdo de Souza)

Mauro dos Santos Oliveira
Acadêmico Efetivo



✧ 43 Anos ✧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

**PARTE III
RECONHECIMENTO
E GRATIDÃO**



MEMÓRIA

OSVALDO TASSI (1941-2021), O MESTRE DO RÁDIO ESPORTIVO GUARULHENSE

Honra-me imensamente escrever este texto em homenagem ao homem que abriu as portas – e os microfones – do rádio para mim.

O ano era 1978. O então garoto sonhador da Vila Galvão conheceu o já respeitadíssimo Osvaldo Tassi. Ele sorriu e me disse: “Se quiser fazer parte da equipe de esportes da rádio, você será bem-vindo”. Gostei dele de imediato, e o adotei como meu mentor no veículo de comunicação que sempre amei.

A primeira etapa desta história durou dois anos. Foi tempo suficiente para eu encontrar na experiência do Tassi o modelo para ser comunicador atento e respeitoso, entendendo que tudo o que se faz no rádio é para bem informar o ouvinte.

Reencontrei o Tassi no final da década de 1980. Ele e J. Amaral (comentarista esportivo, também falecido) foram designados pela Prefeitura para definirem quem seria o representante de Guarulhos no programa “Cidade contra Cidade”, apresentado por Gugu Liberato (1959-2019). Eu fiquei entre os dois finalistas, mas abri mão após sucessivos empates que invadiram o período da noite. A inesgotável paciência de Osvaldo Tassi despertou-me a atenção uma vez mais.

Muitos anos se passaram. Em 2007 eu assumi o posto de âncora do radiojornal RBN Notícias, da Rádio Boa Nova 1450 AM. Onofre Miranda foi destacado para ser o setorista de Esportes. Quis o destino que, um ano depois, Onofre terminasse a sua missão terrena. Osvaldo Tassi foi, então, convidado para atuar ao meu lado – e aceitou o desafio... O meu mestre estava de volta na minha vida. E seria assim até o final de seu tempo na Terra.

Deus, em sua infinita magnanimidade, permitiu-me sorver inúmeras lições de Sabedoria da convivência com o Tassi. Em uma delas, o mestre ensinou o seu discípulo a jamais julgar al-

guém por atitude aparentemente infeliz. Tassi realmente sabia das coisas... Em 2009, apresentando o programa “História de Vida” na extinta TV Cantareira, eu pude homenagear Osvaldo Tassi. Foi uma singela retribuição pelo muito que eu devia (e devo!) a ele.

O último capítulo de destaque desta história foi escrito no dia 10 de fevereiro de 2017, no auditório Dr. Baeta Neves da Fig-Unimesp. Naquela ocasião, eu fui publicamente empossado presidente da Academia Guarulhense de Letras para o biênio 2016-18. Indicado pelo acadêmico Clóvis Domingues, o nome de Osvaldo Tassi foi aprovado para receber a honrosa Medalha João Ranali (1913-2007). Em seu discurso, Tassi enalteceu o valor da Comunicação na arte de compartilhar ideias e ideais.

Voe em paz, mestre. Você fará muita falta aqui.

Quem foi?

Osvaldo Romualdo Ernesto Tassi nasceu em 20 de junho de 1941 em Taquaritinga (SP). Personagem importante na história do esporte amador, Tassi veio para Guarulhos nos anos 1960. Foi contratado por Osmar Marsilli (1929-2020), diretor da antiga Rádio Difusora Hora Certa, que acabava de ser adquirida pelo Centro Espírita Nosso Lar - Casas André Luiz.

A primeira providência de Tassi foi criar programa de estúdio para dar cobertura ao futebol amador. Logo depois começou a transmitir as partidas no “Fioravante Iervolino”, principal estádio da cidade na época.

O rádio sempre foi o veículo que promoveu o esporte nas cidades do interior. E esse papel foi cumprido em Guarulhos por Osvaldo Tassi, que rapidamente se transformou na principal autoridade sobre o tema. Casado com dona Isabel, Tassi teve três filhos e quatro netos.

Tassi faleceu de causas naturais, aos 80 anos, no dia 15 de agosto de 2021.

José Augusto Rodrigues Pinheiro
Acadêmico Efetivo



✧ 43 Anos ✧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE IV
SINOPSE DAS ATIVIDADES
RECENTES DA AGL

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS: DE JULHO DE 2020 A JUNHO DE 2021. A SAGA CONTINUA.

Prestes a completar 43 anos de existência, a AGL fulgura no apogeu da cultura guarulhense e, por seus pares, vigia, zela, difunde e cultua a língua pátria, disseminando as letras por todos os quadrantes do nosso Município, remontando aos tempos idos dos nossos valorosos ancestrais.

Para ordenar as atividades acadêmicas os escritores se reúnem, virtualmente, todas as últimas quartas-feiras de cada mês, pontualmente às 14h, para discorrer sobre assuntos pautados de acordo com as atividades culturais em evidência.

A somatória das doze reuniões municidadas por diversas e incontáveis obrigações permite que continuemos a retratar a História do Sodalício que, a partir do mês de julho de 2020, passamos a registrar a vida pulsante nas letras que transcenderão ao cenário da imortalidade.

Em 29/07/20 - A presidente Antonia inaugurou o encontro virtual proferindo palavras de conforto e orientação às decisões possíveis. Na sequência, o maestro Colacioppo, ao piano, apresentou o Hino da Confraria de forma reverencial. Seguiram-se as homenagens ao santo do dia, São Cristovão, protetor dos motoristas, tendo o confrade Jerônimo traduzido o nome do santo: “Condutor de Cristo”. Antonia lembrou que o escritor Virgilio Ferreira conta em reduzida biografia como são belos os países banhados pelo mar, o que se pode notar, de seu amor e respeito pelos oceanos através da frase “Da minha língua vê-se o mar”. O confrade Valdir, em doce lembrança, referiu-se ao saudoso Castelo Hanssen e em forma de homenagem recitou um poema de autoria do poe-

ta recentemente falecido, cuja letra se assemelha com tempos de pandemia, intitulado “Lei Seca”. A presidente abordou o assunto cadeiras vacantes pedindo informação para a Secretaria Administrativa sobre a avaliação dos postulantes aos cargos. O secretário Mauro esclareceu que são quatro os postulantes, dois indicados pelo confrade Valdir, um apresentado pela presidente Antonia e outro trazido pelo confrade Augusto. Submetidos a apreciação da comissão julgadora, os escritores Karla, Jandilisa e Devanildo foram avaliados como aptos para o ingresso na Confraria, tendo o Colegiado definido que, antes da consagração, sejam interpe-lados sobre a possibilidade de dedicar tempo em prol da AGL, providência que será levada a efeito na reunião do mês de agosto com a participação dos candidatos, que serão convidados por seus mentores. Levando em conta os últimos detalhes para a edição da Revista 2020, a preparação e ajustes finais ficarão sob os cuidados dos profissionais: Valdir, Augusto, Fábio, Clovis e Jerônimo que se encarregarão de viabilizar a feitura do livro.

Em 26/08/20 - A presidente Antonia cumprimenta aos pares dando como iniciada a reunião virtual do mês de agosto.

O inextinguível maestro Colacioppo, ao piano, replicou o símbolo musical em reverência acadêmica, fazendo soar o Hino da Confraria, antecedendo as honrarias levadas a efeito em homenagem aos ancestrais tombados e aos aniversariantes do mês.

Ato contínuo, foram recepcionados os postulantes aos cargos efetivos, aos quais o primeiro secretário esclareceu as responsabilidades com o comprometimento acadêmico, consistentes em: representatividade, reuniões mensais, compromissos culturais e propagação do nome da Confraria. Quanto aos gastos forçados do Sodalício, há a necessidade de colaboração espontânea para cumprir, minimamente, encargos essenciais. Cada um, de per si, os novatos manifestaram consciência das obrigações gerais, declarando satisfação e prazer em abraçar a causa acadêmica. A secretária Teresinha sugeriu que a consagração festiva dos novos

membros ocorra por época do encerramento dos trabalhos do ano andante, portanto, na solenidade de lançamento da Revista 2020, em oportuno tempo.

O acadêmico Clovis, concordando com a processualística aventada, rogou que os novatos sejam perseverantes para superarem as dificuldades e se aliem aos demais pares para ver prosperar cada vez mais a nossa Confraria. A integração entre a AGL e o órgão público se revela com a exigência do secretário de Cultura, Vitor Souza, solicitando a indicação de dois acadêmicos para integrarem o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Guarulhos, culminando com a indicação dos seguintes membros: José Augusto Rodrigues Pinheiro - titular e Bosco Maciel - suplente.

Ao fim e ao cabo de mais uma reunião festiva, exauridos todos os assuntos pautados, a presidente Antonia afirmou que a Confraria se revitaliza com os novos membros, concitando-os a cerrar fileiras com os pares, em prol de difundir entre os munícipes o gosto e a oportunidade de estreitar laços com a cultura, o conhecimento e o saber.

Em 30/09/2020 - A presidente Antonia deu início aos trabalhos rogando luz e solução para os debates que ora se iniciam. Lembra, também, que setembro é o mês da Primavera, estação das águas, mês das flores e marco de inúmeras realizações culturais que fazem parte da grade oficial da Secretaria de Cultura, que conta com a participação efetiva dos membros da AGL.

Em participação especial e para gáudio dos presentes, o confrade Valdir Carleto, com sua verve artística, declamou a letra do Hino da Confraria. Aproveitando o clima de civilidade e emoção, a secretária Teresinha anunciou os aniversariantes do mês. Contrassenso, em seguida, com ares de sentimento e pesar, a secretária anunciou o passamento de alguns antigos companheiros que faleceram no mês de setembro de anos diversos.

Eis que surge o mês de outubro e, coincidentemente, a reunião datada de 28/10/2020 marca o dia que homenageia o devoto São Judas Tadeu, lembrado pela presidente Antonia que registrou louvores rogando paz, saúde e consciência cívica para todos os povos do Universo.

Véspera de término de mandato da atual diretoria, a Secretaria Administrativa fixa no frontispício da sede da Confraria o Edital de convocação para eleição, cujo mandato transcorrerá nos anos 2021/2022, em obediência às normas estatutárias.

Como costumeiro, os acadêmicos se pronunciam reportando acontecimentos culturais registrados não só em nosso Município, mas, em todo o território brasileiro e quadrantes do Universo, considerando que cultura não se mede geograficamente, mas, pelo seu conteúdo, sua importância e magnitude no aspecto geral, vide matérias sobre o insidioso mal que afflige o Universo: Pandemia causada pelo aparecimento do vírus Covid19.

Habitualmente, onde se reúnem mais de dois acadêmicos, urge a necessidade de cultuar os nossos ancestrais, que são lembrados por seus feitos, suas obras, seus destaques e pela luta em prol da Confraria, que guarda, com todas as honras, a marca de seus legados.

Trago à baila um documento pouco lembrado e de suma importância no desenvolvimento da AGL: Os Estatutos que regem a vida acadêmica. Em seus assentamentos legais, uma norma dita que os membros que compõem a Diretoria devem se revezar de dois em dois anos e, a cada biênio muda-se a constituição através de um processo eletivo publicado por Edital de Convocação. Novos pares no comando para gerir e intensificar a luta acadêmica com o objetivo de manter o Sodalício em lugar de destaque no panteão da cultura guarulhense.

Embora estejamos ainda no curso do mês de outubro, a secretária Teresinha anunciou a data de encerramento dos trabalhos do ano andante, determinada pelo Colegiado, que optou pelo dia 09

de dezembro. A tradição será mantida com reservas, face à pandemia que grassa em todo o Universo. A solenidade pomposa que outrora ocorria em suntuoso anfiteatro nas dependências das FIG-Unimesp com presença de selete público e autoridades locais, hoje se resume a um encontro virtual entre os imortais que comemoram as formalidades, sem o deleite dos abraços, dos aplausos, dos sorrisos e da tradicional distribuição da Revista da Academia 2020.

O mês de novembro anuncia-se promissor. A exemplo dos meses pretéritos, nesta reunião a confreira Antonia propaga a derradeira reunião de 2020, fazendo singela retrospectiva do seu mandato como presidente, que expira no final do ano. De se esclarecer que a Confraria, sob o comando da acadêmica Antonia teve acentuado progresso, a exemplo de seus antecessores. A exímia escritora não só obedeceu regras para enaltecer o nome do Sodalício, mas envidou esforços com o objetivo de tecer loas e agradecimentos aos pares, buscando elogiar e endereçar méritos sempre que se reportava aos seus trabalhos.

Na Academia tudo é magnânimo, sai uma estrela, entra um raio de Sol e as substituições ocorrem em ritmo de festa, já que a Secretaria Administrativa cuidou de alinhar os componentes da próxima diretoria eleitos pelo Colegiado. Para capitanear o Sodalício no próximo biênio, foram erigidos aos postos de comando os acadêmicos: Valdir Carleto e Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, que serão assessorados por um selete grupo de escritores que comporão o quadro diretor.

O resplandecer de um novo ano, via de regra, traz ânimo e a AGL se ativa para dar continuidade nos trabalhos que buscam enaltecer o saber, o conhecimento, a cultura e o bom exercício do dialeto brasileiro. Nesta linha de raciocínio, o Sodalício marca presença na primeira reunião de 2021, ainda na forma virtual, considerando que o surto pandêmico grassa e extermina milhares de pessoas todos os meses, sem que avistemos uma luz no final do túnel.

A reunião de janeiro teve cunho produtivo e marcou o primeiro ato do presidente Valdir com gesto iluminado e profícuo, pois, ativando-se da sede e cumprindo todos os protocolos necessários, o presidente deu posse com efetividade a dois novos acadêmicos recepcionados pelo Colegiado. Foram erigidos com honras ao posto de Acadêmicos Efetivos os escritores: Devanildo Damiano e Karla Maria de Souza. Consagrados, os novos pares prestaram juramentos, receberam diplomas e insígnias e prometeram, acima de tudo, trabalhar pelo progresso da Confraria, honrando e aplicando a cultura, o saber e o conhecimento em prol dos amantes das letras e aos menos afortunados de escolaridade.

A tribuna foi o palco da reunião pós-férias com diversos acadêmicos mostrando trabalhos novos, transformando o encontro em ambiente festivo.

A marcha acadêmica não cessa e, no mês de fevereiro, os acadêmicos reuniram-se em solene encontro para decidir sobre assuntos eminentemente culturais. Após as recomendações de praxe elencadas pela secretária Teresinha, nota social deu o tom singelo às tratativas. Em recepção intimista, cumprindo todos os protocolos e sem perder o glamour da imortalidade, o presidente Valdir oficializou a consagração da confreira Jandilisa Grassano como Membro Efetivo da Academia Guarulhense de Letras. A solenidade informal justifica-se pela ausência da consagrada na data antes estabelecida, por motivo de força maior.

O mês de fevereiro se destaca pelas festas carnavalescas, porém, tolhidos pela peste que tomou conta do Planeta e submetidos a rígidos protocolos para não contrair o desconhecido e mortal vírus Covid19, não ocorrerá a maior festa popular do Brasil. Portanto, vamos carrear nossas energias para o saber, para a cultura e para o conhecimento.

Como único órgão oficial representante da Cultura e das Letras em nosso Município, a AGL mantém estreito e profícuo relacionamento com o órgão público, mais especificamente com a Secreta-

ria de Cultura, brilhantemente conduzida agora pelo Professor Jesus que, além de vice-prefeito, está à frente da Secretaria de Cultura.

Nesta reunião o presidente Valdir Carleto anunciou que esteve com Secretário Jesus, que manifestou o desejo de receber em seu gabinete os membros da AGL para estreitar o relacionamento entre as Instituições, ficando estabelecido o dia 02/03/21 às 9h para o encontro combinado. No dia aprazado, uma comitiva das Letras, encabeçada pelo presidente, esteve com o Secretário, ofertando exemplares da Revista da Academia e, recebendo do visitado promessa de conseguir ajuda financeira para as necessidades mais prementes e que, atualmente, são suportadas pelos Acadêmicos.

Disse, também, o presidente Valdir que esteve em visita na Escola 360, programa da Secretaria de Educação do Município, sendo recepcionado pelo coordenador, senhor Vítor Souza. Do emérito ex-secretário da Cultura, recebeu convite para que Acadêmicos interajam virtualmente com o alunado de unidades estudantis municipais, orientando na construção de livros e prestando auxílio sobre a iniciativa dos jovens nos meandros literários.

Na mesma seara, o presidente comunicou que recebeu convite do Senhor Marcos Amaral, chefe da Divisão que coordena os agentes de leitura recém-admitidos para atuarem pela Secretaria de Cultura, em contato com famílias de moradores de Guarulhos, para que membros da AGL sejam entrevistados pelos jovens e abnegados agentes. As entrevistas auxiliarão os agentes no exercício de aproximar os menos favorecidos no caminho da educação, incentivando o saudável hábito da leitura.

O mês de março anuncia precipitação das águas, fartura e clima ameno e, neste clima favorável, os Acadêmicos se movimentam para mais uma festiva reunião.

Após demonstração de pura civilidade e respeito às insígnias e aos saudosos ancestrais, foram iniciadas as tratativas para exaurir dúvidas, respostas, acertos e soluções pautadas pela Secretaria Administrativa.

O presidente Valdir trouxe à baila o assunto Agentes de Leitura que, devidamente preparados, deverão orientar munícipes menos aquinhoados a se aproximarem dos livros e, conseqüentemente, da escrita. Alguns acadêmicos já se ativaram na ilustre missão de se comunicarem, virtualmente, com os valorosos agentes, atestando que os partícipes demonstraram interesse e dedicação, manifestando vontade, curiosidade e apreço ante a possibilidade de adquirirem conhecimento e praticidade na arte de se comunicar.

O presidente colocou sobre a mesa assunto palpitante: Aperfeiçoamento, profissionalização, atualização e modernidade acerca do Site da Confraria, por sugestão da nova confrreira Karla Maria. Alguns técnicos foram consultados, porém, a contratação de profissional da área para ajuste e modernização do sistema não se materializa sem dispêndio econômico. Diante desta cruel realidade, a discussão foi adiada sine die.

Já que o tema “economia”, embora ilusório, traz esperanças, a Secretaria Administrativa informou que a documentação exigida pela Secretaria de Cultura para consagrar o Convenio entre as instituições já foi providenciada e será protocolizada em breve tempo.

O mês de abril chegou trazendo alvissas: o confrade Bosco Maciel trouxe a primeira Revista da ACAL “Academia Cajazeirense de Artes e Letras, ofertada pela coirmã ao nosso Sodalício.

Vale registrar que essa casa de ensino, fincada na longínqua cidade de Cajazeiras, no profícuo Estado da Paraíba, foi apadrinhada pelo nosso confrade e amigo Bosco Maciel que, cajazeirense de quatro costados, em suas andanças por lá, ouviu de escritor renomado que não morreria sem ler no frontispício de um prédio o nome de uma Academia de Letras que representasse o seu Município. O confrade Bosco, escritor e cordelista adotado por Guarulhos, não perdeu tempo: trouxe o assunto para o Colegiado, pedindo permissão para viabilizar o sonho do escritor amigo, o que lhe foi facultado com excelência.

Em breve tempo, Bosco viajou para Cajazeiras, convidado que foi para a inauguração da sede da tão sonhada Academia de Letras daquele Município. A AGL foi denominada como Madrinha da ACAL e o confrade Bosco eleito membro fundador da longínqua coirmã.

Em tempos pandêmicos e com obrigatoriedade de se manter rigorosamente os protocolos, as reuniões presenciais foram suspensas e substituídas pelas virtuais. Também, viraram moda as apresentações em espaços diversos denominados com nome americanizado de “Live”. Neste segmento, vários acadêmicos têm participado, obtendo grande repercussão e, conseqüentemente, difundido o nome da AGL em faculdades, espaços públicos e mídias televisivas, dentre os quais e com maior ênfase, os confrades: Antonia Vaz, Augusto Pinheiro, Ivo de Souza, Valdir Carleto, Karla Maria, Bosco Maciel, etc...

Nestas notas de cunho histórico, forçoso lembrar a cooperação do confrade André Figueiredo, expert em comunicação, que prepara o Link e dá suporte, possibilitando a conexão entre os pares nas reuniões virtuais e mensais.

O mês de junho resplandece anunciando a comemoração dos santos: Antônio, João e Pedro tradicionais e dados como milagreiros, cada um na sua especialidade, com destaque para Antônio “O Santo Casamenteiro” e, como fecho deste trabalho que busca dar continuidade à História da Academia, registro as notas que findam o exercício do ano em referência.

As reuniões, habitualmente, se revestem de mesuras, amabilidades, consideração e altruísmo e, neste clima ajustam as tratativas procurando soluções para os problemas e ratificando as obras e outros que tais, revestidos de mérito e benignidade. Vale lembrar que os embates e as decisões são precedidas de ato litero-musical, com a participação entusiasta do Maestro Colacioppo na apresentação do Hino da Confraria, ao piano.

Os acadêmicos alçam voos, a exemplo da confeira Karla que se ativou para se inscrever em projeto de apoio à cultura denominado PROAC, colocando-se à disposição dos confrades para dirimir dúvidas dos que tenham também interesse em inscrever projetos.

Trago à baila, forçosamente, a figura entusiasta do tesoureiro José Augusto Pinheiro, que tem, com muita propriedade, administrado a contabilidade do Sodalício e, neste encontro traçou diretrizes econômicas para que possamos realizar a edição da Revista da Academia 2021.

Em que pese a maciça aplicação de vacinas na população brasileira, que gera preocupação atroz com a Pandemia que já matou mais de 500 mil brasileiros, o Colegiado dedicou considerável tempo para discorrer sobre este tema. Todos manifestaram suas opiniões, cada um de per si e, ao fim e a cabo, apurou-se que ante a insegurança e a falta de esclarecimentos convincentes por parte dos governos Federal, Estadual e Municipal sobre o altíssimo número de mortos diários, torna-se inarredável o cumprimento absoluto dos protocolos necessários para se evitar o contágio e a infecção do insidioso mal denominado vírus Covid19. As reuniões continuarão a se desenvolver no modo virtual até que a praga seja debelada e, então poderemos nos reunir na sede como d'antes, trocando abraços e calor humano a mancheia. Nestes termos, encerraremos nossa viagem pelo tempo para deixar registrada a História da Academia nas páginas desta revista, até a presente data.

Mauro dos Santos Oliveira
Acadêmico Efetivo

Teresinha Silva Maltez de Souza
Acadêmica Efetiva



43 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE V
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL
JOÃO RANALI

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL
JOÃO RANALI

Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO
OSCAR GONÇALVES
ARISTIDES CASTELO HANSEN
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:

CLOVIS DOMINGUES
ARMANDO ATILIO COLACIOPPO SOBRINHO
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporações Musicais:

BANDA LIRA DE GUARULHOS
ORQUESTRA DE VIOLEIROS CORAÇÃO DA VIOLA

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS



✧ 43 Anos ✧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE VI
HINO DA AGL
LETRA E PARTITURA

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro dos Santos Oliveira*

1ª estrofe

Somos todos arautos de luz
Semeamos as letras e os versos
E o que falta, a escrita conduz
E a cultura inunda o universo.

2ª estrofe

E ao plantar letras pelas aldeias
Em processo de semeadura
Cultivando os livros à mancheia
Promovendo o saber e a cultura.

Refrão (Bis)

Honrando sempre os ancestrais
Os seus legados são eternos
Conferindo a paz aos imortais.

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro Santos de Oliveira*

Introdução

7 Canto - 1ª estrofe

So-mos to - dos A-rau-tos de lu - uz, se - me-am-mos as letras e os ver - sos, e o que

13 2ª estrofe

fal - ta a es-cri-ta con-du - uz e a cul - tu - ra i-nun-da o u-ni-ver - so E ao plan-tar le-tras pe - las al - dei - as em pro -

19 Coro - Refrão

ces-so de se - me-a - du - ra cul-ti - va-do os li-vros à man-che-ia, pro-mo-ven-do o sa-ber e a cul-tu - ra Hon-ran - do

26 Bis - Dal

sem-pre os an - ces - tra - is e os seus le-ga-dos são e - ter - nos, con-fo - rin - do a paz aos i-mor - tais

33 Coda Finale

Fine

Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*

Edição: *Dr. Euclides Tadeu Shergue*



✧ 43 Anos ✧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

**PARTE VII
GALERIAS**

**PRESIDENTES
ATÉ O ANO XLIV**



Gasparino José Romão
Gestão 1978 - 1998



João Ranali
Gestão 1998 - 2000



Flávio Cleto Giovanni Trombetti
Gestão 2000 - 2001

Adolfo Vasconcelos Noronha
Gestão set/2001 a mar/2002
O presidente faleceu e a gestão foi concluída
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.





Milton Luiz Ziller
Gestão 2002 - 2003

Ary Baddini Tavares
Gestões 2003 - 2004 e 2014 - 2016



Armando Atílio Colacioppo Sobrinho
Gestão 2004 - 2006



Bismael Batista de Moraes
Gestão 2006 - 2008



Aristides Castelo Hanssen
Gestão 2008 - 2010



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Gestão 2010 - 2012



Clovis Domingues
Gestão 2012 - 2014

José Augusto Rodrigues Pinheiro
Gestão 2016 - 2018



Antonia Conceição Vaz Duarte
Gestão 2018 - 2020



HOMENAGEM GRATIDÃO

Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza, que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.

Entre tantos desdobramentos que nos inspiraram a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.

“NA ACADEMIA EXISTE VIDA.”

Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo segundo ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.

*Clovis Domingues
Acadêmico Efetivo*

GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS
NESTE ANO XLIV

Alexandre Gargano Cavalheiro



André Figueiredo Rodrigues

Antonia Conceição Vaz Duarte





Armando Atílio Colacioppo Sobrinho



Ary Baddini Tavares

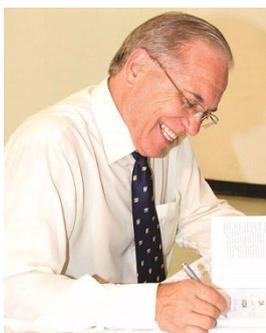


Aura Gold



Bismael Batista de Moraes

Clarimundo Oliveira Aguiar



Clovis Domingues

Devanildo Damião



Espedito Pinheiro de Souza



Fábio Cardoso dos Santos



Fernando Canto Berzaghi



Gil Campos de Farias



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

Ivo de Souza



Jacques Miranda de Oliveira



Jandilisa Grassano



João Bosco da Silva





José Augusto Rodrigues Pinheiro



José Roberto Jerônimo



Karla Maria



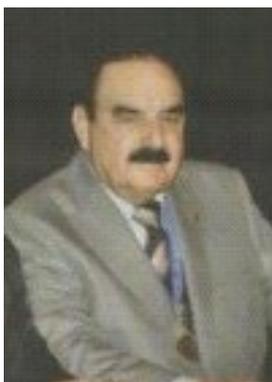
Lineu Roque Aceiro

Marlene A. Torrigo



Mauro dos Santos Oliveira

Plínio Tomaz



Sebastião Dácio de Moura Montans



Sílvio Ribeiro



Teresinha Silva Maltez de Souza



Valdir Carleto
